

SOLANGE STRAUBE STECZ

CINEMA PARANAENSE 1900 - 1930

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná concentração em História Social.

Orientadora: DR.ª OKSANA BORUSZENKO

CURITIBA
1988

*Ao Anibal, companheiro, que
questionou, discutiu e criticou
o trabalho em todas as suas etapas.*

AGRADECIMENTOS

À professora Oksana Boruszenko, pela orientação e confiança depositadas na realização do trabalho.

À professora Maria Ighes Mancini de Boni, pelas sugestões que enriqueceram o trabalho.

A todos os colegas pelo convívio durante o curso, especialmente à Sonia, Neda, Valéria, Anelise, Mariana e João Batista.

À Marcos Campos, pelas fotos feitas a partir dos filmes dos pioneiros paranaenses.

À Miriam, Clara, Geraldo, Hélio, Cido e Francisco Alves dos Santos, funcionários e Diretor da Cinemateca do Museu Guido Viaro, pelo apoio e incentivo.

Aos professores e funcionários do Departamento de História da UFPr.

À Dircéia e Doralice Zotto de Andrade, pela colaboração.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOS.....	v
INTRODUÇÃO.....	9
I. PRIMÓRDIOS DO CINEMA.....	21
I.1. A BUSCA DO MOVIMENTO.....	22
I.2. OS IRMÃOS LUMIÈRE.....	26
I.3. O INVENTO SE EXPANDE.....	30
I.4. O CINEMA CHEGA AO BRASIL.....	33
II. DAS COMPANHIAS AMBULANTES ÀS PRIMEIRAS FILMAGENS EM CURITIBA.....	43
II.1. AS COMPANHIAS AMBULANTES.....	44
II.2. OS FILMES EXIBIDOS.....	50
II.3. O HABITO SE INCORPORA AOS COSTUMES LOCAIS.....	60
II.4. O AVANÇO DO CINEMA ESTRANGEIRO.....	76
III. CINEMA PARANAENSE - 1907-1930.....	80
III.1. A PRODUÇÃO LOCAL.....	81
III.2. OS PIONEIROS.....	83
III.2.1. Annibal Requião.....	83
III.2.2. João Baptista Groff.....	100
III.2.3. Arthur Rogge - O sonho da industrialização...	131
IV. CONCLUSÃO.....	139
V. ANEXOS.....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	184

LISTA DE FOTOS

Cenas do filme "Carnaval em Curitiba" de Annibal Requião

Foto 1.....	66
Foto 2.....	69
Foto 3.....	90
Foto 4.....	152

Cenas do filme "Panorama de Curitiba", de Annibal Requião

Foto 5.....	92
Foto 6.....	155

Cenas do filme "Pátria Redimida" de João Baptista Groff

Foto 7.....	101
Foto 8.....	112
Foto 9.....	132

Cenas do filme "Cine Jornal nº 2" de João Baptista Groff

Foto 10.....	144
Foto 11.....	130
Foto 12.....	161
Foto 13.....	166
Foto 14.....	169
Foto 15.....	172

Cenas do filme "Hollywood Studios" de Arthur Rogge

Foto 16.....	132
Foto 17.....	136
Foto 18.....	183
Foto 19.....	185

*"La razón generativa del éxito fue estructural, vital; en el cine este público vio la posibilidad de experimentar, de adoptar nuevos hábitos y de ver reiterados (y dramatizados con las voces que le gustaría tener y oír) códigos de costumbres. No se accedió al cine a sonar: se fue a aprender".**

*BARBERO, Jesús Martín. De los Medios a las Mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía. p.180. Barcelona, Gustavo Gili, 1987.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A imagem faz parte do nosso cotidiano, acostumando-nos a pensar "visualmente" e a incorporar ao dia a dia gostos e costumes muitas vezes impostos pelo cinema ou pela televisão.

Na construção da realidade social, os meios de comunicação de massa têm um papel muito importante e o cinema, entre eles, pode ser considerado como o modo de expressão por excelência do século XX, estando a cultura e forma de ser da atualidade marcadas por sua presença. Da mesma forma que a literatura ou as artes plásticas, o cinema reflete a mentalidade de seu tempo, fornecendo ao historiador um instrumento de trabalho de possibilidades bastante amplas, através dos filmes documentários ou de ficção.

Tal o poder da comunicação do cinema que sua utilização política pode ser constatada no longo da história. Exemplo é a União Soviética, onde surgiram os grandes nomes do cinema mundial como Eisestein e Pudovkin, que produziram obras primas de louvor à revolução e ainda hoje provocam admiração, ou o projeto de propaganda de Hitler, que utilizou o cinema como forte veículo da propaganda nazista. Aliado ao rádio, o cinema contribuiu durante a II Guerra para envolver e seduzir multidões, como em Casablanca, filme do americano Michael Curtis de 1942, que preparava o povo para a guerra, através de uma romântica história de ficção passada no norte da África.

No Brasil, o cinema foi muito utilizado como instrumento de propaganda política durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. No período 1937-1945, os meios de comunicação foram utilizados para difundir as mensagens legitimadoras do governo, através de um sistema montado pelo Estado que monopolizava a produção e difusão de idéias. Dentro do Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP -, criado em dezembro de 1939, o cinema tinha um papel fundamental como instrumento de propaganda do regime. Através de documentários de exibição obrigatória, eram mostradas as comemorações e festividades públicas, as realizações do governo e de suas autoridades, seja a nível de poder central, seja nos Estados. No Paraná, João Batista Groff, um dos cineastas estudados por este trabalho, foi de 1940 a 1944 cinegrafista do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda - DEIP -. No período de outubro de 1939 a agosto de 1941, o DIP produziu 250 filmes, sem contar as produções regionais (dos DEIP) e das empresas particulares pagas pelo governo. Para abafar os protestos dos produtores que consideravam desleal a concorrência do governo, este criou concursos com prêmios em dinheiro para os melhores documentários, o que gerava filmes com temas de agrado do governo.

Mas não é apenas como instrumento de propaganda política que o cinema constitui uma fonte para os historiadores. Seu caráter de re-construção do mundo, da vida e do cotidiano da época que retrata, pode fornecer ao pesquisador um reflexo do momento em que o filme foi produzido. Sifried Kracauer, em seu livro "De Caligari a Hitler: história psicológica do cinema alemão", afirma, a propósito dos elementos que o filme pode fornecer para a compreensão de um dado momento histórico, que aquilo que os filmes refletem não são tanto questões explícitas mas aspectos psicológicos, leis profundas de uma mentalidade coletiva que se ramificam mais ou menos sob a dimensão da consciência. Para ele o filme traz uma "história oculta" da época em que foi feito.

Assim, diretores, roteiristas, atores deixam transparecer sua concepção do momento cultural que vivem através de seu trabalho. A imagem ganha força, constituindo-se num instrumento de comunicação que traz em si uma "história oculta". É nesse ponto que se dá a inter-relação cinema/história. Para tentar, por exemplo, reconstituir a "identidade" mexicana no início do século, nada mais natural do que recorrer a seus dramalhões cinematográficos, ou, no caso brasileiro, para estudar nossa incipiente indústria cultural nos anos 40 e 50, é indispensável conhecer a função da Atlântida e da Vera Cruz, que, respectivamente, em 1941 e 1949 realizam esforços para incrementar a indústria cinematográfica nacional, transformando o cinema brasileiro em bem de consumo, num mercado dominado pelo filme estrangeiro, em especial o norte-americano. O filme ressuscita visualmente o passado, mas para o historiador é necessário algo mais que imagens para se conhecer o passado. É necessário compreender a importância do cinema como produto cultural e meio de comunicação e, mergulhando em seu universo, procurar reconstituir passo a passo o cotidiano, os sentimentos e as fantasias, através de elementos que são fornecidos também por outras fontes que, junto com o filme, contribuirão para a reconstrução de uma realidade que se pretende estudar.

Utilizar o material fílmico requer um estudo aprofundado de outras fontes, já que sem um conhecimento da época, dos costumes e do contexto em que foi produzido o filme, o historiador pouco captará vendo-o. Mas, aliado a outras fontes, o cinema permite que o tema estudado seja compreendido a partir de uma nova dimensão, possibilitando a reflexão sobre o mundo moderno com maior amplitude e lucidez.

Desde seu nascimento, o cinema se relaciona intimamente com a história, seja pela utilização dos fatos históricos como tema, seja pelo fato de que é impossível compreender a sociedade contemporânea sem se referir à influência que os meios de comunicação têm sobre ela. Como fonte e

agente da história, o cinema foi definitivamente incorporado ao debate historiográfico das ciências sociais, tornando-se elemento ativo nos processos históricos e de documentação histórica, como já afirmou Marc Ferro. Rompida a barreira do distanciamento em relação à história, que mantinha muitos estudiosos no máximo no século XIX, o cinema possibilita um mergulho na história recente. Negar seu lugar nesta história é arriscar-se a interpretar de maneira incompleta o nosso tempo.

Buscando novos elementos para a história do cinema no Paraná, este trabalho se propõe mostrar a incorporação da magia cinematográfica aos hábitos de lazer do curitibano. No final do século XIX, as companhias de variedades que divertiam os frequentadores dos teatros Hauer e Guaíra em Curitiba costumavam trazer, entre suas atrações, silforamas, diapanoramas, nomes estranhos que representavam imagens em movimento, algo como os slides de hoje. A novidade fazia tanto sucesso e o interesse do público era tanto que em agosto de 1897, dois anos após a primeira sessão de cinema no mundo, uma destas companhias, a de Faure Nicolay, incluiu em sua temporada curitibana um "deslumbrante e fantástico diapanorama universal em combinação com o célebre cinematógrafo". Era o lançamento oficial do cinema em Curitiba.

Daquela primeira sessão, no teatro Hauer, até 1930, período abrangido por este trabalho, muitas mudanças ocorreram: salas especiais foram abertas, surgiram realizadores que desenvolveram um trabalho próprio no Estado e o espectador incluiu em seus hábitos a realização de um antigo sonho: a representação do movimento e a impressão da realidade que o cinema trazia. Esta sensação de magia do "festival de emoções que se chama filmes", no dizer de Roland Barthes está presente na evolução do cinema em Curitiba no início do século, através das primeiras exhibições ou dos três realizadores aqui analisados.

O objetivo principal deste trabalho é contribuir

para a incorporação de dados à tão desconhecida história dos cinemas regionais no Brasil. No caso do Paraná, somando-se aos esparsos estudos existentes sobre o tema, é recuperar a história das primeiras exhibições e filmagens realizadas em Curitiba no início do século, em especial pelos pioneiros paranaenses entre 1900 e 1930: Annibal Requião, João Baptista Groff e Arthur Rogge.

Através da inclusão dos dados relativos às produções paranaenses, pretende-se contribuir para a construção/reconstituição não apenas da história do cinema no Estado, mas de sua inserção no momento histórico como um todo.

Feitas estas observações, procuramos demonstrar a existência de características comuns entre os três pioneiros do cinema paranaense, Annibal Rocha Requião, João Baptista Groff e Arthur Rogge, na produção que vai do início do século ao final do período mudo do cinema (1930), e responder às seguintes perguntas:

- a) Na estruturação de seu trabalho, os cineasta paranaenses seguiam os moldes do Rio de Janeiro e São Paulo?
- b) Quanto à filmografia e à definição de seus temas, qual a influência dos financiadores dos filmes dos pioneiros paranaenses?
- c) A opção pelo documentário voltado aos temas locais, sem nenhuma incursão no campo da ficção, era um fator que garantia a continuidade do trabalho para os pioneiros e a conquista de um público potencial?

A resposta a estas perguntas e a verificação da existência de pontos comuns entre Requião, Groff e Rogge norteia este trabalho, que busca comprovar as características de um ciclo regional composto por eles.

FONTES E METODOLOGIA

Desenvolver um trabalho com a utilização de fontes cinematográficas implica em problemas metodológicos específicos, dada a particularidade desta fonte. É necessário o conhecimento de aspectos básicos ligados ao filme, entre eles técnica e montagem.

1. Técnica:

Os tipos de câmara e películas mais utilizados no período estudado são as de 35 e 16mm. A diferença fundamental entre elas é a resolutibilidade da imagem em 35mm, cujo fotograma apresenta, em relação ao filme de 16mm, um tamanho aproximadamente quatro vezes maior.

Os equipamentos de 16mm, introduzidos no mercado a partir da década de 20 permitem uma boa qualidade de imagem, com equipamentos e custo de laboratórios menores que os de 35mm. Sua facilidade de manejo e transporte permitiu maior versatilidade e num período mais recente (década de 60/70) a utilização pelas emissoras de televisão.

No que se refere aos tipos de película e a seu suporte é necessária especial atenção, uma vez que tanto os filmes negativos (que permitem realização de cópias) como os reversíveis ou positivos (que podem ser vistos diretamente sem necessidade de cópia) eram utilizados nas primeiras décadas do século. Vale salientar que filmes reversíveis eram frequentemente utilizados pelos pioneiros do cinema.

Quanto ao suporte, os filmes podem ser de nitrato ou acetato. Os primeiros filmes eram fabricados com suporte nitrato, ou seja, compostos de nitrocelulose e cânfora, uma composição instável que se decompõe a partir da fabricação. No processo de decomposição destrói a imagem de prata e a imagem em cores na emulsão. Ao liberar calor pode resultar em combustão espontânea, se não conservado em condições de temperatura adequada. Até a década de 50 utilizou-se quase que exclusivamente o nitrato de celulose como base das emulsões de filmes cinematográficos em 35mm.

O aperfeiçoamento do acetato e a vantagem de não apresentar auto combustão tornou-o o mais utilizado tanto para 35 como para 16mm a partir dos anos 50.

Estes aspectos são fundamentais para se compreender a recuperação de um filme que é o processo de transferência de imagens ou registros de uma película danificada ou antiga para outra nova. A recuperação objetiva ainda recompor a forma original do filme, implicando num estudo minucioso de suas condições de realização.

2. Montagem:

Montagem é um termo que envolve desde a simples junção dos fotogramas de uma película às técnicas complexas que Eisenstein e Pudovkin elevaram ao nível de arte e filosofia. Nas mãos de um montador uma mesma cena pode converter-se de um momento romântico a uma disputa violenta. Esta possibilidade de mudar infinitamente a ordem de um filme até que o montador ou seu realizador estejam satisfeitos com o resultado é que constitui o caráter único do cinema. O historiador deve desenvolver seu senso crítico com relação à montagem para ser capaz de captar seu ritmo, e sua flexibilidade, ciente que a montagem pode dar diferentes dimensões à uma mesma imagem.

Montagem implica em selecionar imagens para a construção de um filme, dando ao espectador a sensação de que a história, o documentário que ele está assistindo foi concebido daquela forma. Para o historiador, no entanto, é preciso penetrar neste processo de seleção/integração uma vez que do método de montagem empregado depende a eficácia da mensagem política e ideológica que o filme quer transmitir.

FONTES E METODOLOGIAS USADAS

Na realização deste trabalho, foram utilizados como fonte fílmica as produções de Annibal Reguião, João Batista Groff e Arthur Rogge, recuperadas pela Cinemateca do Museu Guido Viaro. Os filmes analisados, cujo conteúdo está no corpo do trabalho, foram várias vezes assistidos em cópias 16mm, feitas a partir das matrizes originais de 35mm. Foram feitas as transcrições dos letreiros e a descrição de cada quadro filmado, visando uma compreensão global do filme, através de sua temática e linguagem.

Além dos filmes foram utilizados jornais e revistas do acervo da Biblioteca Pública do Paraná, no período abrangido entre 1900 e 1930. Desta forma pode-se fazer um levantamento das primeiras exposições e filmagens em Curitiba até aquelas realizadas no final do período mudo (1930).

Os jornais consultados foram:

1900 - 1907

A República

Diário do Paraná

A Notícia

1908 - 1930

A República

Diário da Tarde

O Comércio

Comércio do Paraná

Gazeta do Povo

O Dia

A Tarde

Revistas:

1900 - 1930

Pátria e Lar

Olho da Rua

A Rolha

Raio X

Ilustração Paranaense

Para um levantamento mais preciso, foi feita a leitura completa de cada jornal e revista, para o levantamento sobre exhibições, filmes e realizadores. Este procedimento foi bastante útil pois as informações sobre o cinema paranaense eram escassas. Por exemplo a notícia da morte do cineasta Annibal Requião foi localizada no obituário do jornal sem que houvesse nenhuma referência junto as notas que tratavam de cinema.

A transcrição de notícias e anúncios, foi feita na grafia da época em fichas para tal fim elaboradas e já testadas em levantamentos análogos conforme o modelo que segue:

Jornal () Revista () Data _____ | _____
 Título: _____ Pag. _____
 Filme: _____
 Tema enfocado: _____
 Cinema que exibiu _____ Data Lançamento _____
 Horário _____ Censura _____ Preço _____
 Filme mudo () Filme mudo c/acompanhamento () Filme sonoro ()
 Sessão do filme: Acompanhada de cine jornal () Só o filme ()
 Filme P/B () Color ()
 Sessão acompanhada de outro programa: _____

 ANÚNCIO Página _____ Destaque () Tamanho: _____ x _____ cm.
 Anúncio simples () Com imagens/fotos () Com comentário ()
 Anúncio precedendo a exibição de () dias.
 Tempo em que o filme ficou em cartaz _____
 (Use o verso para observações / registro da reação do filme na imprensa)
 Arquivo _____ Pesquisador _____

: Para o levantamento dos filmes foram utilizadas as fichas fimográficas da Cinemateca do Museu Guido Viaro (modelo anexo) usadas naquela entidade para fichamento de filmes.

Os filmes levantados foram:

Annibal Requião : Panorama em Curytiba
 Carnaval em Curytiba

Arthur Rogge: Hollywood Studios

João Batista Groff: Pátria Redimida

Iguassu e Guayra

Revolução de 32

Rua XV

Curitiba Antiga

As grandes realizações do Go-
verno Manoel Ribas

(Viação Rumo ao norte Pr.)

As grandes realizações do Snr.
Manoel Ribas no Governo do Es-
tado do Paraná)

(Ponta Grossa / Lapa)

As grandes realizações...

(material diverso)

As grandes realizações....

(material diverso nº 2)

As grandes realizações...

(material diverso nº 3)

As grandes realizações...

(material diverso nº 4)

No campo do trabalho ao tratar da descrição dos filmes foram incluídos os dados extraídos dos jornais sobre as produções das quais não existem cópias conhecidas. Tal procedimento foi adotado no sentido de dar uma visão mais ampla da produção dos realizadores, através de informações fornecidas pelos filmes e pela documentação impressa, numa tentativa de retratar a conjuntura em estudo da maneira mais completa possível.

CINEMATECA DO MUSEU GUIDO VIARO CURITIBA – PR	Ficha Filmográfica	nº do filme F/HF CM/MM/LM depositado em
TÍTULO Outros títulos		METRAGEM filmado em mm. tempo de projeção em 24/16 q.

LOCAL DE PRODUÇÃO	ANO DE PRODUÇÃO
CIA PRODUTORA	
DISTRIBUIÇÃO	
CERTIFICADOS	LANÇAMENTO
PRODUÇÃO	
DIREÇÃO	
ARGUMENTO	bas.
ROTEIRO	diálogos
FOTOGRAFIA	
SOM	
MONTAGEM	
CENOGRAFIA	DIREÇÃO DE ARTE
FIGURINOS	CABELEIREIRO
APRESENTAÇÃO	DESENHOS
ANIMAÇÃO	MAQUILAGEM
MÚSICA	
COLABORADORES	CONTINUIDADE
LOCAÇÕES	ESTÚDIO FILMAGEM
LABORATÓRIO IMAGEM	SISTEMA IMAGEM
ESTÚDIO SOM	SISTEMA COR
PRÊMIOS	SISTEMA SONORO
DUBLAGEM	LOCUTOR
OUTROS	

I - PRIMÓRDIOS DO CINEMA

1.1. A BUSCA DO MOVIMENTO

O homem sempre procurou representar o movimento e através dele o mundo e a vida. Estas formas de representação são encontradas desde a pré-história nas pinturas das cavernas, nos murais gregos, nos relevos egípcios e romanos, nas miniaturas medievais e nas inúmeras formas de representação do movimento encontradas pelo homem.

O cinema é também uma forma de representação da figura e do movimento do homem da Idade Moderna que, a partir do desenvolvimento da técnica, chegou a inventos contemporâneos que iniciaram, no século XIX experiências que levariam ao cinema:

"Há vários milhões de anos o homem do Paleolítico responde a este mesmo desejo de representar o mundo (figura) e a vida (movimento) mediante pintura nos muros de suas cavernas. O artista egípcio do Império Antigo o fez em uma série de gravuras nos templos de seus deuses(...) Que todas estas formas de arte, respondem, como o cinema a um mesmo fim ou seja, o desejo de representação da figura do movimento, não é razão suficiente para considerá-las pré-história do cinema.

(...)O cinema é um ente essencialmente técnico, o cinema está ligado à técnica de nossos dias.

(...)Cada época tem suas soluções ligadas fundamentalmente a sua mentalidade e suas possibilidades."¹

¹NAUDIN, Ana Maria. Cine y teatro. Barcelona, Editorial Sopena, 1969, p.18-9.

Quando em 1829 o físico belga Joseph Plateau formulou sua teoria da persistência das impressões retinianas, segundo a qual uma imagem permaneceu fixa na retina por um décimo de segundo,* estava iniciando uma série de pesquisas que auxiliariam o desenvolvimento da fotografia e do cinema.

Segundo Ana Maria Naudin, já existiam sistemas de exposição da imagem e movimentos em 1792, com as apresentações de vistas panorâmicas pelo inglês Basker. O Panorama era simplesmente um cilindro ou círculo de enormes dimensões com pinturas diversas em sua parte interna, que através de um tipo especial de iluminação dava a impressão de movimento aos espectadores que permaneciam numa plataforma no centro do cilindro. Os temas destes Panoramas eram, em sua maioria, patrióticos ou militares, exibindo ainda paisagens de países distantes. O Panorama foi apresentado até o final do século XIX e início do século XX, sempre com inovações curiosas:

"Recordemos a forma com que a Exposição Universal de 1889 apresentou o Panorama da Companhia Transatlântica de Vapores: o público contemplava o panorama (sempre circular), de uma plataforma central que simulava o convés de um navio com todos os seus detalhes... (...)A ilusão de estar em alto mar era tão completa que os visitantes assumiam o aspecto e as atitudes de passageiros reais."²

Inovação semelhante ao Panorama foi o Diorama, surgido aproximadamente 30 anos após o primeiro. O Diorama compreendia cenas pintadas sobre placas retangulares cuja trans-

*Isto implica que, para que o cérebro humano tenha a impressão de um movimento contínuo, as imagens registradas por seu olho suceder-se-ão à razão de, pelo menos, dez por segundo. Cf. JEANNE René e FORD, Charles. História Ilustrada del Cine. Livro 1. Madrid, 1981, p.12.

²NAUDIN, Ana Maria. p.22-3.

parência permitia a visão através delas, e a variação da iluminação sobre as placas dava a impressão de movimento. O Diorama fez grande sucesso até 1830, na França, quando começou a declinar. Tanto o Panorama como o Diorama se estenderam às capitais européias e à América, onde sobreviveram até fins do século XIX.³

Estas formas de exibição de imagens estão muito mais próximas do que conhecemos hoje como projeção de slides, do que cinema propriamente dito, embora tenham contribuído para sua formação. Este processo passou ainda por uma série de experimentos como a Câmara Escura e a Lanterna Mágica de Kircher. A Câmara Escura, anunciada por Leonardo da Vinci na segunda metade do século XV e aplicada por Batista Della Porta no início do século XVI, consistia na colocação de uma folha branca diante de um orifício de uma janela de um quarto às escuras. Na folha refletiriam-se, então, imagens dos objetos ou pessoas que estivessem na parte externa iluminada pelo sol. A Lanterna Mágica de Kircher colocava placas de vidro com desenhos no interior de uma caixa escura que era iluminada por uma lâmpada de azeite, diante da qual um tubo com lente possibilitava a projeção:

"Contudo, só os trabalhos de Peter Mark Roget, inglês de origem suíça, tomaram o caminho que conduziu ao cinema. Dando aplicação a esses trabalhos, um ilustre físico britânico construiu em 1830 a Rede de Faraday, descrita em todos os tratados de física, enquanto John Herchel imaginando uma nova e divertida experiência de física, fez nascer o primeiro brinquedo óptico que utilizou desenhos."⁴

³NAUDIN, Ana Maria. p.24-5.

⁴SADOUL, George. História do Cinema Mundial - 1. Lisboa, Livros Horizonte, 1983. p.37.

Muitas experiências foram realizadas na tentativa de reproduzir e projetar a idéia do movimento, tais como: o taumatrópio (1825) criado por Fitton, o fenôquístocópio de Plateau (1833), o zootrópio (1834) de Horner, todos idealizados a partir de cartões com desenhos sobrepostos. Somente em 1823, com o surgimento da fotografia, a invenção do cinema iria se tornar mais próxima e concreta. Isto porque o cinema pressupõe o instantâneo, uma noção universalizada desde o início da história da fotografia "(...)Mas estava-se longe de imaginar quando em 1839 o governo francês comprou as patentes de Nandé Daguerre e aos herdeiros de Nicéphore Niepce(...)".⁵

Com a invenção da fotografia, muitas tentativas de imagem animadas foram feitas, desde as tomadas de vista de Muybridge, em 1872, na cidade de São Francisco* à criação por Edison da película de 35mm, com quatro pares de perfurações por imagens, passo decisivo para o desenvolvimento do cinema.

Os inventos de Thomas Edison sem dúvida foram fundamentais para o desenvolvimento do cinematógrafo de Lumière. Seu instrumento, o Cinetoscópio, era, na essência, um projetor cinematográfico para exibição de vistas animadas que podiam ser sincronizadas com música. O Cinetoscópio permitia

⁵SADOU, George. p.38.

*Um excêntrico milionário californiano, Leland Stanford, fez uma aposta sobre o passo e as atitudes do cavalo a galope, como os descrevera, em 1868, o francês Marey. Para ganhar a aposta, pediu ao fotógrafo inglês Edward Muybridge que fotografasse o movimento dos cavalos. Para conseguir isto, Muybridge instalou ao longo da pista onde corriam os cavalos vinte e quatro câmaras escuras em que vinte e quatro operadores preparavam, ao soar de um apito, vinte e quatro chapas de colódio úmido. Carregadas as máquinas, soltavam-se na pista os cavalos que fotografavam a si próprios, quebrando cordéis atravessados no percurso.

uma visão direta de imagens que se moviam dentro de uma grande caixa. "Era a vida encerrada em um misterioso cofre; somente faltava um último salto: tirá-la do cofre e transferí-la para a tela convertendo-o em um espetáculo de muitos e não individual."⁶

Diversas invenções podem ser consideradas como precursoras do Cinematógrafo. Muitas delas serviram inclusive, para aperfeiçoá-lo. No Anexo 1 são relacionadas estas invenções no período abrangido entre 1883 e 1895, ano em que Lumière apresentou ao mundo seu invento.

Sem acreditar que seu invento tivesse maior interesse, Edison pôs à venda, em 1894, seus cinetoscópios, grandes caixas de filmes perfurados acompanhados de óculos que permitiam a visão. A partir da comercialização dos cinetoscópios, dezenas de inventores procuraram projetar os filmes nas telas. Teoricamente, o problema era simples: fazer passar os filmes numa lanterna mágica, movimentando-os através de métodos mecânicos. Muitas representações do cinema apareceram na América e na Europa. Acmé Le Roy, Eugène Lauste, Dickson, Latham, Max Skladatiro são alguns dos "exibidores" de então. Nenhuma destas projeções teve a repercussão da realizada em Paris, no Gran Café do Boulevard des Capucines, no dia 28 de dezembro de 1895 pelos Irmãos Lumière.

1.2. OS IRMÃOS LUMIÈRE

Auguste e Louis Lumière dirigiam com o pai uma importante fábrica de produtos fotográficos em Lyon. Ricos comerciantes, iniciaram as primeiras investigações com o ci-

⁶ NAUDIN, Ana Maria. p.41.

netoscópio de Edison logo que este chegou à França, em 1894. Desde março de 1885, Louis e Auguste realizaram demonstrações públicas com um cronofotógrafo acoplado a um dispositivo de Hornblauer, que puxava a fita. A película utilizada era fabricada em Lyon, segundo o formato de Edison. O primeiro cinematógrafo de Lumière era ao mesmo tempo uma câmara de tomada de vistas, um projetor e uma copiadora. Sua perfeição técnica era superior à de seus concorrentes, o que lhe assegurou seu êxito imediato. Para os irmãos Lumière, o cinematógrafo era um invento científico de curiosidade passageira, não acreditavam que o invento pudesse revolucionar a vida das pessoas e se constituir num grande espetáculo.

A primeira sessão de cinema realizada no Boulevard des Capucines contou com 35 espectadores, que assistiram a dez filmes de aproximadamente 16 metros cada um:

- "- Saída dos operários da fábrica Lumière. (Sortie des usines Lumière a Lyon).
- Briga de bebês (Querelle des bēbēs).
- A fonte das tertúlias (Le bassin des tuileries).
- A chegada de um trem (L'arrivée d' un train).
- O regimento (Le regiment).
- O ferreiro (Le maréchal-ferrant).
- A partida de cartas (La partie d' écarte).
- Destruição de ervas daninhas (Mauvaises herbes).
- Derrubada de um muro (Le mur).
- O mar (La mer)"⁷

Sadoul cita outros filmes realizados por Lumière nas suas primeiras filmagens: "Le déjeuner de bébé", "Le bocal de poissons rouge", "La partie de tric-trac", etc., temas familiares e clássicos de cineastas amadores. Seus

⁷JEANNE, René e FORD, Charles. p.17.

primeiros filmes são ao mesmo tempo um álbum familiar e um registro, não intencional, de uma rica família francesa no final do século passado, de sua vida e sua indústria. O filme "La sortie des Usines Lumière", seu primeiro filme, é quase uma peça publicitária. Foi projetado em público numa conferência sobre o desenvolvimento da Indústria fotográfica na França. "Le déjeuner de bébé" mostra seu irmão Auguste alimentando o filho, enquanto a mãe admira a atitude do marido. No quadro, em primeiro plano, pode-se ver o serviço de café de prata e licores sobre uma bandeja.

Um dos filmes mais célebres de Lumière, "L'arrivée d'un train" utiliza planos sucessivos comuns nos filmes atuais. Neste filme Lumière utiliza os recursos de uma objetiva de grande profundidade de campo. Primeiro, vemos a estação vazia - plano geral -, depois aparece no horizonte um ponto negro que aumenta rapidamente, é a locomotiva, que logo invade a tela dando a impressão de atingir o espectador. Os passageiros descem do trem e se aproximam ou se afastam da câmara, dando a impressão de deslocamento. A câmara não se desloca, mas os objetos ou personagens aproximam-se ou afastam-se constantemente dela.

Mesmo não acreditando no futuro da invenção, Lumière formou dezenas de operadores que difundiram o aparelho pelo mundo impondo a palavra cinematógrafo para designar a novidade. Estes operadores, além de exibirem as fitas, realizavam filmagens nos países por onde passavam, interessando um público cada vez maior. No final de 1896 várias marcas já estavam registradas: Lumière, Pathé, Gaumont, Méliès na França, Edison e Biograph, nos Estados Unidos.

Os filmes de Lumière tinham como tema a atualidade, o documentário e a reportagem, não possuindo a função de distrair o público, no sentido do espetáculo, mas apenas de mostrar o que se passava em diversas partes do mundo. A visão do cinema como espetáculo foi percebida de imediato por George Méliès, parisiense, prestidigitador e diretor de um

pequeno teatro de magia e ilusionismo. Presente à primeira sessão de cinema, Méliès teve uma opinião oposta à de Lumière sobre o invento e seu futuro. Suas atividades de ilusionista lhe davam experiência suficiente para conhecer o gosto do público e adivinhar o que poderia fazer com o cinematógrafo. Tentou comprar o aparelho dos irmãos Lumière, mas obteve uma negativa e a resposta:

"Nossa invenção não está à venda. Pode ser explorada por algum tempo como uma curiosidade científica mas não tem nenhum futuro comercial. Para você seria a ruína."⁸

Sem se dar por vencido, Méliès comprou um aparelho do inglês Robert William Paul, o bioscópio, de qualidade inferior ao de Lumière, mas que ele acreditava poder melhorar. Seus primeiros filmes são do mesmo estilo dos de Lumière, registros de acontecimentos e números de prestidigitação. As experiências que lhe dariam o título de criador do espetáculo cinematográfico surgiram com as trucagens que descobriu acidentalmente: ao projetar um filme que rodara na Praça da Ópera em Paris, viu um ônibus transformar-se em carro funerário e alguns momentos aparecer normalmente. Ao verificar o fenômeno, descobriu que a película ficara presa por alguns segundos acidentalmente na câmara. O primeiro filme em que utilizou esta técnica foi em 1896 com "L'escamotage d'une dame", onde faz uma moça desaparecer por um alçapão interrompendo a rodagem por um minuto. Além da trucagem, Méliès utilizaria na tela elementos comuns no teatro, desde as maquetes ao argumento, caracterização de cena, divisão das cenas em atos, etc. "Voyage dans la lune", de 1902, foi sem dúvida o apogeu de sua obra, onde reúne dois romances célebres, um de Julio Verne e outro de H.G.Wells. Este filme assinalou o triunfo da encenação sobre os registros de Lumière e se tornaria exemplo para os cineastas de todos os tempos:

⁸ JEANNE, René e FORD, Charles. p.21.

"Pode-se dizer que todo o sistema se situa entre os dois pólos da estrita reprodução da vida e do exuberante uso do espetáculo imaginativo. O ênfase muda sem cessar mas a dualidade permanece e cada novo diretor se vê obrigado a realizar sua própria fusão de Lumière e Méliès, de vida e fantasia."⁹

1.3. O INVENTO SE EXPANDE

Rapidamente surgiram cinematógrafos pela Europa e América, que exibem o mesmo gênero de filmes-documentários reportagens de atualidade e filmes patrióticos. O público, que nas primeiras exhibições lotava as salas de exibição, começa a se desinteressar pelo cinema. Este desinteresse coincidiu, na França e em toda a Europa, com uma grande catástrofe em Paris: o incêndio, em 1897, do Bazar de Caridade, uma espécie de feira mundana que acontecia no bairro de Campos Elíseos.

A falta de segurança do local e a imprudência dos organizadores da feira resultaram num incêndio de grandes proporções que matou quase duzentas pessoas. O cinema passou então ao rol das diversões perigosas:

"O público, no entanto, estava farto de ver os eternos comboios a entrar na estação, os bebês comendo, os operários saindo das fábricas ou jardins sendo regados. Todos tinham copiado Lumière crendo, já nessa altura, que o plágio de um êxito era a melhor garantia de novo êxito. As fotografias animadas tinham sido uma demonstração científica; e a demonstração parecia concluída."¹⁰

⁹ARMES, Roy. Panorama histórico del cine. Madri, Editorial Fundamentos, 1974. p.30.

¹⁰SADOUL, George. p.61.

Na América faziam sucesso as companhias ambulantes que exibiam filmes ao lado de outras atrações de feira. Para essas companhias, os realizadores vendiam cópias de seus filmes, o que possibilitava lucros para ambas as partes. Este tipo de comércio tinha também seus inconvenientes. Méliès, por exemplo, enviou à América cinco ou seis fitas de "Viagem à Lua", e soube que haviam sido vendidas centenas de cópias de seus filmes. Isto porque os filmes eram contratipados e vendidos por empresas como a Biograph, de Edison, a Vitagraf e a Lubin.

As feiras foram, no início do século, um local apropriado para o desenvolvimento do novo espetáculo. Ao lado de mulheres-barbadas, domadores e museus de cera, o feirante, geralmente ambulante, exibia programas cinematográficos de 1.000 ou 2.000 metros de filmes, dos quais era proprietário. Em geral, o filme era exibido em uma barraca que comportava centenas de espectadores em pé ou sentados. Ao fundo, um fonógrafo substituíra a orquestra e algumas vezes, um apresentador comentava o filme.

Na Inglaterra, os "music-halls", rapidamente foram-se transformando em salas exibidores, cujo número só foi maior nos Estados Unidos, que em 1905 tinham apenas 10 salas e em 1910 já possuíam 10.000.

Para programar 10 mil salas era necessária uma grande produção, que era suprida por companhias como a Biograph, a Vitagraf, a Kalen e a Essanay. Estas companhias, juntamente com as francesas, Pathé, Méliès e Gaumont, se uniram em 1918 para formar a Motion Picture Patents Company, mais conhecida como Trust, e tentaram manter o monopólio do cinema, com a patente de Edison, as maiores companhias de produção e a maioria das salas de exibição.

Seu domínio foi vencido pelos produtores chamados independentes que procuraram a Califórnia para produzir seus filmes. Longe dos Trust, estes "independentes", como William Fox e Carl Lammle, construíram grandes indústrias cinemato-

gráficas. Atraindo quadros técnicos do Trust, produziam com melhor qualidade filmes que tinham público certo, como os western. "A vida de Búfallo Bill", por exemplo, rendeu em seis meses U\$ 50.000.¹¹ A rivalidade entre os "independentes" e o Trust levou ao fechamento de salas e à instituição de códigos de censura que eram aplicados pela polícia aos filmes dos "independentes", artifícios que não detiveram a expansão das companhias produtoras espalhadas por todo o território americano. O cinema americano anterior a 1914 era um palco de rivalidade, talento e mentira, numa luta pela produção e pelo controle do mercado nacional. Os filmes americanos do início do século estavam diretamente ligados à vida de seu público, levando-lhe fantasia e escapismo. Os espectadores, em sua maioria emigrantes, assistiam a filmes cuja lição moral era evidentemente o bem triunfando sobre o mal, a advertência sobre o perigo da bebida ou das grandes cidades. Uma narrativa linear que só seria rompida pela entrada na indústria do cinema de D.W.Griffith, que é, sem dúvida, o maior inovador da história do cinema:

"O nome de Griffith é como o de Chaplin o maior do cinema americano. É também um dos cinco ou seis do cinema universal durante a época muda. Eiseinstein, que é outro destes grandes homens escreveu: Não há um cineasta no mundo que não lhe deva algo. O melhor do cinema soviético saiu de *Intolerância*. No que diz respeito a mim, lhe devo tudo."¹²

Com Griffith, de um simples divertimento o cinema passou a ter uma forma artística, com sua capacidade expressiva explorada ao máximo. Foi através de seus filmes que a

¹¹SADOUL, George. p.139.

¹²JEANNE, René & FORD, Charles. p.241.

indústria cinematográfica americana tomou impulso universal. Antes dele, os grandes estúdios não acreditavam na necessidade de mudanças, apenas procuravam dar ao público os mesmos espetáculos cuja finalidade única era o retorno financeiro. D.W.Griffith alterou este cenário, concebendo uma verdadeira revolução que deu ao cinema a consciência de si mesmo como um meio artístico de narração e expressão.

1.4. O CINEMA CHEGA AO BRASIL

O rápido desenvolvimento da indústria cinematográfica na América do Norte e Europa Ocidental tem relação com o desenvolvimento científico e tecnológico daqueles países. É, no dizer de Paulo Emilio Salles Gomes, a Primeira Revolução Industrial se estendendo ao campo do entretenimento.

No Brasil a invenção chega cedo. O país subdesenvolvido carregava a herança de um sistema escravocrata e monarquista. Se nos países industrializados o cinema encontrou um espaço apropriado para se desenvolver, no Brasil, então exportador de matérias primas e importador de manufaturados, o cinema pôde crescer muito lentamente, em alguns momentos chegando a estagnação.

A primeira projeção no Brasil foi realizada no Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor, 57, no dia 8 de julho de 1896. Naquela data, na seção teatral do Jornal do Comércio, uma pequena nota anunciava a atração: "O Omniographo que tanta atração teve em Paris, de que já nos ocupamos nesta folha, vai ser exibido, de amanhã em diante, em uma casa na Rua do Ouvidor."¹³ No mesmo dia o jornal trazia uma matéria mais extensa sobre a exibição feita à imprensa:

¹³ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 8 jul. 1896. p.6. apud ARAÚJO, Vicente Paulo. A bela época do cinema brasileiro. São Paulo, Perspectiva, 1976, p.75.

"Omniographo - Com este nome, tão híbridamente composto, inaugurou-se ontem às duas horas da tarde, em uma sala à Rua do Ouvidor, um aparelho que projeta sobre uma tela colocada ao fundo da sala diversos espetáculos e cenas animadas, por meio de uma série enorme de fotografias. Mais desenvolvido do que o Kinetoscópio, do qual é uma ampliação, que tem a vantagem de oferecer a visão, não a um só espectador mas a centenas de espectadores, cremos ser este o mesmo aparelho a que se dá o nome de cinematógrafo.

Em uma vasta sala quadrangular, iluminada por lâmpadas elétricas de Edison, paredes pintadas de vermelho escuro, estão umas duzentas cadeiras dispostas em filas e voltadas para o fundo da sala onde se acha colocada, em altura conveniente, a tela refletora que deve medir dois metros de largura aproximadamente. O aparelho se acha por detrás dos espectadores em um pequeno gabinete fechado, colocado entre as duas portas de entrada.

Apaga-se a luz elétrica, fica a sala em trevas e na tela dos fundos aparece a projeção luminosa, a princípio fixa e apenas esboçada, mas vai pouco a pouco se destacando. Entrando em funções o aparelho, a cena anima-se e as figuras movem-se.

Talvez por defeito das fotografias que se sucedem rapidamente, ou por inexperiência de quem trabalha com o aparelho, algumas cenas movem-se indistintamente em vibrações confusas; outras, porém, ressaltavam nítidas, firmes, acusando-se em um relevo extraordinário, dando magnífica impressão da vida real. Entre estas, citaremos: a cena emocionante de um incidente de incêndio, quando os bombeiros salvam das chamas algumas pessoas; a dança da serpentina; a dança do ventre, etc. Vimos também uma briga de gatos; uma outra de galos, uma banda de música militar; um trecho de boulevard parisiense; a chegada do trem; a oficina do ferreiro; uma praia de mar; uma evolução espetaculosa de teatro; um acrobata no trapézio e uma cena íntima.

O espetáculo é curioso e merece ser visto, mas aconselhamos aos visitantes a se

acautelarem contra os gatunos. Na escuridão negra em que fica a sala durante a visão, é muito fácil aos amigos do alheio o seu trabalho de colher o que não lhes pertence. A polícia que tão bem os conhece poderia providenciar no sentido de impedir-lhes a entrada naquele recinto."¹⁴

A partir dessa primeira exibição, no Rio de Janeiro, o cinema no Brasil se manteve basicamente com a importação de filmes. As exibições e filmagens eram realizadas, em sua maioria, por viajantes europeus que chegavam ao país munidos de seu próprio aparelho e com um pequeno estoque de filmes, em geral franceses. Os jornais da época permitem a identificação da nacionalidade da maioria dos filmes exibidos no período: eram produções de Lumière, Edison, Méliès, além de uma quantidade de fitas portuguesas e inglesas. Os programas variavam de trens chegando a passeios da realeza e visitas oficiais de políticos a vistas locais, que alguns cinematografistas ambulantes incluíam durante as projeções. As seções eram feitas geralmente em salões, feiras e teatros. A primeira sala fixa de projeção de cinema foi instalada no Rio de Janeiro pelos irmãos Segretto, dois imigrantes italianos, em 1897. Inicialmente o local foi chamado Salão de Novidades, e rapidamente rebatizado Paris no Rio. De propriedade dos irmãos Segretto e de José Roberto Cunha Salles, foi anunciado pela Gazeta de Notícias:

"Salão de Novidades - Rua do Ouvidor, nº 141.
Animatographo Lumière, a última palavra do engenho humano! A mais sublime maravilha de todos os séculos! Pinturas mo-

¹⁴JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 21 jun.1896, p.1. apud. ARAÚJO, Vicente Paulo. A bela época do cinema brasileiro. São Paulo, Perspectiva, 1976, p.75.

verem-se, andarem, trabalharem, sorrirem, chorarem, morrerem com tanta perfeição e nitidez, como se homens, animais e cousas naturais fossem; é o assombro dos assombros! Salve Lumière! O animatographo Lumière é invento tão majestoso, soberbo e imponente, que a própria natureza, que privilegiou o seu autor, conserva-se estática diante de uma pasmosa contemplação!

A exibição dos diversos quadros, que serão expostos à admiração do público é tão primoroso e sedutor atrativo, que quem por ela é uma vez surpreendido, procura irresistivelmente emergir sempre o seu espírito observador na deliciosa admiração desse assombroso espetáculo!

As exmas. famílias desta Capital encontrarão à rua do Ouvidor nº 141, um salão de espera digno de sua recepção e iluminada à luz elétrica.

A máquina exibidora desses maravilhosos quadros será posta em ação pela exma. consorte do insigne professor Robert Smith, que veio trazer à população desta capital o produto estupendo de um cérebro ingente e privilegiado, como é o sábio Lumière.

Ao Animatographo, pois de Lumière, cabem hoje de todo mundo civilizado os aplausos bem merecidos de uma admiração sem limite!

Entrada, 1\$000."¹⁵

"Salão de Novidades - de Saile & Segreto - 141 - Rua do Ouvidor, 141.

Foi ontem inaugurado esse luxuoso salão com a exibição de maravilhosos quadros de fotografias animadas, reproduzidas pela importante máquina VITOSCOPIO SUPER-LUMIÈRE, a primeira até hoje vinda à América do Sul.

Sessões todos os dias e todas às noites
Entrada 1\$000."¹⁶

¹⁵GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 31 jul.1897, p.4. apud. ARAÚJO, Vicente Paulo. p.93.

¹⁶GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 01 ago.1897, p.6., apud. ARAÚJO, Vicente Paulo. p.94.

A busca de novidades para suas salas exibidoras levaram os irmãos Segretto a constantes viagens à Europa e Estados Unidos. O encarregado de contatos no exterior era, geralmente, Affonso, que, voltando da França em 1898, trouxe consigo uma câmara de filmar. Com ela registrou a Baía de Guanabara vista do paquete Francês "Brésil".

Era um domingo, 19 de junho de 1898. Nascia o cinema brasileiro.

Com a câmara na mão, Affonso passou a registrar a vida e a paisagem do Rio de Janeiro; registrou o Largo do Machado, a Igreja da Candelária, a Rua do Ouvidor, etc. O cortejo fúnebre do presidente da República Floriano Peixoto foi outro assunto de seus filmes.

Era o início de um estilo que marcaria o cinema brasileiro: temáticas ligadas aos "ritos do poder" e às "paisagens que são o orgulho da nação", conforme as expressões cunhadas por Paulo Emílio Salles Gomes.

Na maioria dos estados brasileiros, as exhibições de filmes nacionais e suas primeiras filmagens ocorrerem de forma semelhante. No Rio Grande do Sul, o cinematógrafo de Henrique Sastre estreou no Parque Redenção algumas Vistas sobre o Estado de Santa Catarina, em 1901; três anos mais tarde, José Felipe filmou e projetou na cidade de Pelotas, Vistas da União Gaúcha, centro tradicionalista daquela cidade.*

Na Bahia, o primeiro filme conhecido também tratava de uma festividade local: A Segunda Feira de Bonfim, exibido

*PFEIL, Antonio Jesus. Referências sobre as primeiras exhibições e filmagens no Rio Grande do Sul. s.l. s.ed., 1975. (arquivo do autor). Com relação ao filme citado, o Guia de filmes da Embrafilme o localiza em 1911 (Filmes Naturais em Pelotas, p.14), cujo operador foi Guido Panello. Entre esses filmes, encontrava-se a vista "Festa da União Gaúcha", que pode ser o mesmo filme citado por PFEIL.

a 9 de fevereiro de 1911 no São José.*

No Maranhão, duas filmagens documentais marcaram o nascimento do cinema maranhense, um deles uma homenagem à João Lisboa e outro à Festa de São Benedito, produção da Empresa Silva Gonçalves, lançado em 1911.**

Em Manaus registraram-se os primeiros filmes amazônenses, em 1907: Vistas de Manaus: Praça e Igreja Matriz, a Praça de S. Sebastião com a estátua e o Teatro,¹⁷ exibidos no Teatro Amazonas, da empresa Fontenelle.

Estes exemplos relativos às primeiras filmagens em alguns Estados reforçam a expressão de Paulo Emílio Salles Gomes com relação à temática do cinema brasileiro: ritos de poder e paisagens. Até 1907 todos os filmes realizados de norte a sul do país limitam-se ao documentário. Os trabalhos de ficção, ou "filmes posados", começaram a surgir em 1908; Nhô Anastácio chegou de viagem, de Julio Ferrez (Rio de Janeiro). Os estranguladores, de Antonio Leal, são considerados os primeiros filmes de ficção, o primeiro uma comédia e o segundo a reprodução de uma tragédia ocorrida no Rio de Janeiro.

No entanto, estes dois filmes, realizados no Rio de Janeiro, não são referencial para os demais estados, que

*CINEMATECA DO MAM. Chegada do cinema ao Nordeste e à Amazônia, Rio de Janeiro, s.d. No caso desta referência, não há indicação maior sobre se o São José era um teatro ou uma sala de cinema.

**CINEMATECA DO MAM e EMBRAFILME. O guia de filmes não cita o filme sobre João Lisboa, constante no documento da Cinemateca do MAM. Acrescenta os dados sobre A Festa de S. Benedito: Não-ficção, curta metragem, 35mm, 16 quadros, São Luís do Maranhão; data de lançamento 23.04.1911.

¹⁷COSTA, Selda Valle da. Filmes brasileiros exibidos em Manaus, Amazonas. s.n.t. (incompleto). Arquivo da autora, pesquisa inédita. Fonte: JORNAL AMAZONAS, Manaus, 2 out.1907, p.2 (Coluna Notas teatraes).

continuavam produzindo fitas naturais.

O cinema ia caminhando lentamente. Apenas no Rio de Janeiro e São Paulo seu desenvolvimento era maior mas ainda assim continuava como uma atividade artesanal, exercida por emigrantes chegados ao país. Além da precariedade das filmagens, o atraso pode ser relacionado também à ausência de uma rede elétrica nas capitais.

Alguns autores, como Maria Rita Galvão e Paulo Emílio Salles Gomes, creditam ao advento de rede elétrica o avanço da indústria cinematográfica, afirmando que as salas se multiplicaram rapidamente após o surgimento da eletricidade:

"Os dez primeiros anos de cinema no Brasil são praticamente paupérrimos. As salas fixas de projeção são poucas e praticamente limitadas ao Rio e São Paulo, sendo que os numerosos cinemas ambulantes não alteravam muito a fisionomia do mercado. A justificativa principal para o ritmo extremamente lento com que se desenvolveu o comércio cinematográfico de 1896 à 1906 deve ser procurada no atraso brasileiro em matéria de eletricidade. A utilização em março de 1907, da energia produzida pela usina de Ribeirão das Lages teve consequências imediatas para o cinema do Rio de Janeiro. Em poucos meses foram instaladas umas vinte salas de exibição...(...) Esse súbito florescimento do comércio cinematográfico influenciou diretamente na produção de filmes brasileiros."¹⁸

Este crescimento da produção cinematográfica brasileira se estende até mais ou menos 1912, registrando-se a produção de 927 filmes entre 1908 e 1912, dos quais 258 eram de ficção. A média anual neste período foi de 185 filmes,

¹⁸ GALVÃO, Maria Rita. *Le Muet* In: *CENTRE GEORGE POMPIDOU Le cinéma brésilien*. Paris, 1987. p.51-65. (Collection cinéma/Pluriel).

passando para uma média de 91 filmes em 1913, 55 em 1914 e 36 em 1915. No período de 1913 a 1923, registrou-se uma média anual de 75 filmes. Os filmes produzidos no período de 1908-1912 são comédias, policiais, filmes históricos, melodramas. A produção, expressiva para a época, estava no entanto com os dias contados. Enquanto aqui o cinema apenas engatinhava, na Europa e Estados Unidos já tinha se tornado uma indústria. Esta indústria, para se expandir, precisava de um maior espaço. Assim, foram se infiltrando as distribuidoras estrangeiras que, em pouco tempo, ganharam todo o mercado. No Rio, em 1911, surgiu a figura dos alugadores de fitas.

"AOS CINEMAS PRINCIPIANTES - Alugam-se boas fitas, novas a escolher, num catálogo com mais de 800 fitas, sendo metade de COLORIDAS E VIRAGENS a 10, 15, 20 mil réis cada programa sem reserva de Filmes d'arte ou Coloridas. Pathé, Cines, Vitagraph, Gaumont, Ítala, Biograph, Radium, Méliès, Éclair, Lux, Lubin, Empresa Portuguesa, Raleigh e nacionais. Mais de 70 contos de fitas a escolher. Fornecem-se catálogos. Rua de S. Francisco Xavier, 417."¹⁹

Fitas americanas, norueguesas, francesas, alemãs e de outras nacionalidades, passam a ocupar a maior parte das programações das salas de cinema. Para os exibidores era mais fácil e mais barato alugar filmes estrangeiros (geralmente de qualidade técnica superior e melhor acabados artisticamente), do que arriscar-se comercialmente em lançamentos nacionais.

Para os realizadores a dificuldade de produzir somou-se à dificuldade de exhibir. Como os filmes estrangeiros

¹⁹GOMES, Paulo Emílio Salles. Cinema, trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. p.41.

chegavam com os custos de produção já pagos e com boas campanhas publicitárias de lançamento, a crise para a cinematografia brasileira foi se ampliando. Boa parte dos técnicos, roteiristas e produtores abandonou o cinema. Alguns, como Antonio Leal e os irmãos Botelho resistiram, num mercado cada vez mais fechado, onde filmes brasileiros eram vistos como curiosidades dentro de programas que privilegiavam o cinema estrangeiro.

A busca de mercados pelo cinema estrangeiro não atingiu apenas Rio e São Paulo. Praticamente todas as capitais passaram por processos semelhantes, inclusive Curitiba.

Também aqui as primeiras exhibições foram trazidas por Companhias ambulantes, as quais realizaram os primeiros filmes locais. A mesma tendência do restante do país se verificou em Curitiba: exibição de fitas estrangeiras, e de filmes locais e nacionais, ambos trazidos pelas companhias ambulantes. O que notamos a partir da primeira filmagem paranaense, realizada em 1907 por Aníbal Requião, é uma preferência dos pioneiros paranaenses, até a década de 30, pela realização de documentários, registros do cotidiano e manifestações oficiais. Não houve, mesmo que incipiente, uma produção na área de ficção, como se registrou em outros estados, a começar pelo drama "Os estranguladores", de 1908, de Antonio Leal, baseado num crime ocorrido no Rio de Janeiro:

"Este filme que se constituiu num grande sucesso foi exibido 800 vezes. Tinha setecentos metros, cerca de quarenta minutos de projeção e 17 quadros:

- 1º Trama do Crime
- 2º Na Avenida Central
- 3º Embarque na Prainha
- 4º Na Ilha dos Ferreiros
- 5º Primeiro Estrangulamento
- 6º A Procura da Pedra
- 7º Desembarque em S. Cristóvão
- 8º O assalto
- 9º Segundo Estrangulamento
- 10º Divisão das Jóias

- 11º A pega
 - 12º O Informante
 - 13º Prisão do Primeiro Bandido
 - 14º Nas Matas de Jacarepaguá
 - 15º Prisão do Segundo Bandido
 - 16º Dois Anos Antes
 - 17º Na Prisão
- O sucesso de *Os Estranguladores* levou os produtores a aumentarem a duração dos filmes e a investirem também na ficção."²⁰

Para uma visão mais ampla do cinema em Curitiba, é necessário traçar um painel de sua chegada ao Estado e o sucesso que a novidade estava tendo a nível local, até o início de uma produção que se pode denominar de paranaense.

²⁰ ARAUJO, Vicente Paulo. A bela época do Cinema Brasileiro. São Paulo, Perspectiva, 1976.

II - DAS COMPANHIAS AMBULANTES
ÀS PRIMEIRAS FILMAGENS EM
CURITIBA

2.1. AS COMPANHIAS AMBULANTES

"Faço idéia de que seriam vistas pintadas, que se sucediam umas, após outras, iluminadas de tal modo que pudessem dar uma idéia de realidade - uma espécie de cartão postal colorido.

Posteriormente surgiram melhorias, com a pintura de vários planos, tornando-se estereoscópicas, a custa de engenhos simples, capazes de dar idéia de movimento.

Pode ser que tenham sido assim.

E pode também que não, que tenham sido completamente diferente."²¹

As vistas animadas, descritas por Oswald Cabral, precursores das projeções de cinema, seriam algo como fotografias ou pinturas em vidro projetadas numa tela como os slides de hoje. Essas vistas, que tinham nomes diversos tais como sylphorama, diaphanorama, panótipo, cosmorama, eram exibidas com sucesso aos curitibanos que frequentavam os teatros e parques de diversão e variedades da capital.

As companhias ambulantes que percorriam o país ofereceram ao público curitibano a oportunidade de conhecer, ao mesmo tempo que a capital federal - Rio de Janeiro -, ou mesmo antes, uma nova invenção que vinha fazendo sucesso em praticamente todo o mundo: o cinema.

²¹CABRAL, Oswaldo. Memórias I, Nossa Senhora do Desterro. s.ed., s.d. (mimeografado).

Para se compreender a trajetória desta nova invenção, é necessário traçar um painel de sua chegada à Curitiba até o início daquilo que podemos chamar de produção paranaense, em 1907.

Esta produção, que se inicia com características semelhantes às do restante do País, manteve até o final da década de 30 um ponto comum: o cinema documentário, ligado aos acontecimentos oficiais e à filmagem de paisagens, sem assimilar a influência do que se fazia em outros estados, cuja produção inclui também filmes de ficção, a partir do final da década de 10 e meados da de 20.

A primeira referência encontrada sobre o cinematôgrapho em Curitiba está ligada a uma Companhia Ambulante: A Cia. de Variedades de Faure Nicolay que, em agosto de 1897, se exibiu no Teatro Hauer:

"O espetáculo é dedicado à classe comercial e aos clubes da capital(...)

(...) apresentação do deslumbrante e phantástico diaphanorama universal em combinação com o célebre cinematôgrapho"²²

Ao contrário da afirmação* de que as companhias ambulantes percorriam inicialmente Rio e São Paulo, para depois se apresentarem em outras partes do país, esta Companhia iniciou sua tournê por Curitiba, exibindo-se em São Paulo em janeiro de 1898 e no Rio de Janeiro, em março do mesmo ano. Antes disso apresentou-se no interior paulista, em São Carlos, onde a exibição de um retrato do Marechal Floriano Peixoto

²²A REPÚBLICA, Curitiba, 25 - 30 ago.1897, p.1.

* Tanto Paulo Emílio Salles Gomes em Cinema, trajetória no Subdesenvolvimento (p.39), como Maria Rita Galvão em Le Muet (CENTRE GEORGES POMPIDOU) Le Cinema Brésiliense, Paris, 1987 p.51 (Collection Cinéma/Pluriel) afirmam que estas companhias ambulantes iniciavam "sua carreira", pelo Rio ou São Paulo.

criou um atrito entre espectadores, conforme artigo de 21.10.1897.

"Diz a "Opinião" de São Carlos que na noite de sábado último quando o Sr. Faure Nicolay exhibir seu cinematographo, na ocasião em que appareceu o retrato do Marechal Floriano Peixoto houve um desagradável incidente entre dois cavalheiros que perturbaram de alguma forma a boa ordem."²³

Seis meses depois de sua apresentação em Curitiba, a Cia. de Variedades de Faure Nicolay chegou ao Rio de Janeiro, onde se apresentou no Teatro de Variedades da Empresa Machado e Cia. durante uma semana. Alí, com preços que variavam de 3\$000 a 1\$000, exhibiu o "diaphanorama universal em combinação com o célebre cinematôgrapho, com a Volta ao Mundo."²⁴

O tempo decorrido entre a exibição da Faure Nicolay em Curitiba, S. Carlos, São Paulo e Rio de Janeiro levanta uma questão pouco estudada na reconstituição da história do cinema brasileiro: a trajetória das companhias ambulantes, seu público e sua aceitação. Da mesma forma que a Faure Nicolay, outras companhias devem ter percorrido diferentes cidades, partindo de pontos que não apenas o centro desenvolvido do país (Rio e S. Paulo). Levantar estes dados lançaria, sem dúvida, um olhar novo sobre a questão das primeiras exibições no Brasil, desmistificando a afirmação de que todas as novidades eram irradiadas para o país a partir do Rio de Janeiro.

Mas é somente em outubro de 1897, com a Companhia

²³ BARRO, Máximo. A primeira sessão de cinema no Brasil. São Paulo, Cinema em close up. s.ed. p.64.

²⁴ ARAÚJO, Vicente Paula. A bela época do cinema brasileiro. São Paulo, Perspectiva, 1976. p.106.

de Variedades do Teatro Lucinda da Capital Federal - Empresa Germano Alves, que a "maravilhosa machina", o cinematôgrapho de Lumière, tem sua primeira apresentação em Curitiba.

No dia 09 de outubro no Teatro Hauer, às 20:30 horas, a Empresa Germano Alves exhibia ao "respeitável público" a maravilhosa máquina - o Cinematôgrapho Lumière:

"(...)N'este maravilhoso aparelho serão apresentados quadros do comprimento do panno de bocca do Theatro com o auxílio da luz elétrica e sem a menor oscilação (...).²⁵

No mesmo programa, a Grande Companhia Zoológica exhibiu cães e macacos amestrados. A 2ª e 3ª parte do programa foi preenchida com os quadros do cinematôgrapho:

- "2ª parte - quadro de cinematôgrapho -
- 1º O prestidigitador
- 2º Um barco de pilotos em Paços d'Arco
- 3º Uma distração no Palácio de Chrystal (Porto)
- 4º Bombeiros no Porto
- 5º Partida de um batalhão hespanhol
- 6º O Comboio de Recreio a Cintra (Portugal)
- 3ª Parte - quadros do cinematôgrapho
- 1º Por causa de um artigo ao jornal
- 2º Um duello de Rochefort (Pariz)
- 3º Irrigação do Passa da Estrella (Lisboa)
- 4º Um chá em família
- 5º Os dois amigos
- 6º Os mergulhadores na África Portuguesa".

²⁵A REPÚBLICA, 8out.1897. p.3.

Os preços para o espetáculo eram:

Camarotes de primeira.....	12\$000
Camarotes de segunda.....	10\$000
Cadeiras de primeira.....	3\$000
Geraes.....	1\$000 ²⁶

A maior parte do programa cinematográfico foi preenchida com filmes portugueses, que eram geralmente de curtíssima duração. Alguns tinham apenas uma tomada, o que deve ter popularizado a expressão *vistas animadas* que provavelmente relacionava estes filmes curtos com as exibições de diaporamas e silforamas.

A Companhia Germano Alves foi a introdutora do Cinematógrafo de Lumière também no Rio de Janeiro, onde estreou em 15 de julho de 1897, com praticamente a mesma programação de sua primeira apresentação em Curitiba.

Nos dois anos seguintes, os jornais locais não fizeram nenhum registro da presença de companhias ambulantes na capital ou no interior. No final de 1890, chegou à cidade o Cinematographo Apollo, de Eduardo Von Schultz e Koehler, conforme o alvará de licença de funcionamento da Prefeitura Municipal.

Esta companhia, a primeira a trazer exclusivamente filmes em sua programação, estreou no Teatro Hauer no dia 25 de novembro de 1900, com o seguinte programa:

O pintor veloz Jiggs
No manejo militar
Rua em Milão
Um jogo de solo

²⁶A REPÚBLICA, Curitiba, 8 out.1897, p.3.

Romance Novo
 Os bailarinos
 Em frente da casa de banho para senhoras
 O elefante domesticado
 Imperador Guilherme em Stellan
 O malabarista Btharda
 No Hypodromo
 Banho de cavalos
 Um trem na estrada de ferro
 Dança espanhola
 Um beijo num baile de máscaras
 Uma visita
 Banho no quarto
 Rainha Vitória em caminho para a revista militar.

Os preços também não diferiam muito das primeiras companhias que se apresentaram em Curitiba em 1897:

Camarote de primeira.....	12\$000
Camarote de segunda.....	10\$000
Cadeira (platêa).....	2\$000
Geraes.....	1\$000 ²⁷

O Apollo realizou também espetáculos em benefício das vítimas da seca do Ceará, com "Vistas Mortas do Estado de Santa Catarina e da História do Brasil", além de 18 filmes, e outro em benefício da Escola Alemã.²⁸

O cinematôgrapho Apollo retornaria à Curitiba em julho de 1902 onde exibiu, no mesmo Teatro Hauer, o "sucesso extraordinário na exposição estadual de Porto Alegre, o filme O Aeronauta Santos Dumont". Eram, evidentemente, filmes franceses.

²⁷A REPÚBLICA, Curitiba, 25 nov.1900

²⁸A REPÚBLICA, Curitiba, 5-8 dez.1900.

Diversas companhias ambulantes passaram por Curitiba, trazendo seus filmes de guerra, funerais, festas e paisagens, como o cinematógrafo Universal do Sr. Kaurt, que se apresentou tanto no Teatro Hauer como no Teatro Guaíra, trazendo os primeiros filmes estereoscópicos e a cores:

"No Teatro Guayra - debut do grande cinematógrafo de Mr. Kaurt. No programa:

As festas de Paris
Combate naval na China
e o Grande Estereótipo rápido com vistas de cor:

A Batalha de Waterloo
A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo"²⁹

2.2. OS FILMES EXIBIDOS

Mas os filmes a cores não causaram tanta polêmica na cidade como os exibidos quase que simultaneamente por duas companhias: a Cia. de Novidades e o Cinematógrafo Apollo em sua segunda temporada curitibana. Em julho de 1902, ambos trouxeram à recatada província os ancestrais do cinema pornô: as vistas picantes.

As exhibições, como não poderia deixar de ser, aconteceram nos teatros Guaíra e Hauer, com uma ressalva: a entrada era permitida somente para homens, sendo rigorosamente "proibida a entrada aos menores e às mulheres".

As duas companhias deixaram bem claro que os quadros eram picantes, mas "nenhum ofende a moral".

Com relação à Companhia de Novidades do Biógrapho americano que funcionava no Teatro Guaíra, o jornal A República publicou a primeira crítica cinematográfica de que se

²⁹DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 28 nov. 1901.

tem notícia em Curitiba:

"Pelos theatros

A Companhia de novidades estreou no sábado com grande sucesso. Muitos camarotes tomados e platéia completamente cheia. Terminada a linda peça musical, executada com maestria pela bando do Regimento de Segurança subiu o pano às 09 horas em ponto.

Constou a 1ª parte do espetáculo de exibição de 13 vistas por meio de cinematographo.

Agradaram muito as seguintes vistas: O Bobo Dranerman, Caras e Caretas e Dança Russa.

Felizmente a nossa platéia, como todas as plateias provincianas, é casta, reconhecidamente púdica por isso contemplou com certa indiferença, amuada mesmo, os quadros que representavam a senhora na toilette e o casamento em que o noivo estovado e brutal, mostrou que comeu uma tonelada de amendoim!

Esses quadros foram ainda apimentados com dilerios partidos das galerias, as quaes por honra do nosso theatro, a polícia deve cohibir..."³⁰

Os homens, interessados nas 38 vistas picantes que o Cinematographo Apollo exhibiu no Teatro Hauer, podiam encontrar os programas do espetáculo na Livraria Econômica, no Hotel Stock, ou no Grande Hotel. Já os ingressos, sem numeração, podiam ser adquiridos na portaria do Teatro a partir das 7 horas da noite.³¹ O espetáculo, previsto para o dia 21 de julho, acabou sendo transferido para o dia 23, em razão do mau tempo. O tempo, aliás, era justificativa mais comum para transferência de espetáculos, muitas vezes para evitar os prejuízos de uma casa vazia. O comunicado da transferência prevenia o público: "o espetáculo de amanhã constará de quadros que devem ser vistos somente por homens e pelo

³⁰A REPÚBLICA, Curitiba, 21 jul.1902.

³¹A REPÚBLICA, Curitiba, 21 jul.1902, p.3.

peçoal do Chico rasgado". Ficavam assim previnidas as excelentíssimas famílias curitibanas.

No dia seguinte à exibição, A República trazia seu comentário sobre o "espetáculo só para homens":

"Com uma boa casa funcionou hontem no theatro Hauer, o Cinematógrapho Apollo, exhibindo com admirável nitidez vistas pouco picantes. Os espectadores com-punham-se de moços, velhos e (...)só. Sebo!... Sebo!... Ora bolas Tais foram as exclamações de muitos velhos respeitáveis, que alli foram com a esperança de ver cobras e lagartos."²²

Estes filmes vinham, provavelmente, dos Estados Unidos, onde desde 1900 eram produzidos filmes picantes ou pornográficos.²³

Tanto o Cinematógrapho Apollo como o Biographo Americano permaneceram até final de julho de 1902 em Curitiba. A eles seguiu-se a Companhia Chilena, de Joaquim Pozo, que elevou para quatro o número de empresas que trouxeram filmes a Curitiba naquele ano, contra apenas uma no ano anterior. Embora o número de Companhias estivesse aumentando, assim como seu tempo de permanência na cidade, nenhuma delas tinha trazido filmes brasileiros. A produção nacional, embora pequena, já apresentava um número crescente de filmes: de 3 produções em 1897 o cinema brasileiro chegou a um total de 80 títulos em 1902, os quais representam um significativo aumento, embora fossem em sua grande maioria tomadas curtas de acontecimentos do cotidiano.

Entre eles, apenas dois podem ser considerados de ficção: *Infelicidade de um velho na primeira noite de casa-*

²²A REPÚBLICA, Curitiba, 24 jul.1902, p.2.

²³SKLAR, Robert. A história social do cinema americano. São Paulo, Cultrix, 1978.

mento e Uma viagem de núpcias que acaba mal, ambos atribuídos a Paschoal Segretto e lançador no "Salão Paris, no Rio", sala de sua propriedade, em julho de 1899.

Filmes nacionais só foram exibidos em Curitiba no ano de 1903, com a Companhia de Artes de Bioscope Inglez de José Fellipi. Ao chegar em Curitiba, Fellipi instalou sua "lanterna mágica" no Teatro Guaíra, exibindo filmes nacionais e estrangeiros. O sucesso era enorme e a população lotava cada sessão. Para dar mais realismo às exibições, ele anunciava as cenas, usando um funil de lata que lhe ampliava a voz.²⁴

A Companhia logo transferiu-se para o Teatro Hauer, onde ficou até o final de sua temporada em Curitiba. Fellipi, Felipe ou Philps, conforme a grafia dos diversos artigos, pode ter sido o mesmo José Felipe que, com seu irmão Domingos, alugou uma tinturaria em Porto Alegre em 1901 e mais tarde a transformou em sala de exibições cinematográficas.²⁵ José Felipe, em 1904, exibiu seu cinematógrafo no Teatro São Pedro de Porto Alegre, tendo no mesmo ano filmado e projetado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, vistas da União Gaúcha, centro tradicionalista dirigido por Simões Lopes Neto.²⁶

Dez dias após a estréia na cidade, o Bioscope Inglez de José Fellipi exibia vistas animadas do Rio de Janeiro e de Guaratinguetá. Pela primeira vez, exibiam-se em Curitiba filmes feitos no Brasil.²⁷

As projeções do Bioscope Inglez tinham início às

²⁴PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, Cinelândia Curitibana, in: Boletim, Curitiba, s.d.

²⁵XAVIER, Valêncio. In: STECZ, Solange. Referências sobre exibições e filmagens em Curitiba 1892/1907. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1976 (Boletim Informativo nº 19).

²⁶PFEIL, Antonio de Jesus. Referência sobre as primeiras exibições e filmagens no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1975. mimeo. (arquivo pesquisador).

²⁷DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 3 set.1903.

20:30 hs, com os seguintes preços: camarotes 12\$000, frizas 10\$000, cadeiras 2\$000, geraes 1\$00. A Companhia fez sucesso e os jornais afirmavam ser a melhor "máquina animatográfica" que tinha funcionado na cidade.

THEATRO HAUER

"O Sr. Phips, empresário do Bioscope Inglês exhibirá por estes dias uma bellissima vista animada da passeata realizada nesta capital, por ocasião das festas do centenário de Duque de Caxias.²⁸

Assim foi anunciada pelo Diário da Tarde a primeira filmagem feita em Curitiba. Outro anúncio trazia mais detalhes:

THEATRO HAUER

"Oitavo e novo grandioso espetáculo da Companhia de Arte de Bioscope Inglês dedicada ao hospitaleiro público curytibano, na faustosa data da Independência do Brasil.

HOJE 7 e AMANHÃ 8 de setembro

As 8 horas e meia

GRANDES E DESLUMBRANTES NOVIDADES!

Vistas animadas e fixas de diversos Estados do Brazil e principalmente de Curytíba.

Vista animada do grande prestito realizado em Curytíba no Centenário de nascimento do immortal brasileiro

DUQUE DE CAXIAS

Serão exhibidas vistas animadas com as photographias de famílias Curytibanas.²⁹

Durante sua permanência na cidade, a Companhia de Arte e Bioscope Inglês realizou mais duas filmagens, uma delas chamada de prestito cinematográfico e realizada em 20

²⁸DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 4 set.1903.

²⁹DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 7 set.1903.

de setembro e a outra, mais um desfile militar filmado em 23 de setembro.

Para o prestito cinematographico, a população foi convencida a comparecer, individualmente ou em grupos organizados, a pé, de carro ou de bicicleta, de acordo com o aviso publicado no Diário da Tarde:

LEIAM ESTE AVISO

O Diretor da Companhia de Arte e Bioscope avisa que domingo, 20 de setembro, às 3 horas e meia da tarde, será realizado, pela primeira vez no Brazil e talvez no mundo, um grande prestito cinematográfico na Praça Mundial (Largo do Mercado), o qual será apanhado em movimento pelo Bioscope e apresentado no Theatro Hauer. Quem quizer figurar com carros, automóveis, bicicletas, associações, clube, grupos ou outros meios, pode pedir esclarecimentos no Grande Hotel".³⁰

Não há referências posteriores sobre a exibição deste filme, ou se realmente foi feito.

Outro desfile militar foi filmado por Fellipi - "a grande formatura militar", realizada no dia 23 de setembro. Anunciado como um "pomposo espetáculo de gala dedicado à invicta guarnição deste districto militar", o filme apresentava quatro partes:

- a) Passagem do general Bormann na Rua 15 de novembro;
- b) O general Bormann com seu estado maior na Formatura de 23 de setembro;
- c) Desfilar da cavalaria, artilharia e infantaria;
- d) Os verdadeiros amadores do Bioscope... depois na formatura militar.

³⁰DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 18 set.1903.

Os preços como em outras ocasiões, iam de 12\$000, um camarote de cinco cadeiras, a 1\$000 na geral, com a observação de que "não serão absolutamente admitidas nos camarotes e frizas mais que 5 pessoas."³¹

As filmagens feitas em Curitiba, atraíram o público e foram várias vezes reprisadas, até a partida do Bioscope Inglez para Antonina.

Em seu último espetáculo o Bioscope exibiu:

"Vistas de Foz do Iguaçu com a imponencia d'água e outros pontos da natureza paranaense e do acampamento do Batalhão de Engenheiros nos desertos de Guayra."³²

Quanto a estas vistas do interior do Estado, o jornal não esclarece se eram fixas ou animadas, numa confusão que impede que sejam consideradas como a primeira filmagem no interior do Estado. Provavelmente, eram fotografias fixas e não filmes.

Ao contrário da quantidade relativamente grande de notas e informações sobre as exhibições e filmagens em Curitiba em 1903, não foram encontrados registros durante o ano de 1904 e parte de 1905. Uma novidade mudaria este panorama: o cinematôgrapho fallante. Combinação de filme mudo com um gramofone, o cinematôgrapho falante permitia uma sincronização rudimentar: à medida que as cenas apareciam na tela, eram tocadas músicas que acompanhavam a ação.

Anunciada com antecedência, a novidade permitiria ao público assistir, a preços mais baixos, os espetáculos líricos e teatrais:

³¹DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 19 out.1903.

³²DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 16 out.1903.

"(...)a 16 do corrente no vapor Júpiter, partirá para esta capital um cinematographo fallante, segundo o telegrama que vimos do empresário. Serão exhibidas vistas de guerra russo japonesa.³³

Trazido por Eduardo Hervet, o cinematographo fallante fez sua estréia em 7 de julho de 1905 no Teatro Guaíra, numa sessão especial para a imprensa:

"Cynematographo fallante

É a grande novidade dos últimos tempos esse aparelho que em combinação matemática, com as modernas máquinas fallantes, dá vida às scenas e figuras focalizadas sobre um panno, maravilhando os espectadores com a ilusão de um grupo vivo, a mover-se, a falar, gesticular, representando operetas inteiras e provocando aplausos...

É Cocquelin e Sarah Bernardt, Sada Yacô, é Carelli, é Rejane e Caruso multiplicados a exhibirem na mesma noite e nos mais remotos pontos do globo seus méritos artísticos, com a mesma voz canora e modulada em rouxinóis humanos e os mesmos gestos e declamações celebrisadas pelas platéias mundiais, cantando ou representando as afamadas peças de Puccini, Shakespeare, Wagner, Sardou, Marcarini e dando ainda a vantagem do preço, demasiado barato, si nos lembramos que cada espetáculo dessas celebridades custa ao espectador avultada quantia.

O público Curytibano não deve, pois, faltar a função de estréia, sabbado próximo, no Theatro Guayra, certo de que se satisfará com o Cynematographo fallante, cujo empresário, sr. Hervet, destina para este espetáculo as melhores vistas de seu repertório, entre as quaes muitas sobre a guerra russo-japonesa."³⁴

³³DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 12 jun.1905, p.2.

³⁴A REPÚBLICA, Curitiba, 6 jul.1905, p.1.

Os comentários na imprensa mostravam que a função havia sido um verdadeiro sucesso pela "perfeição entre o phonographo e o cynematographo", dando a perfeita ilusão do real.³⁵

A nova diversão reativou os teatros que estavam fechados, levando tal número de espectadores que a polícia muitas vezes teve de interferir:

"(...)o cynematôgrapho, que em boa hora apareceu nesta capital, pois há muito os theatros estavam fechados há de fazer carreira, tendo conseguido duas casas a cunha.

Nas duas funções a venda de bilhetes foi suspensa pela polícia, por haver excesso de lotação no theatro, o que deu lugar a que os camistas vendessem cadeiras por mais do dobro.

Neste facto está demonstrada a grande aceitação que teve o cynematôgrapho."³⁶

Outros comentários mostravam a reação do público:

"(...)Nos quadros sobre a guerra russo-japonesa, o Sr. Hervet porém não foi de muita sorte, pois justamente quando a platea acompanhava com emoção as peripécias dos encarnecidos combates, esperando com anciedade a rendição de Porto Arthur, zaz... o cynematôgrapho foi victima talvez de um projétil.

Momentos depois recomeçou a funcionar, porém o encanto já havia desaparecido. Não fosse pequeno incidente e o espetáculo teria sido magnífico, entretanto o Sr. Hervet poderia ter nos poupado aquela xaropada à Lua.*

³⁵A REPÚBLICA, Curitiba, 06 jul.1905, p.01.

³⁶DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 10 jul.1905.

*DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 14 jun.1905, A xaropada à lua a que se refere o artigo deve ser o filme de Georges Méliès (1902), "Viagem à Lua".

Nem todos, no entanto, tinham uma opinião favorável a respeito do cinemátographo fallante. O cronista Sylvano de Mattos, em sua coluna "Echos da Aldeia", criticava a novidade, por tirar o público dos teatros. Embora atacasse o cinemátographo, Sylvano Mattos confirmava seu sucesso:

"(...) deplorável impressão que tive por via do cynematôgrapho no Theatro Guayra. Desde a forma de annunciar a mirabolante função me irritou: foguetões, de espaço a espaço, proclamando, aos estouros, o espetáculo faianco. Ora, essa rudimentar espécie de annúncios vae calhar em logarejos: numa cidade, de mais a capital, é estrondosamente hedionda.

Sabbado compareci a estrea do cinemátographo.

O theatro transbordava...

Inexplicavelmente, subito me invadiu um ódio surdo, odiei todos os que ali se achavam; eu próprio senti-me pequeno, ordinário...

Sentei-me. Não havia orchestra como é de direito nos theatros, uma banda marcial se pos a executar um lindo trecho de ópera. Corri a vista pelas frisas, pelos camarotes e platéia e galerias; um formigueiro humano; Ora aqui está, philosopheei como as coisas são:

o theatro ficaria quase as moscas si o espetáculo fosse lyrico dramático ou opereta; os camarotes não estariam assim garridos de damas, a platea seria mais ou menos como o deserto do Sahara...

O espetáculo porém consiste em exhibição de cousas gaiatas, de scenas inverossímeis e eil-o povaréo fervilhando...

Decididamente o nosso progresso vae a passo de tartaruga. Há pouco tempo ainda um emprezário tentou trazer, a este mesmo theatro, uma companhia de operas esplendidas, mas não conseguiu assignaturas para 10 récitaes: um simples cinemátographo, que nem tem o mérito da novidade, põe a cidade em reboliço.³⁷

³⁷DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 14 jun.1905, p.1.

Esta não foi a única matéria a criticar o cinematógrapho. Diferentes opiniões existiam sobre ele como no artigo transcrito a seguir:

"Aos Sábados

(...)Esse cynematógrapho fallante, cantante, dançante e barulhento, que foi e está sendo exhibido no Guayra, obra demoníaca e com o qual não concordam as escripturas, nem os canones, está sendo a "great attracion" do nosso povo, que mais attende aos desejos do espírito de se deliciar e sorrir, do que aos sermões dos pregadores sacros que ainda neste século mal empregam o seu latim excomulgando as grandes invenções da sciência.

O que os frequentadores do Guayra estão admirando, conquanto seja uma das mais perfeitas combinações phonica cynematographica, longe ainda está de ser a última palavra da sciencia neste gênero de aplicações científicas.³⁸

2.3. O HÁBITO SE INCORPORA AOS COSTUMES LOCAIS

Apreciado pela população que o incorporou a seus hábitos de lazer, o cinema foi fazendo parte da vida do curitibano. Exibido inicialmente em teatros, populariza-se rapidamente com sua introdução nos parques de diversões, que o incluía entre as atrações principais.

O primeiro destes parques, em Curitiba, foi o Coliseu Coritibano, criado em 1905 pelo imigrante espanhol Francisco Serrador, pioneiro dos circuitos exibidores no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Serrador chegou ao Brasil em 1900, onde se decidiu

³⁸DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 14 jun.1905, p.01.

às exibições ambulantes de filmes. Organizou uma companhia ambulante, o Cinematógrafo Richebourg, com o qual percorreu parte do País. Em Curitiba, o Richebourg apresentou-se no dia 05 de outubro de 1905, data da primeira referência ao Coliseu Coritibano. Para sua estréia foi anunciada uma grandiosidade de películas com figuras animadas, recém-chegadas da Alemanha. Embora a primeira impressão não tenha sido boa, logo as falhas foram corrigidas:

"à noite funcionou no Coliseu Coritibano, o cinematographo, não podendo ser apreciadas as figuras animadas, com nitidez, devido ao demasiado tremer da projeção."³⁹

O cinematógrafo do Coliseu, que funcionava semanalmente, em geral nas quintas-feiras e finais de semana, teve sucesso crescente, o que levaria à ampliação do espaço de exibição dentro do Parque.

"

Colyseu Curitibano

Domingo 5 do corrente

estréia! estréia! estréia!

do surpreendente Cinematographo...

RICHEBOURGO..... recém chegado da Alemanha, o qual contém uma grandiosa variedade de películas com figuras animadas. O Phenix Lumière... projeções luminosas, admiráveis vistas. O magnífico carroussel completamente reformado para gaudio das famílias fará sua carreira em pequenos intervallos.

KALLOSCOPS AUTOMÁTICOS

Encantadora colleção de vistas panorâmicas e das mais célebres - DEMI-MONDAINES de Paris.

GALLINHAS DA ETHIOPIA as quaes produzem milhares de ovos magníficos.

Skating ring um dos mais modernos sports.

TIRO AO ALVO! LINDO DIVERTIMENTO! AOS

³⁹ A REPÚBLICA, Curitiba, 27 out.1905.

OVOS DANÇANTES.

O célebre POLINHON ultima criação musical automática.

Excellentes bandas de música com seus maraviosos sons farão as delicias dos amateurs as 6 horas da tarde serão elevados 2 balões monstros com fogos de artifícios. Brevemente inaugurar-se-ha FONTE MARAVILHOSA.

que tanto exito tem alcançado nas grandes capitais do mundo.

Incontestavelmente o COLISEU é o ponto mais aprazível e onde se reúne a Elite da Sociedade Curitibana.

Explendido serviço de Botequim - DOMINGO todos ao Colyseu!

Entrada franca. A Empresa reserva-se o direito de vedar a entrada de quem julgar conveniente.⁴⁰

As exhibições cinematográficas eram paralelas a outras atrações, como patinação, carrossel e outros divertimentos. A reação da imprensa foi totalmente favorável:

"(...)bandos de gentis senhoritas e uma concorrência enorme de pessoas de todas as classes sociais, attrahidas pelo grande novidade: o cinematographo Richembourgo allí inaugurado a noite.

Além dessa muitas outras diversões se realizaram no Colyseu, para gaudio do público que o considera um ponto fixo do seu programa de sueto universal.

As 6 horas foram soltos balões monstros e durante toda a parte da noite duas bandas musicaes jorraram no artístico parque, ininterrupta torrente de harmonias.

Agradou muito a exhibição cynematographica, para o que concorreu o selecto repertório de vistas sensacionaes sobre a guerra russo-japonesa e outros assumptos alguns dos quaes de um cômico impagável.⁴¹

⁴⁰A REPÚBLICA, Curitiba, 4 jan.1905, p.3.

⁴¹A REPÚBLICA, Curitiba, 6 nov.1905, p.

Outro jornal salientou o sucesso do cinematografo:

"(...)Colyseu Coritibano - Bem dissemos que aí haveria coisas do arco da velha. E houve. O cinematographo com que os esforçados proprietários do Colyseu brindaram o público causou óptima impressão e certamente ninguém irá mais ao Colyseu sem apreciar as bellissimas vistas, históricas umas, esplêndidas de ver-se outras. Pode-se dizer que o Colyseu completou com o cinematographo sua copioso lista de diversões."⁴²

O Richembourg permaneceu no Colyseu até o final de 1905, conforme os comentários e anúncios da imprensa.

Quanto à continuidade da carreira de Serrador como exibidor ambulante, poucos são os dados. Retornamos aqui à questão da necessidade de estudos sobre as companhias ambulantes, através das quais podem ser somados dados preciosos para a reconstituição dos primeiros anos do cinema no Brasil.

Em sua *Crônica do Cinema Paulistano*, Maria Rita Galvão afirma que Serrador realizou exhibições pelo interior de São Paulo, em cidades como Ribeirão Preto, São Carlos, Amparo e outras. Em São Paulo, Serrador instalou em 1907 a primeira sala fixa de exhibição, o Eldorado. No mesmo ano já estava constituída a Empresa F. Serrador, proprietária do Bijou-Theatre.* No Rio de Janeiro, onde passaria a viver, Serrador inaugurou a 12 de outubro de 1910 o cinema Chantecler, na Rua Visconde do Rio Branco, 53. Tanto em São Paulo quanto no Rio, Serrador dedicou-se ainda à produção de filmes de

⁴²A NOTÍCIA, Curitiba, 6 nov.1905, p.

* Vicente de Paula Araújo, em *Salões, Circos e Cinemas de São Paulo*, cita ainda o *Cinematographo Richembourg* - "aparelho de propriedade da F. Serrador, que funcionou, em 1907 no Sant'Ana, Polytheama e no Bijou-Theatre". Quanto ao *Bijou-Theatre* cita - Rua de São João junto ao Polytheama e ao Mercadinho. *Cinematographo* de Francisco Serrador, inaugurado em 16 de novembro. Não há menção ao Eldorado ao qual se referiu Maria Rita Galvão. (ver: ARAÚJO, Vicente Paula. *Salões, circos e cinemas em São Paulo*, São Paulo, Perspectiva, 1981).

de enredo, posados e cantantes, atividade que abandonou em 1912, quando passou a se dedicar exclusivamente à exibição.

O cinematógrafo Richembourg de Serrador esteve em Curitiba de janeiro a março de 1907, com exibições no Teatro Guaíra. Na estréia da tournée paranaense, no dia 18 de janeiro, Serrador esteve presente:

"Realizou-se hontem no Teatro Guayra o espetáculo de estréia da empresa Richembourg. É um dos melhores aparelhos cinematographicos que se tem exhibido nesta capital. No entre acto o Sr. Serrador ofereceu aos representantes da imprensa, um profuso copo d'água(...)."⁴⁴

Sucesso de público o Richembourg, "único firme e sem trepidações", cobrava preços populares: Camarotes 10\$000, Cadeiras 2\$000 e Geral 1\$000, realizando exibições mesmo em dias de chuva, conforme salientavam seus anúncios.

Ao deixar Curitiba, com destino a Paranaguá o representante do Richembourg, A.Gadon, procurou os jornais para as despedidas:

"Não obstante o mau tempo, teve hontem real enchente o Teatro Guayra, onde presentemente se exhibe a empresa cinematografica Richembourg. A empresa uma das melhores que tem funcionado nesta capital, parte amanhã, para Paranaguá, onde certo alcançará sucesso. O digno cavalheiro senhor A.Gadon, veio trazer-nos suas despedidas por ter de retirar-se desta capital como representante da empresa Richembourg".⁴⁵

Além das exibições de sua Companhia itinerante, Serrador inaugurou o novo Teatro Coliseu, "um edifício amplo e sólido, bem trabalhado, todo de madeira, com cores claras

⁴⁴DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 18 jan. 1907, p.

⁴⁵DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 18 mar.1907, p.

nas quais a luz elétrica dá um belo efeito".⁴⁶ A inauguração se deu com um grande festival a 17 de outubro. Uma semana antes Serrador reuniu a imprensa numa churrascada. Este seu bom relacionamento com a imprensa através dos jornalistas garantia a promoção do novo Teatro:

"Dentro de quinze dias será inaugurado o novo teatro, que terá as dimensões do Salão Hauer. No dia da inauguração, o Sr. Francisco Serrador realizará no Coliseu belo festival. No teatro trabalharão, logo que possível artistas contratados pela empresa".⁴⁷

"Avançam com rapidez as obras do novo teatro do Coliseu. Terá excelente sala de espera para os espectadores, evitando os atropelos dos dias de enchente. A platéia tem lotação de dois mil lugares. Caso seja possível será inaugurado no próximo domingo com funções cinematográficas.

Na construção do teatro trabalham setenta operários".⁴⁸

O Teatro do Coliseu estabeleceu preços para adultos e crianças: 1\$000 e 500 réis, respectivamente, além de aumentar o número de sessões.

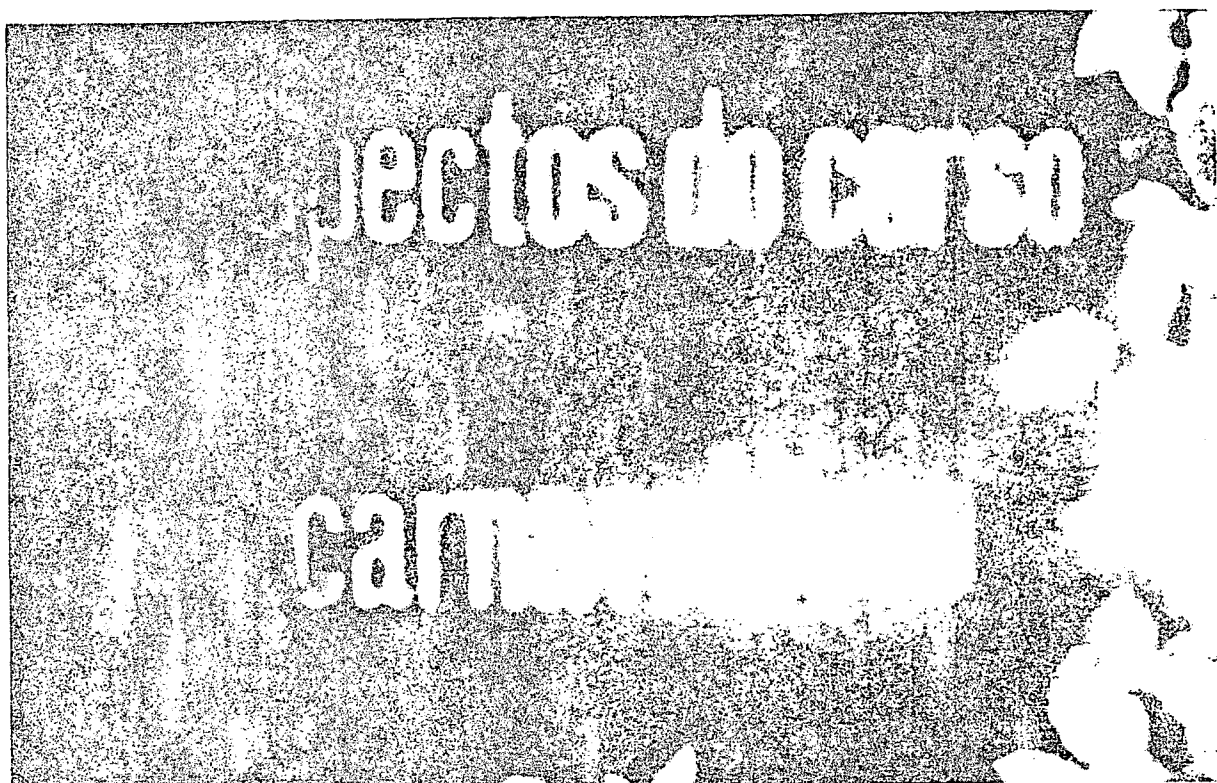
Outros parques que tinham o cinema como atração principal começam a aparecer na cidade. Na véspera de Natal de 1907, inaugurou-se o Eden Paranaense:

"(...)Ontem teve lugar a inauguração do Eden Paranaense, novo parque de diversões situado em magnífico local, de onde se descortina a praça Ozório. Aos convivas foram exibidas vistas cinematográficas que mostram ser o aparelho de pri-

⁴⁶DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 18 mar.1907.

⁴⁷DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 29-30 set.1907.

⁴⁸DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 10 out.1907.



"CARNAVAL EM CURITIBA"

ANNIBAL REQUIÃO

meira ordem. O gerente Sr. João Loyola ofereceu delicado lanche. Hoje haverá seis sessões."⁴⁹

Poucos meses depois mais dois parques exibiam filmes: o Parque do Museu, cujo "cinematographo ao ar livre está se tornando um ponto de grande atração, sendo numerosa a concorrência".⁵⁰ e o Central Park, localizado na Rua Dr. Muricy, esquina da Rua Alegre, que em sessões diárias exibia filmes da Pathé, Gaumont, Lubin, etc.

No final da primeira década do século, Curitiba já contava com sete locais de exibição cinematográfica, entre teatros, parques e um cinema: O Smart.

Inaugurado no dia 06 de junho de 1908, o Smart Cinema localizava-se na Rua XV de Novembro 67, no local onde hoje está instalada a Galeria Schaffer.

De propriedade de Annibal Rocha Requião, o Smart foi o primeiro cinema de Curitiba. Nas sessões diárias, Requião exibia os seus próprios filmes e outros nacionais e estrangeiros. O acompanhamento das exibições era geralmente feito pelo próprio Requião em uma pianola ou no oboé. Para uma melhor ambientação das fitas, Requião providenciava "efeitos especiais", como o repicar de sinos em cenas de filmes religiosos, como a "Paixão de Cristo", ou mesmo a queima de incenso nas fitas românticas.

Em 1911, Requião ampliou as instalações do Smart, abrindo um novo salão "optimamente instalado na Rua XV, dispondo de todos os requisitos necessários a um magnífico teatrinho familiar". Os jornais descreveram detalhadamente as

⁴⁹DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 25 dez.1907.

⁵⁰DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 30 mar.1908..

instalações do novo cinema:

"Smart - Instala-se amanhã em seu novo e elegante prédio o Smart Cinema, casa nova com as precisas condições para servir ao fim a que foi apropriada. O seu arranjo interno se reveste do capricho e fino gosto que Annibal Requião e seus operosos irmãos sabem imprimir com superfinos cuidados de arte às cousas que tocam, produzindo maravilhas com este salão hoje verdadeiramente Smart.

A sala de espera é um mimo, com seus vitraes multicolores, profusão de luzes e conforto para o público. O salão de cinema com seus 300 lugares, dividido em três alas de cadeiras, tem comodidade, hygiene e perfeita segurança. Cumpre agora que o Smart possa ser o ponto preferido pela nossa sociedade elegante e sem receios que as casas de espetáculo em nosso meio infundem a muita gente. Estamos certos que a nossa polícia dos theatros saberá o público que se quer divertir, de uma outra espécie de público que pretende serem as casas de espetáculos campo propício ao divertimento da postura e da ordem."⁵¹

A inauguração do novo prédio do Smart reuniu empresários, autoridades e imprensa que, ao transporem a porta principal, encontravam uma decoração cuidadosa com espelhos nas paredes, tapetes, flores, cadeiras com assento de palhinha. Um bomboniêre vendia doces e cartões postais. Para completar o ambiente, havia um bar e um jardim interno com um repuxo ao centro. Todo este cuidado na decoração da nova sala foi ressaltado pela imprensa com declarações como:

"(...)Smart Cinema - De hoje em diante, esse logradouro corytibano pode se condecorar em verdade com a palavra que lhe serve de título: Smart! Cabe-lhe legitimamente essa denominação elegante por-

⁵¹A REPÚBLICA, Curitiba, 28 set.1911, p.2.



"CARNAVAL EM CURITIBA"

ANNIBAL REQUIÃO

quanto ao novo prédio à rua quinze de novembro, se acha instalado um raro luxo(...)

(...)Enfim, o Smart está um cinema elegante e será por certo, o ponto high-life coritibano."⁵²

Curitiba crescia e se transformava. Sua rede de transportes modernizava-se, com a chegada dos bondes elétricos e a fundação da primeira universidade brasileira, em 1912 a Universidade Federal do Paraná, dava à capital um ar de centro cultural e intelectual, no qual a ampliação e sofisticação das salas de cinema tinha um papel importante, pois cinemas e teatros eram motivos de comentários diários na imprensa, muitas vezes registrando a presença de personalidades da chamada "sociedade chic" em suas promoções. Pois artigos demonstram o desenvolvimento cultural e urbano da cidade. Ambos são exemplos do tipo de comentário frequente nos jornais e revistas da época, num período em que o cinema brasileiro vivia seu auge, tanto a nível de produção como de exibição em todo o país.

"Coritiba já é uma cidade em que a população se diverte. Isto de há pouco tempo para cá, quando o Serrador introduziu em nossos costumes as casas de cinemas. Daí para cá, com o natural desenvolvimento da cidade, as nossas casas de diversões aumentaram e se revestiram de maior conforto.

Hoje ellas se tornaram ponto obrigatório, onde o nosso público à noite, procura horas de despreendimento de quem se diverte.

Nesta ordem, ellas se acham para quem vem do começo da rua 15:

Smart-Funcções diarias de cinematographo. Fitas sempre escolhidas, sempre nitidas e sempre procuradas por numerosos espectadores.

Mignon Theatre-Funcções diarias de cinematographo e variedades. Programmas

⁵²A REPÚBLICA, Curitiba, 28 set.1911, p.4.

constantemente bons e attrahentes sendo cada espectáculo uma enchente. Excellente orchestra.

Eden-Funcções diarias do cinematographo. É ponto obrigado a uma numerosa assistencia que ali vae todas as noites deliciar-se com magníficos films que são uma verdadeira delicia. Casa sempre cheia e orchestra magnifica. Polytheama (ex-Colyseu Curytibano) - Cinematographo e variedades. Avenida Luiz Xavier. Delicioso parque onde a multidão passeante dos domingos se agita num vae-e-vem constante."⁵³

A CIDADE MODERNA

Coritiba é hoje uma cidade attrahente, ostentando a magnificiência de sua natureza empolgante.

A 900 metros sobre o nível do oceano, no planalto de seo nome, na parte concava de uma coxilha orlada de outeiros onde ainda se aprumam os pinheiraes, está assente a capital paranaense. É o centro da população mais importante e o principal foco intellectual do Paraná.

Na sua area urbana 40.000 pessoas dirigem os braços na batalha edificante do trabalho fecundo e porfiado, em prol da grandeza futura deste pedaço bemdito do Brazil.

Illuminada a luz electrica, abastecida de agua potavel, com soffrivel rede de exgotos, Coritiba seria hoje uma cidade seductora, se suas ruas fossem revestidas pelos systemas modernos de calçamento urbano.

Ella bem impressiona o forasteiro, com suas largas ruas, rasgadas em linhas rectas, e onde os raios de Sol caem em feixes brilhantes.

Seos prédios ainda não se impõem pela figalguia architectonica. São casarões pesados, muitos, especies de cubos, características do artifice germanico, que não se destaca pela delicada per-

⁵³OLHO DA RUA, Curitiba, 27 maio 1911, p.6.

cepção esthética.

A cidade tem diversões nocturnas, proporcionadas por essa onda de cinemas que afogou os centros populosos de toda a Terra.

Faltam-lhe hotéis de luxo. Os que existem deixam muito a desejar, ermos de conforto e de bem estar que se encontram nos hotéis europeos e norte-americanos. O seo clima é algido nos meses de Abril e Julho, e suavemente tepido nas outras fases do anno.

O commercio exhibe lindos e fartos estabelecimentos, onde se encontram todos os artefactos da industria europea e indigena.

O transporte urbano é feito por carruagens, por automoveis e por péssimos bondes de tracção a sangue, que será brevemente substituida pela energia electrica. A indústria manufactureira apresenta todos os dias animadores symptomas de franco desdobramento, estando em relevo as importantes fabricas de herva-matte que funcionam nas circum-visinhanças da cidade.

E assim, Coritiba se expande e prospera a passos largos e ousados na clareira luminosa da evolução.

Em face do rapido progredir desta cidade, dizem-nos oraculos da mais bem fundada esperança que daqui a dois lustros ella será uma das principaes cidades do Brazil.⁵⁴

A ampliação de Smart veio fazer frente às reformas realizadas no Eden Paranaense em fevereiro e maio de 1911 e ao Coliseu Curitibano que, vendido à Empresa Ildefonso e Cia. teve seu nome alterado para Theatro Polytheama. Fechado no dia 02 de março de 1911 o Coliseu, já com o nome de Polytheama, reabriu no mês de abril. Alguns dias após a reinauguração, ali foi apresentado um "espetáculo especial exhibindo fitas somente de assumptos militares, offerecidos à

⁵⁴ PÁTRIA E LAR, Curitiba, s.ed., 1911, p.14-5

guarnição deste Estado Regimento de segurança e Batalhão de caçadores."⁵⁵

À função estiveram presentes generais, inspetores da região o comandante da 2ª Brigada e os comandantes dos Corpos da Guarnição, Regimento de Segurança e Batalhão Rio Branco.

Pelas notas e comentários da imprensa era o Smart, no entanto, o cinema de maior frequência e mais suntuosidade. Para manter o prestígio da sala, Requião procurava sempre novidades: sessões diárias, filmes de arte, matinadas infantis.

Na comemoração dos quatro anos de existência do Smart, Requião realizou uma grande festa com distribuição de brindes para os frequentadores e doces para as crianças.

"Com grande brilhantismo festejará amanhã o quarto aniversário de sua fundação o conhecido Smart Cinema. À tenacidade inquebrantável do Sr. Requião se deve a fundação e consequente manutenção deste apreciado salão, onde diariamente se reúne a elite da nossa cidade para assistir a projeção do que de mais bello e moderno se pode desejar em cinematographia. Convém salientar que ao Smart devemos sessões diárias, as bellas secções de arte, as festas para recreio do mundo infantil, as diversões, enfim, onde se prima pelo respeito, pela elegância. Programas variadissimos, surpresas para as crianças, tudo o Smart prepara amanhã, em que tudo estará em festas. Correspondendo ainda a gentileza que o público lhe tem dispensado o Smart desde a hora da tarde terá o salão em sessão permanente para as crianças fazendo nesta ocasião a distribuição de doces, brindes e outras surpresas aos frequentadores. O salão está sendo enfeitado com delicado gosto artístico."⁵⁶

⁵⁵A REPÚBLICA, Curitiba, 6 abr.1911, p.2.

⁵⁶A REPÚBLICA, Curitiba, 5 jun.1912, p.1.

A freqüência aos cinemas era grande no início da década de 10, prova disso são as reformas e ampliações das salas, bem como a abertura de novos cinemas. Em 1912 duas novas salas passam a funcionar: Bijou Cinema, inaugurado em 03 de janeiro, na Rua Marechal Floriano Peixoto, com funções aos sábados, domingos e feriados, e o Cinema Vitória, inaugurado em 06 de junho, na Rua Comendador Araújo, de propriedade dos Senhores Riegel e Companhia.

As salas de cinema intercalavam em sua programação filmes nacionais e estrangeiros, procurando atrair o público com promoções, brindes e atrações.

"(...)Cine Vitória - aviso - A Empresa deste apreciado theatrinho resolveo devido a grande concorrência de expectadores e a exhibição de fitas de grande metragem contratar uma orchestra com a qual se deliciarão as exmas. famílias devido às bellas peças que serão regidas pelo maestro Luiz Bastos. E mais - os frequentadores e exmas. famílias receberão um presente no fim da secção permanente. 5 fitas por 500 réis. A Empreza".⁵⁷

Não eram só as promoções festivas que movimentavam os cinemas de Curitiba. Embora voltados à diversão, os cinemas não poderiam ignorar a disputa de limites entre Paraná e Santa Catarina que gerou a Guerra do Contestado, que se estendeu de 1912 a 1915:

"22.10.1912, o primeiro combate da guerra camponesa do Contestado, região disputada pelos Estados de Santa Catarina e do Paraná. Poucos dias antes, o monge José Maria e seus seguidores, expulsos de Taquarussu (Santa Catarina) tinham chegado ao Faxinal do Irany onde são atacados pelo Regimento de Segurança do Estado do Paraná."⁵⁸

⁵⁷DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 26 set.1912, p.3.

⁵⁸BERNARDET, Jean Claude. A Guerra Camponesa do Contestado. São Paulo, Global, 1979. p.8.

A morte do coronel Paranaense João Gualberto e de soldados paranaenses em Irany sensibilizou a população e atingiu os cinemas que, em sinal de luto, mantiveram suas portas fechadas. O Smart reabriu com filmes de Annibal Requião que mostravam a partida do regimento de Segurança para Palmas e os funerais do Coronel João Gualberto:

"Theatros, Cinemas e Salões - Reabrem-se hoje todas as casas de diversões que haviam suspendido seus atractivos em sinal de luto. O Smart Cinema funcionará em secção permanente até as 8 horas sendo o producto das entradas em benefício das famílias que morreram no combate nos campos de Irany. No programma figurará a finta representando a partida do Regimento de Segurança para Palmas."⁵⁹

Nos dias 08 e 09 de novembro, o Smart exhibia, do próprio Requião, "A chegada e funeraes do Coronel João Gualberto".

Apesar da preferência de Requião pela filmagem de assuntos cívicos e militares, não são conhecidas referências sobre filmagens da Guerra do Contestado feitas por ele, além dos dois filmes já citados. Requião, que havia filmado em Porto União um ano antes do início da Guerra do Contestado ("Porto União - Ponte Metálica sobre o Rio Iguaçu", lançamento do Cine Smart em 12.10.1911), não voltou à região durante o conflito para registrar passagens no combate, como faria anos mais tarde o paranaense João Batista Groff, que, acompanhando as tropas durante a Revolução de 1930, realizou o filme Pátria Redimida.

Sobre o Contestado existe apenas a referência de um registro fílmico: "Na região dos fanáticos - Os fanáti-

⁵⁹ COMÉRCIO DO PARANÁ, Curitiba, 26 out.1912, p.2.

cos de Taguarussu", que descrevia a região dos conflitos e o movimento das tropas do general Carlos Frederico de Mesquita. O filme, feito pelo gaúcho Emilio Guimarães, foi lançado no Mignon em agosto de 1914, e exibido em seguida no Smart.

"Parques e Cinemas - Mignon - Aos habituees do Mignon foi apresentado hontem o bem elaborado film: Na região dos fanáticos. Trabalho feito com verdadeiro esmero esse film é o completo attestado do esforço dispendido pelo arrojado photo-cinematographista, Sr. Guimarães que com muita felicidade apanhou scenas principais do movimento dos fanáticos na região de Taguarussu. Foi enfim, um sucesso tanto para o Mignon quanto para o Sr. Guimarães, a estréia desse esplêndido film. Smart - secundando o triumpho alcançado pelo Mignon o Smart projetou em sua tela o film: Na região dos fanáticos, alcançando identico sucesso. A assistência numerosa e chic saiu satisfeita".⁶⁰

2.4. O AVANÇO DO CINEMA ESTRANGEIRO

A medida que o cinema a nível mundial vai ampliando suas atividades, como uma indústria de lazer em expansão, e passa a buscar mercados pouco explorados, o cinema brasileiro vai perdendo seu espaço. Por volta de 1912, a marcha para os novos mercados atinge o Brasil e as companhias estrangeiras passam a investir com todo seu peso. A animação que reinava no meio cinematográfico no Rio de Janeiro, com as produções lançadas em 1911, como "A Serrana" de Francisco Serrador, anunciada como "uma opereta de costumes

⁶⁰ COMÉRCIO DO PARANÁ, Curitiba, 21 ago.1914, p.2.

portugueses inteiramente bailadas e cantada sem nenhuma declamação", "606", revista de Paulino Botelho, ou ainda "A dançarina descalça" de Cristóvão Guilherme Auler, representavam, ao lado de poucos títulos o final de um ciclo movimentado do cinema nacional:

"Intensificava-se a crise: quase todos aqueles que participavam ativamente na fabricação de filmes nacionais abandonavam lides cinematográficas. Argumentistas, roteiristas e diretores de cena que haviam surgido, aos poucos vão retornando às suas origens jornalísticas e teatrais. O desinteresse generalizado atinge também os primeiros produtores e dele não escapa nem um Paschoal Segretto que cada vez mais se dedicará apenas ao teatro ligeiro(...)
(...)Os que persistem em fazer filmes nacionais encontram crescente dificuldade em exibi-lo."⁶¹

Os grandes grupos vão se estruturando no mercado exibidor e, para manter o monopólio, passam a comprar salas de cinema onde garantiam a exibição do produto que distribuíam. É o caso da Companhia Cinematográfica Brasileira, com sede em São Paulo e sucursal no Rio de Janeiro, que, em 1912, adquiriu naquela cidade os cinemas Avenida, Pathé e Odeon, ampliando suas aquisições, no mesmo ano, para salas de exibição em Niterói, Belo Horizonte e Juiz de Fora.

A distribuidora anunciava ter o maior estoque de filmes da América Latina, com exclusividade de distribuição das seguintes empresas:

- a) França - Pathé, Gaumont, Ralheigh Roberto, Lux, Eclipse, Rádios, Urban e Le Lyon.
- b) Alemanha - Mester, Bioscope, Fotorama.

⁶¹GOMES, Paulo Emilio Salles. Cinema, trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. p.46-47.

- c) Inglaterra - Warwick
- d) Itália - Ambrósio, Cines, Itala, Pasquali,
Aquila, Milano
- e) Dinamarca - Norsisk
- f) Estados Unidos - Biograph, Vitagraph, Edison,
Lubin, Reliance, Tanhouser, IMP, Wild
West American Cinema
- g) Espanha - Hispano Film, Iris Film
- h) Portugal - Ideal^{6 2}

Anúncio na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro informava:

"A Cia Cinematográfica Brasileira sucursal das Empresas F.Serrador e Iris Theatro, com sede em São Paulo e sucursal no Rio de Janeiro, proprietária dos cinemas Pathé, Avenida e Odeon, no Rio e exclusiva para todo o Brasil dos filmes: Gaumont, Éclair, Éclair-Americ, Cines, Pasquali, Savoia, Milano Film, Vitagraph, Edson, Lubin, Wild West, Essanay, etc. Exclusiva para todo o Estado de São Paulo dos filmes: Cines, Pasquali, Milano Film, Savoia, Itala, Aquila (italianos) Nordisk e Copenhagen (dinamarqueses) Pharos, Bioscop e Mutoscope (alemães) Viagraph, Lubin, Essanay, Edison, Wild West (americanos) American, Kinema, Nizza, etc. etc. de 27 fábricas".^{6 3}

Em entrevista à imprensa, o vice-diretor da distribuidora, Silvério Ignarra, afirmava a intenção da Cia. Cinematográfica Brasileira em exhibir filmes nacionais.

^{6 2} BERNARDET, Jean Claude. Cinema Brasileiro: Propostas para uma história, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p.9.

^{6 3} ARAÚJO, Vicente Paula. p.395.

" (...)Mas a Cia procurará fitas com a mesma perfeição das fábricas estrangeiras. Serão tirados aspectos, vistas das capitais, cidades e pontos pitorescos e importantes dos estados. E essas fitas, uma vez passadas aqui, serão enviadas para as casas com que temos contato, que farão exibi-las aos cinemas no estrangeiro, constituindo-se assim uma excelente propaganda de nosso país."⁶⁴

Na verdade o conceito de exibição de filmes nacionais de Ignarra se restringia àqueles filmes produzidos pela própria Cia. Brasileira, que eram documentários curtos feitos em várias partes do país. A Companhia mantinha agências nas principais capitais brasileiras, inclusive no Paraná, onde era representada pela Empresa Ildefonso e Companhia, proprietária do Mignon Theatre e do Polytheama.

A Empresa Ildefonso possuía, ainda, agências no litoral e no interior do Estado. Representando os aparelhos Rok, motores Aster e Dion-Bouton, que eram o ideal para cinemas de salão, conforme incluía em seus anúncios que afirmavam ter a Empresa "sempre em depósito 10.000 metros (dez mil metros) de films para alugueis vantajosos".⁶⁵

O avanço do filme estrangeiro é tão patente que o próprio Annibal Requião na festa de nova ampliação do Smart em março de 1913 exhibe uma comédia da Nordisk, "Mocidade e Loucura".

⁶⁴ARAÚJO, Vicente Paula. p.395.

⁶⁵DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 4 abr.1913. p.6.

III - CINEMA PARANAENSE 1907-1930

3.1. A PRODUÇÃO LOCAL

Em seus estudos sobre o cinema brasileiro, Paulo Emílio Salles Gomes dividia a História do cinema nacional em épocas, a primeira abrangendo o período de 1896 a 1912, a segunda de 1912 a 1922 e assim sucessivamente até a quinta época, de 1950 a 1966. Esta divisão, aceita pelos autores que estudam a história do cinema brasileiro, agrupa as características de produção de cada período em termos de cinematografia nacional. O primeiro período, que vai da chegada do cinema ao país até o início da penetração do cinema estrangeiro, abrange uma produção basicamente artesanal e improvisada, na qual os realizadores, em sua maioria imigrantes estrangeiros, procuravam explorar um campo de atividades aberto e sem concorrência.* Inicialmente, registravam acontecimentos oficiais e paisagens, para logo passarem, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, às primeiras experiências de filmes de enredo, que transpunham para a película cinematográfica textos teatrais ou óperas.

Em linhas gerais, este período destacava "os ritos do poder" e "as paisagens que são o orgulho da nação", na expressão de Paulo Emílio. Esta temática vai, no caso de

*A maioria dos primeiros realizadores de cinema no Brasil eram imigrantes. Vide o caso de Pascoal e Affonso Segretto no Rio de Janeiro ou de nomes, como, por exemplo, Gilberto Rossi em S. Paulo. Rossi, nascido na Itália em 1882, tomou parte do primeiro filme falado italiano em 1907, vindo para o Brasil dois anos mais tarde, na esperança de vencer no Novo Mundo e fazer a América produzindo filmes. GALVÃO, Maria Rita. Crônica do cinema paulistano, São Paulo, Ática, 1975. p.196.

São Paulo e Rio de Janeiro, abrindo espaço para outro tipo de filme, os filmes cantantes e de enredo. A "Barcarola" e "A canção do Aventureiro", ambos de 1908, são os primeiros filmes cantantes realizados no país. O primeiro, de Julio Ferrez (Rio de Janeiro), apresentava trechos da ópera "Contos de Hoffmann", filmada em Copacabana e no Arpoador e o segundo, produzido por Ruben Guimarães, trazia a ária de "O Guarani", cantada por Luis de Freitas. Também filmes de enredo começam a ser produzidos em 1908, sendo os primeiros "O crime da Mala" produção de Francisco Serrador, "Os estranguladores", de Antonio Leal, e a comédia "Nhô Anastácio chegou de viagem", produção de Arnaldo e Cia.*, sobre as aventuras de um caipira a passeio no Rio de Janeiro.**

O número de filmes de ficção (enredo e cantantes) no Rio e São Paulo é considerável para o primeiro ano de produção, no qual foram registrados 117 filmes de não-ficção (registros/documentários) e 60 de ficção.

De 1912 em diante, durante dez anos foram produzidos anualmente apenas cerca de seis filmes de enredo tanto no Rio como em S.Paulo.

*Esta teria sido a primeira fita de ficção brasileira segundo Vicente de Paula Araújo in: ARAÚJO, Vicente de Paula. A bela época do cinema brasileiro. São Paulo, Perspectiva, 1976. p.250.

Ficha Técnica: "Nhô Anastácio chegou de viagem"-Ficção- Curta Metragem, Rio de Janeiro. Produção: Arnaldo e Cia. Lançamento: 19.06.1908. Operador: Julio Ferrez. Produtores: Arnaldo Gomes de Souza, Mar.Ferrez. Elenco: José Gonçalves Leonardo. **Conteúdo: "Hilariante composição cômica nacional, nos mostrando as peregrinações de um velho roceiro perambulando pela primeira vez na capital Federal. **Quadros:** "A partida, embarque na Estação; Chegada à estação da Estrada de Ferro Central do Br.; Visita à Caixa de Conversão; O Palácio Monroe; O passeio público; O namoro e a carta da cantora; A denúncia; Volta súbita da esposa; Perseguição e reconciliação geral" - Fonte: Guia de Filmes produzidos no Brasil 1897/1910 EMBRAFILME - 1984 (1º Fascículo da Série).

No Paraná, a tendência ao registro dos ritos de poder e das paisagens persiste até o final da década de 30. A produção conhecida entre 1907, data das primeiras filmagens, e 1930 não aponta nenhuma experiência de ficção.

3.2. OS PIONEIROS

Foram três os realizadores paranaenses de que se têm registros nos primeiros trinta anos do século 20: Annibal Rocha Requião, João Baptista Groff e Arthur Rogge. Todos com uma característica comum: a produção de filmes de registro de acontecimentos oficiais ou sociais, além das filmagens de paisagens e pontos pitorescos do Estado.

3.2.1. Annibal Requião

Annibal Requião nasceu em 1875 e morreu de problemas cardíacos em 1929, "pobre e desgostoso" segundo sua família. Fotógrafo e dono de livraria, Requião foi também dono do primeiro cinema de Curitiba, o Smart, inaugurado em 1908. No Smart, Requião exibia seus filmes além de uma programação diária de fitas nacionais e estrangeiras. Para dar mais "clima" às exibições, Requião costumava acompanhar as projeções com uma pianola ou oboé, tentando criar efeitos para melhor ambientar os filmes. Por vezes era o repicar de sinos em cenas da Paixão de Cristo ou a queima de incenso em filmes românticos.

O primeiro filme de Requião, "Desfile Militar de 15 de Novembro", marcou o nascimento do cinema paranaense como tal. Nota do jornal Diário da Tarde fala sobre o desfile em comemoração ao 15 de novembro, trazendo ao final a observação: (...)durante o desfile o senhor Aníbal Rocha tirou vis-

tas para o cinematôgrapho".⁶⁶ Não foram encontradas referências posteriores sobre a exibição do filme, que, se chegou a acontecer, ocorreu no Coliseu Coritibano. Em 1907, Requião registra ainda a chegada do primeiro automóvel a Curitiba, um carro pertencente à família Fontana, que recebeu a placa de número 1. A produção cinematográfica de Requião vai se ampliando, sempre com a mesma temática, passando de dois filmes em 1907 para 18 em 1909, ano em que sua produção, conforme se constatava através de notas e anúncios nos jornais da época, atinge o ponto mais alto. É em 1909 que aparecem referências ligando o nome de Requião à Kosmos Filmes. Os dados levantados não permitem, no entanto, afirmar se foi cinegrafista ou proprietário daquela produtora, embora esta tenha sido citada em algumas matérias como de sua propriedade:*

"Várias Notícias - Os filmes Kosmos - O Smart Cinema tem exibido fitas cinematográficas tiradas nesta capital pelo Sr. Annibal Rocha, que já era um exímio amante fotográfico e que agora se revela habilíssimo no manejo do aparelho cinematográfico. O Smart tem exibido desde sua origem bem apanhadas situações de nossa capital como Jardim Botânico e assuntos como exercícios do Batalhão Infantil do Colégio Paranaense, a visitação do cemitério no dia de Finados e a romaria ao túmulo de Vicente Machado. Agora anuncia-se para amanhã, no programa do Coliseu, um filme de manobras militares, também da Kosmos. É de se esperar que como as fitas anteriores, tenha esta o mesmo êxito pela

⁶⁶DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 19 nov.1907.

*Entrevistas realizadas com membros de sua família, para elaboração de trabalho específico sobre Requião (ver: STECZ, Solange & KARAM, Elizabeth. Com Annibal Requião nasce o cinema no Pr., in: Cinema Brasileiro 8 estudos, Rio de Janeiro, EMBRAFILME/FUNARTE, 1980) não permitiram esclarecer esse ponto. Uma nota no jornal A República de 5 de julho de 1910 se refere à Kosmos como de propriedade de Requião, ao reproduzir na coluna "Telegramas" nota do Rio de Janeiro:(...)O cinema Odeon exibirá hoje fitas do Pr. do atelier Kosmos de Annibal Requião.

sua execução artística".⁶⁷

As filmagens de Requião não ficaram restritas à capital. Em 1910 fez uma viagem pelo interior do Estado, para registrar aspectos da natureza e da vida interiorana em filmes como: "Da serrinha aos primeiros saltos do Iguaçu", ou mesmo "Panoramas campesinos, cena da vida nas estâncias". Em termos de exibição, Requião teve vários de seus filmes apresentados no Rio de Janeiro, com boa aceitação, conforme comprovaram notas nos jornais locais que se referiam à "extraordinária concorrência às fitas cinematográficas do Estado do Pr.", salientando a continuidade das exibições "devido ao modo como tem agradado o público".

Em Curitiba, os filmes de Requião também eram elogiados pela imprensa:

"Assistimos hoje no Smart Cinema a passagem de uma linda fita cinematográfica da Kosmos, de que é habilíssimo o senhor Annibal Requião. A fita ali exibida apanhou todas as fases da festa à bandeira realizada no dia 19 nesta capital. Há nesta fita trechos que rivalizam com as mais nítidas fitas estrangeiras da Pathé Frères e outros autores."⁶⁸

Os filmes de Requião tiveram, sem exceção, como tema, os acontecimentos oficiais e paisagens do Estado, estas em menor número.

Dos 300 filmes que teria realizado, dois deles foram recuperados pela Cinemateca do Museu Guido Viaro, em Curitiba ("Panorama de Curitiba" e "Carnaval em Curitiba", ambos da década de 10). Outro filme atribuído a Requião, "Fatos Históricos do Tiro de Guerra 19 Rio Branco", com ima-

⁶⁷A REPÚBLICA, Curitiba, 11 nov.1909.

⁶⁸A REPÚBLICA, Curitiba, 22 nov.1909, p.2.

gens filmadas entre 1910 e 1912, tem seu contratipo depositado na Cinemateca Brasileira de S.Paulo. A relação dos títulos filmados por Requião, conforme referências da imprensa da época, permite apontar para a hipótese de que seu trabalho em cinema estava intimamente ligado aos organismos oficiais, seja por uma relação de trabalho, seja por opção particular pelo registro de solenidades do gênero. O mesmo fato se dá com João Batista Groff cuja temática segue a linha de Requião. Provavelmente o tipo de documentário realizado por Requião, aqui entendido como a filmagem de acontecimentos pura e simples, pudesse hoje ser enquadrado como um tipo de prestação de serviços entre realizador e autoridades. É provável que sua ligação com o cinema, uma extensão do seu trabalho fotográfico, seguisse uma linha mais comercial, o que justificaria a não-incursão no campo da ficção, que exige uma inversão de recursos sem segurança de retorno. Esta é uma questão que ainda permanece em aberto.

A seguir são apresentados os filmes realizados por Annibal Requião. Conforme registros da imprensa da época.

FILMES REALIZADOS POR ANNIBAL REQUIÃO

1907 - 1912

1907

- 1) Desfile de 15 de Novembro em Curitiba -
35mm. 16 quadros (q) data filmagem - 15.11.1907
- 2) Chegada do Primeiro automóvel à Curitiba
35mm. CM. 16 q.

1908

- 1) Entrega da Bandeira aos voluntários paranaenses e desfilar dos mesmos pela Rua XV.
35mm. 16 q.
- 2) Imponente vista curitibana da Entrega da bandeira aos voluntários
35mm. 16 q.
Lançamento: 22.08.1908 No Coliseu Coritibano
Provavelmente seja o mesmo filme citado com o título "Entrega da bandeira aos voluntários paranaenses e desfilar dos mesmos pela rua XV".
- 3) Ferrovia Paranaguá-Curitiba
35mm. 16 q.
- 4) Cachoeiras do Iguaçu
35mm. 16 q.
Lançamento: 22.03.1908, no Eden Paranaense
Provavelmente foi realizado por Requião, ou pelos cinegrafistas da Pathé-Frères que acompanharam a viagem de Paul Doumer ao Brasil realizando filmagens em várias partes do Estado.

1909

1) Ascensão do balão granada no passeio público

35mm. 16q.

Segundo a imprensa: "A empresa do Coliseu vai mandar cinematografar, (...)" não existe confirmação da realização e da exibição do filme.

2) Cemitério de Curitiba

35mm. 16 q. Lançamento: 05.09.1909

3) Cemitério de Curitiba em dia de Finados

35mm. 16 q. lançamento no Smart

4) Colégio Paranaense

35mm. 16 q. lançamento: 28.10.1909 no Coliseu Coritibano.

Talvez seja parte do "Exercícios do Batalhão Infantil do Colégio Paranaense" e "Formatura de Alunos do Colégio Paranaense".

5) Exercícios do batalhão infantil do Colégio Paranaense

35mm. 16 q. lançamento: 10.11.1909, no Smart

6) Formatura dos alunos do Colégio Paranaense

35mm. 16 q. lançamento: 27.10.1909, no Coliseu Coritibano

7) Colônia Gonçalves Júnior

35mm. 16 q. lançamento: 14.07.1909, no Smart

8) Comemoração do 20º aniversário da República

35mm. 16 q. lançamento: 18.11.1909, no Coliseu Coritibano.

Registra a parada militar e o préstito da Associação Cívica

9) A desfilada do regimento de segurança pela rua XV

35mm. 16 q. lançamento: 15.05.1909, no Smart

10) Desfile do batalhão de caçadores pela rua XV de novembro

35mm. 16 q. lançamento: 26.10.1909, no Coliseu Coritibano.

11) **A festa da bandeira em Curitiba**

35mm. 16 q. lançamento: 21.11.1909, no Smart

12) **Formatura do regimento de segurança**

35mm. 16 q. lançamento: 15.09.1909, no Smart

Pode ser o mesmo filme ou parte de "A desfilada do regimento de segurança pela rua XV".

13) **Jardim Botânico**

35mm. 16 q. lançamento: 26.10.1909, no Coliseu Coritibano.

Pode ser o filme "Passeio Público", como era conhecido o Jardim Botânico da cidade.

14) **Manobras do regimento de segurança**

35mm. 16 q.

Pode ser o mesmo "Regimento de Segurança" exibido em 1909.

15) **Manobras militares em Curitiba**

35mm. 16 q. lançamento: 11.11.1909, no Coliseu Coritibano.

16) **O Passeio Público**

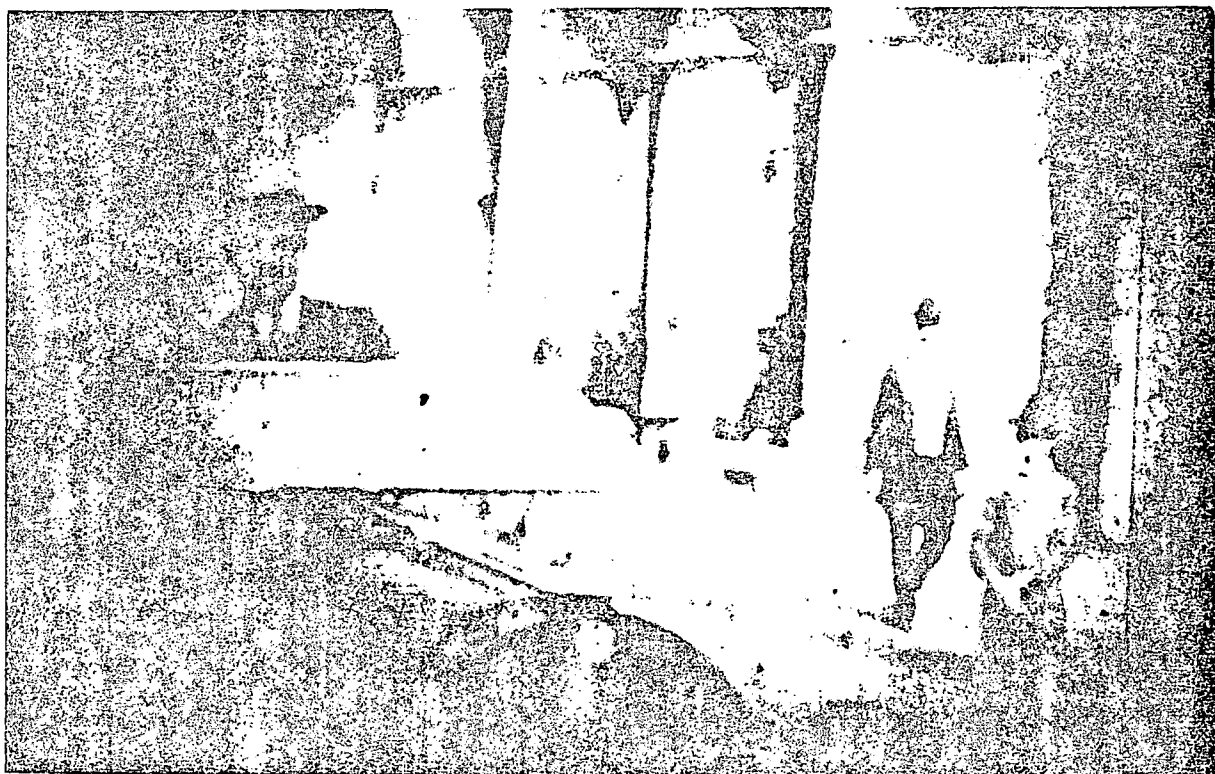
35mm. 16 q. lançamento: 26.10.1909, no Coliseu Coritibano

Pode ser o mesmo filme "Jardim Botânico" citado anteriormente.

17) **Regimento de segurança**

35mm. 16 q. lançamento: 12.06.1909, no Smart

Pode ser o "Formatura do regimento de Segurança", ou "Desfilada do regimento de segurança pela rua XV", já citados.



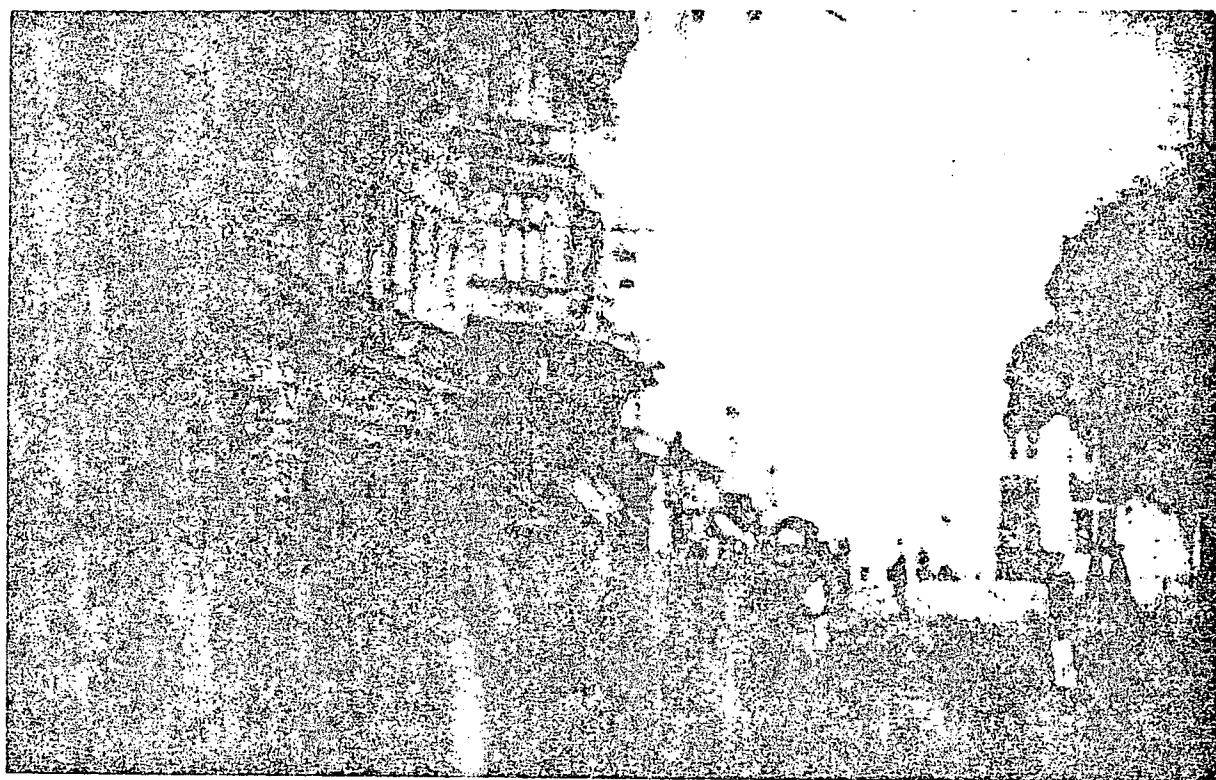
"CARNAVAL EM CURITIBA"

ANNIBAL REQUIÃO

- 18) Romaria ao túmulo do Dr. Vicente Machado
35mm. 16 q. lançamento no Smart
- 19) Saída da catedral
35mm. 16 q.
Nota sobre o filme cita "A empresa do Coliseu vai mandar cinematografar", não havendo informações sobre a realização do filme.
- 20) Viagem presidencial do Dr. Afonso Pena ao Paraná
16 q. lançamento: 12.05.1909, no Coliseu Coritibano
Com este filme acontece um fato raro no caso das filmagens de Requião. Ele foi exibido em maio, quando a visita de Afonso Pena ao Paraná ocorreu em início de abril. Normalmente, os filmes de Requião eram exibidos logo após a sua feitura.
- 21) Visitação ao cemitério em dia de finados
35mm. 16 q. lançamento: 10.11.1909, no Smart
- 22) Vista panorâmica de Curitiba
35mm. 16 q.
Nota sobre o filme afirma "A empresa do Coliseu vai mandar cinematografar" Não há notícia confirmando sua realização. Este pode ser **Panorama de Curitiba**, um dos únicos filmes de Requião do qual existem cópias.

1910

- 1) Carnaval em Curitiba
35mm. 16 q.
O filme é provavelmente da década de 10, não tendo sido estabelecida sua data exata. A Cinemateca do Museu Guido Viaro, de Curitiba possui cópia deste filme.



"PANORAMA DE CURITIBA"

ANNIBAL REQUIÃO

2) Da Serrinha aos primeiros saltos do Iguaçu

35mm. 16 q. lançamento: 21.04.1910, no Smart
Série de paisagens do Estado filmadas por Requião,
"que faz uma excursão ao interior a fim de cinematografar diversos trechos de nossas encantadoras belezas naturais".

3) Exposição pecuária no Jockey Clube Paranaense

35mm. 16 q. lançamento: 07.12.1910, no Eden Paranaense

O subtítulo deste filme esclarece mais seu conteúdo -
"Reunião Turística e exposição pecuária no Jockey Clube Paranaense".

4) Fatos históricos do tiro de guerra 19 Rio Branco

35mm. 16q. duração: 8 minutos. 180 metros.
Cinemateca Brasileira possui contratipo deste filme.

5) Instituto Agronômico Campo de Experiências do Bacacheri

(apanhado do Instituto Agronômico e do Campo de Experiências do Bacacheri)

35mm. 16 q. lançamento: 21.05.1910, no Smart

6) Panoramas campesinos, cenas da vida nas estâncias

(Paraná, Cenas de Campo, Filmes atraentes de Costumes Paranaenses, Panoramas Campesinos, Cenas da vida nas Estâncias).

35mm. 16q. lançamento: 05.05.1910, no Smart

Este filme, ou suas partes, foi exibido no Rio de Janeiro em 1910.

7) Partida dos caçadores do Tiro Rio Branco

35mm. 16q. lançamento: 04.09.1910, no Smart

Feito na "Estação de Ferro por ocasião da Partida dos caçadores de Tiro Rio Branco e representando vários

aspectos do bota fora". Talvez seja o mesmo "Despedida dos caçadores do Tiro Rio Branco" e "Despedida do 19º Batalhão Rio Branco".

- 8) **Passagem dos cavalheiros e senhoritas que compõem a nossa sociedade chique pela rua quinze de novembro**
35mm. 16q. lançamento: 01.11.1910, no Smart

- 9) **Despedida dos caçadores do Tiro Rio Branco**
35mm. 16q. lançamento no Eden Paranaense
Nota do Jornal Diário da Tarde traz: "Esta semana, impreterivelmente, Despedida dos Caçadores do Tiro Rio Branco em 13 de setembro desse ano onde se vê o Batalhão nº 19".

Existe outro filme com o título "Despedida do 19º Batalhão Rio Branco", que consta da Cronologia Cinematográfica Brasileira do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 1979, que cita o filme como uma produção de Paschoal Segretto. Pode ser um filme só.* os fatos não permitem afirmar com segurança se era ou não de Requião.

- 10) **Viagem de ida e volta dos caçadores do Tiro Rio Branco**

A exemplo dos filmes citados sobre o Tiro Rio Branco não se pode atribuir com certeza a autoria do filme à Requião.

1911

- 1) **Destróier Paraná**

35mm. 16 q. lançamento: 09.03.1911, no Smart
Provavelmente é o mesmo "Entrega da Bandeira do Destróier Paraná". Este filme foi parcial ou totalmen-

*EMBRAFILME. Filmografia do cinema brasileiro 1911 - 1920. Rio de Janeiro, 1985. p.13.

mente incluído em "Fatos históricos do Tiro de Guerra 19 Rio Branco em 1910".

- 2) Entrega dos estudantes à seção de Ginástica da sociedade dos operários alemães.

35mm. 16q. lançamento: 31.03.1911, no Smart

- 3) Formatura do regimento de segurança

35mm. 16q. lançamento: 25.11.1911, no Smart

- 4) Grande maratona de 20 quilômetros no clube Espéria

35mm. 16q. lançamento: 17.03.1911, no Eden Paranaense

- 5) Inauguração dos bondes a Pinhais

35mm. 16q. lançamento: 24.04.1911, no Eden Paranaense.

- 6) Manifestação ao Barão do Rio Branco

35mm. 16q. lançamento: 26.03.1911, no Eden Paranaense

- 7) Oficiais da guarnição de Curitiba em exercício de equitação

(Os oficiais da guarnição de Curitiba).

35mm. 16q. lançamento: 18.05.1911, no Smart

- 8) Viagem à Serra do Mar

35mm. 16q. 800 metros (média metragem) 38 minutos
lançamento: 10.01.1911, no Smart

É possível que "Viagem à Serra do Mar Estrada de Ferro do Paraná", exibido em 12.10.1911 no Smart, seja reprise deste filme.

- 9) Volta do Marechal Hermes do Estado de Minas Gerais

35mm. 16q.

1912

- 1) Chegada e funerais do Coronel João Gualberto
35mm. 16q.
Lançamento: 08.11.1912, no Smart
- 2) Partida do Regimento de Segurança para Palmas
35mm. 16q.
Lançamento: 26.10.1912, no Smart

1913

- 1) Festa militar no Ahú
35mm. 16q.
Lançamento: 10.01.1913, no Cine Mignon

1914

- 1) Primeiro voo do aviador Cícero Marques em Curitiba
35mm. 16q.
Lançamento: 07.04.1914, no Smart
Obs. É provável que seja filme de Requião, não sendo possível afirmar pelo anúncio do filme.

A produção de Annibal Requião começa a diminuir em 1912, ano em que se registram apenas três filmes. Mesmo tendo registrado a grande maioria das atividades militares realizadas em Curitiba e no interior, Requião filmou pouca coisa relativa à Guerra do Contestado, que agitou a região a partir de 1912 quando aconteceu a chamada "catástrofe do Irany", em que um grupo de fanáticos liderados por um monge derrotou o Regimento de Segurança do Paraná.⁶⁹

Relacionado à Guerra do Contestado, Requião filmou, em 1912, "A chegada dos funerais do coronel João Gualberto", exibido em novembro daquele ano em seu cinema, o Smart. Nos jornais, seu filme foi anunciado como registro dos

"pomposos funerais do malogrado João Gualberto que morreu nos campos de Irany, onde travou combate com um dos monges da guerra, João Maria de Agostini, que o matou a golpes de facão, depois de por sua vez ser atingido mortalmente."⁷⁰

Durante o mês de outubro daquele ano, o Cine Smart realizou sessões permanentes, destinados a renda às famílias dos soldados mortos nos combates nos Campos de Irany. A partida do Regimento de Segurança para Palmas, filmada por Requião, foi exibida numa das sessões do Smart no dia 26 de novembro.

Especificamente sobre os combates, existe uma referência na imprensa da época⁷¹ sobre um filme que teria sido feito em Taquaruçu e exibido em Curitiba, em 21 de agosto de 1914: "foi um trabalho feito com muito esmero, sendo um com-

⁶⁹ NASCIMENTO, Noel. O império sul-brasileiro. In: _____. A revolução brasileira e lutas sociais no Paraná. Curitiba, Ed. Beija Flor, 1983. p.58.

⁷⁰ COMÉRCIO DO PARANÁ, Curitiba, 21 ago.1914.

⁷¹ COMÉRCIO DO PARANÁ, Curitiba, 21 ago.1914.

pleto atestado dos principais movimentos dos fanáticos da região de Taguaruçu, realizado pelo photo cinematografista Sr. Guimarães."⁷²

O filme, feito por Emílio Guimarães, foi lançado em Porto Alegre, no cine Apollo, em 15 de julho de 1914. Foi também exibido com os títulos *Na Região dos Fanáticos* ou *As Forças Expedicionárias do Sul*. Conforme os anúncios a seu respeito, pode ser caracterizado como:

"Os fanáticos de Taguarussu, grande fita descritiva da região assolada pelos fanáticos, movimento das forças comandadas pelo General Carlos Frederico Mesquita."⁷³

"(...) Neste filme se aprecia toda a região que estava ocupada pelos jagunço e que as tropas federais e, estaduais desalojaram além de diversos quadros como acampamentos das tropas, marcha de artilharia, cavalaria e infantaria. Se vêem fases do combate e em uma delas se vê a morte do sargento Ivo. Filme patriótico."⁷⁴

Exibido em São Paulo, o filme não alcançou sucesso tendo inclusive sido retirado de cartaz:

"O Royal, mantendo sua tradição de honestidade declara ter retirado de sua tela o filme *Na Região dos fanáticos*, por ter verificado não corresponder o mesmo ao reclame com que fora oferecido."⁷⁵

O espaço para o filme regional vai se reduzindo à medida que as grandes companhias estrangeiras, como a Nordisk,

⁷³ COMMÉRCIO DO PARANÁ, Curitiba, 21 ago.1914.

⁷³ DIÁRIO DA TARDE, COMMÉRCIO DO PARANÁ, Curitiba, 19-20 ago.1914.

⁷⁴ EMBRAFILME. Filmografia... p.41.

⁷⁵ BERNARDET, Jean Claude. Filmografia do cinema brasileiro 1900-1935. Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo, Secret. Cultura do Estado de São Paulo, 1979.

Paramount, Fox, etc, passam a dominar o mercado, impondo um padrão de qualidade inexistente na produção brasileira que era até então basicamente artesanal. As fitas de ficção baseadas em romance, com "A moreninha" de Joaquim Pedro de Macedo ou os filmes de Luiz de Barros (Perdida) e José Medina (Exemplo Regenerador), embora de relativo sucesso, não conseguiam vencer o lobby das grandes estrelas como Theda Bara, Douglas Fairbanks ou Pola Negri. Para os filmes estrangeiros, os jornais dedicavam grandes espaços, enquanto os filmes nacionais eram anunciados sem muito destaque.

Embora os assuntos locais tivessem um público garantido, estes vão, aos poucos, desaparecendo das telas. Até 1919-20, nenhum outro cineasta além de Requião apareceu nos noticiários.

Dos filmes realizados por Requião, dois foram recuperados, fazendo parte do acervo da Cinemateca do Museu Guido Viaro, cuja descrição é apresentada no Anexo 2.

Houve uma menção à Fido Fontana, em 1912, que teria sido encarregado de filmar a Estrada da Graciosa, durante a visita do Presidente Venceslau Brás, para posterior exibição no Mignon Theatre. Não foram encontrados dados que confirmassem a realização do filme ou sua exibição.

Por muitos anos não seria encontrada outra referência sobre o cinema paranaense.

Quanto a Annibal Requião, pouco se sabe depois de 1914. O cine Smart, de sua propriedade, foi reformado e ampliado em 1913, tornando-se o mais elegante e espaçoso cinema da cidade:

"(...)a antiga sala de exibições será transformada em belíssima sala de espera, a mais espaçosa de todas as existentes nesta capital. O programa de ontem constou de secção permanente até às 8 1/2 horas em que começou a sessão extra no qual foi exibida a finíssima co-

média da Nordisk Mocidade e Loucura.⁷⁶

Como se vê pelo anúncio, do programa de inauguração da nova sala do Smart não constou nenhum filme de seu proprietário. A partir de 1917 os anúncios do Smart desaparecem dos jornais, não sendo possível afirmar se foi vendido e mudou de nome, fato comum na época, ou se encerrou suas atividades. Requião, teve seus problemas de saúde agravados, sofrendo um infarto em 1918 e vindo a morrer em 1929. Na época não houve nenhuma homenagem à sua posição de cineasta pioneiro, apenas uma pequena nota no obituário de um jornal:

"Os que morrem - No cartório de Registro Civil à Rua Marechal Floriano nº 3, foram registrados os seguintes falecimentos:

Annibal Requião, de 53 anos de idade, natural deste Estado, filho de Luiz Antonio Requião e de D. Gertrudes Lopes Requião, era casado com Carolina Correa Requião, vítima de artério esclerose generalizada..."⁷⁷

3.2.2. João Baptista Groff

Da mesma forma que Annibal Requião, João Groff era fotógrafo. No início dos anos 20, possuía uma loja de materiais fotográficos na qual recebeu por engano uma máquina de filmar. Por curiosidade, começou a operar a máquina registrando cenas da cidade e do interior.

Groff se dedicou exclusivamente aos filmes documentários, por opção: "(...)nunca quis fazer filme de argumen-

⁷⁶A REPÚBLICA, Curitiba, 11 mar. 1913.

⁷⁷O DIA, Curitiba, 06 jun.1929, p.6.



"PÁTRIA REDIMIDA"

J.B. GROFF

to."⁷⁸ (...) não gostando inclusive de ver filmes "a não ser que fossem ópera".⁷⁹

Incentivador do movimento paranista, Groff foi proprietário da revista "Ilustração Paranaense", porta-voz do movimento. Nela também publicava suas fotos, onde procurava ressaltar as belezas naturais do Estado. Seus trabalhos em cinema se estendem até o início dos anos 40, quando foi cinegrafista do interventor Manoel Ribas, registrando as atividades de seu governo.

Em seus filmes, Groff mantém a postura de um fotógrafo que registra os acontecimentos, sem emitir juízo sobre eles.

O primeiro trabalho conhecido de João Baptista Groff é o que fez em viagem a Foz do Iguaçu, filmando aspectos do caminho, as Cataratas do Iguaçu e as Sete Quedas em Guaíra. Era a primeira vez que um cineasta paranaense filmava as Cataratas do Iguaçu. Feito e exibido em 1926, o filme recebeu o nome de *Iguassu e Guayra*. Seu sucesso foi tal que chegou a ser vendido aos americanos que o utilizaram como parte de "um filme chamado 'Maravilhas da Natureza'".⁸⁰

A venda de *Iguassu e Guayra* para os americanos é um dado raro na produção paranaense. O que normalmente acontecia com assuntos que interessavam às empresas estrangeiras era o envio de cinegrafistas, como ocorreu, por exemplo, quando o político francês Paul Doumer esteve no Paraná em 1907. Na ocasião, a Pathé Frères mandou seus próprios operadores para acompanhar e registrar a viagem. Filmes documen-

⁷⁸ BACK, Silvio. Cinema paranaense? In: REVISTA PANORAMA, Curitiba, 1968.

⁷⁹ KANO, Clara & ALVETTI, Celina. Pátria redimida um filme revolucionário In: EMBRAFILME/FUNARTE. Cinema brasileiro, 8 estudos, Rio de Janeiro, 1980. p.14.

⁸⁰ BACK, Silvio. Cinema Paranaense?

tários tinham, no entanto, público garantido, embora o circuito cinematográfico estivesse cada vez mais tomado pelo cinema estrangeiro. Eles abordavam assuntos de interesse regional, como os primeiros filmes de Groff, este sobre as Cataratas do Iguaçu e o seguinte mostrando o Carnaval em Curitiba no ano de 1926.

Este tipo de filme era, segundo pesquisadores do cinema brasileiro, o que sustentava a produção cinematográfica, assegurando a mínima regularidade dos produtores nacionais. Geralmente a produção era paga por empresas ou pessoas promovidas pelo filme, no que se convencionou chamar filme de "cavação":

"Subsídios, estes produtores tinham é que tirar de quem tem dinheiro: pessoas ricas que querem promover seu nome, empreendimentos, produtos, atos políticos e mundanos e naturalmente, fazer filmes de agrado aos patrocinadores. A produção cinematográfica brasileira assenta-se num documentário exclusivamente ligado a elite mundana, financeira, política, militar, eclesiástica, de que os cineastas são dependentes."⁸¹

Esta questão remete às temáticas principais do cinema brasileiro no início do século, marcadas pelos "ritos de poder" durante todo o período mudo. No Paraná, essa regra não é quebrada. A relação de títulos dos filmes pioneiros paranaenses prova isso.

O atrelamento ao "poder" que financiava os filmes justifica de alguma forma a quantidade de fitas mostrando inaugurações, autoridades, festas oficiais ou aspectos da natureza como o primeiro filme de Groff "Iguassu e Guayra".

⁸¹BERNARDET, Jean Claude.. Cinema brasileiro - propostas para uma História, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p.25.

Feito com a finalidade de divulgar as "belezas naturais do Estado", foi anunciado com destaque na imprensa local. A "avant-première" se deu no Theatro Mignon, em 12 de janeiro de 1926, e contou com imprensa e autoridades:

"Iguassu e Guayra - consoante fora anunciado a Groff Film proporcionou hontem às 16 horas uma exhibição privada às autoridades locais e empresas desta Capital de sua última produção Yguassú e Guayra.

Ao Mignon, onde o film foi projectado compareceram as seguintes pessoas: Presidente do Estado e seus ajudantes, major Euclides do Valle, capitão Luiz de Ferrante e Tenente Melchiades do Valle, General Nepomuceno Costa acompanhado de sua exma. senhora e ajudantes, tenente Gluck e Costa; Prefeito Municipal, Secretário Geral do Estado, Chefe de Polícia e ajudantes, Capitão Costa, Dr. Caio Machado, Dr. Julio Hauer e Rodrigo de Freitas de "O Dia", Cel. Romário Martins da "República", Dr. Generoso Borges do "Diário da Tarde", Acyr Guimarães, Dr. Ernani Cartaxo e Alceu Chichorro da "Gazeta do Povo", Pedro Lago do "Estado do Paraná", Professor Feola l'Unione, Dr. Pamphilo Assumpção, Cel. Santerre Guimarães, Deputado Ildefonso Munhoz da Rocha, Jacob Holzmann representante da Universal, Dr. Jayme Balão representante do Estado de S. Paulo, Dr. Luiz Medeiros, Dr. Burzio, Tenente Romualdo Suriani e Gilberto Santos. A noite foi uma vez mais exhibido o portentoso film que focaliza a nossa maior riqueza hydrica e quiza a maior do mundo.⁸²

No dia seguinte à estréia já era anunciado o sucesso do filme, como uma produção de Groff Film:

"Às 7:30 - Iguassu e Guayra produção especial da Groff Film, film que tanto successo obteve ontem no Mignon.⁸³

⁸² O DIA, Curitiba, 13 jan.1926. p.8.

⁸³ O DIA, Curitiba, 13 jan.1926, p.05

Junto à crítica a reação não foi boa:

"Iguaçu e Guayra - Meu bom amigo Groff.

Insistes comigo para que dê a humilde impressão do meu espírito sobre o teu trabalho cinematographico o Iguaçu e Guayra.

Quer dizer a obra cósmica do dilúvio eterno estrangulada num decimetro quadrado de celulóide. Antes não o pedisse porquanto exige dê, em público, a opinião desvaliosa, sincera porém de um amigo que te estima.

Cedo deante do imperativo, não pedes, ordenas.

Serás, pois culpado individual de ser eu o coroador de espinhos da tua gloriosa carreira cinematográfica, tu que sozinho te abalançaste sem missão definida nem verbas ouro a prestar ao nosso querido Paraná o auxílio inteligente de tua propaganda peculiar, através das telas vivas de sua natureza cheia de sabedoria e mystério.

Assim exordiado, devo dizer que o primeiro defeito por mim notado é a excessiva monotonia das águas, águas e sempre águas...

A gente deseja respirar um pouco, mas vae se afogando sem querer.

Bom o entusiastico para nós paranaenses será um desastre em São Paulo ou Rio. A platéia exige variações, leveza, rapidez.

De tuas quatro lindas partes e longas eu, bárbaro, tosaria duas. Em compensação, alternava-as com um pouco de visão humana, tudo cansa. A mulher mais linda do mundo e eu tenho visto formosuras fantasticamente lindas, cansa também.

Por que não os quadros de obra pessoal, enfim o complexo meio e homem?

Sei, porque me prometeste irás transformar a fita illustrando-a com os valores culturaes do Paraná, as nossas vias férreas, as colonias encantadoras e originaes, as obras de arte de sua engenharia, as bizzarras, logares históricos, trechos mesmo primitivos que isso interessa conhecer ao brasileiro das cidades, sobre tudo das grandes capitaes, onde elle nem

imagina os mil aspectos contornaes da resistência indomita do caboclo de suas virtudes e defeitos, mas tão ignorados dos cyclores modernos sybaritados nos coxins velluteos de interminaveis noites de electricidade e delírio! Recamado de variantes e vertiginoso deslumbramento de águas - como si oceanos fossem a despencar das estrellas de tua milagrosa fita, retocados os trechos escuros, as falhas, os enganos de revisão, aproveitando-se entretanto os letreiros artisticos cuja penna adestrada a tanto encanta o espectador reduzidos os monotonos e ampliados levemente os fulgurantes quadros, aqueles que nos esmagam a pequenez humana deante do sonho aquario de visões dantescas em cataratas homéricas e certamente conseguiras o teu objectivo fora do Paraná a muda vertigem de admiração perante os abysmos luminosos do impossível! Eis singelamente, o que pensa um amigo a quem obrigaste a se pronunciar em letra de forma ao correr da pena.
Júlio Hauer.⁸⁴

A crítica de Júlio Hauer não desanimou Groff, que provavelmente investiu neste filme como uma espécie de cartão de visita do trabalho que pretendia realizar. Além da venda para os americanos, procurou distribuidoras de outros estados. Em março do mesmo ano, dois de seus filmes eram esperados em Recife:

"Os filmes do Paraná - Recife. 05 - O Dia - Estão sendo anciosamente esperados nos theatros desta grande cidade, da conhecida empresa Ribeiro e Cia. a qual desenvolve sua ação em todo o Norte, as exhibições dos films da fábrica paranaense - especialmente Iguassu e Guayra e O Carnaval de 1926, sendo que este último pelo facto do povo nortista querer conhecer os usos e costumes da lendária capital da belleza."⁸⁵

⁸⁴ O DIA, Curitiba, 19 jan.1926, p.02.

⁸⁵ O DIA, 05 mar.1926, p.02 .

Após as primeiras sessões, Groff ilustra o filme com outros dados além da visão das cataratas, situando a capital do Estado em relação a Foz do Iguaçu e apresentando dados gerais sobre o caminho até aquela cidade. Duas das cinco partes do filme foram encontradas e recuperadas pela Cinemateca do Museu Guido Viaro. Nelas estão dezoito legendas que explicam as imagens. Nos trechos encontrados estão, ainda, imagens do centro de Curitiba. A descrição completa do filme está no Anexo 2.

Seu segundo filme, mostrando aspectos do carnaval em Curitiba, desagradou o público pela falta de qualidades técnicas. Artigo da imprensa local comentava de imagens de casas comerciais e acusa o cineasta de investir no gênero "cavação":

"Não correspondeu à expectativa a última produção da Groff Film - apesar do grande e barulhento reclame feito em propaganda da última produção da Groff Film, na qual foram apanhados alguns aspectos do carnaval aqui e em Ponta Grossa, ella não correspondeu em absoluto à expectativa geral. Além da falta de luz, da má focalização ou cousa que o valha que muito depõe contra a technica do operador da Groff, o que não permite se distingua quasi nenhum detalhe, nem sequer conhecer uma das figuras filmadas, ella constitue mais um reclame de casas commerciaes do que verdadeiramente um film cinematographico com exhibições cobradas a preços altos. Sentimo-nos contrafeitos ao expressar aqui a nossa impressão sobre o último film da Groff Film, pois isso demonstra que aquella empresa volta atraz no cuidado de bem servir o público e progride no genero "cavação" para o qual concorre o, público e vae ao theatro ver cousa que o divirtam e não reclames que não interessam.⁸⁶

⁸⁶O DIA, Curitiba, 4 mar.1926, p.8.

Anunciado inicialmente com destaque e com o apelo do espectador "se ver" na tela, logo **Carnaval em Curytiba em 1926** passa a ser discutido em função da polêmica sobre a qualidade, ou falta dela:

"Programas dos Theatros - O Carnaval de 1926 - a folia máxima em Curytiba - Groff Film - Lembranças do Carnaval de 1926, aspectos do bello carnaval curyribano filmado pela Groff Film - Presado e distinto habituêe - Ide ver no Cine Mignon a vossa própria imagem nos dias de alegria do anno. Hoje no Mignon. Este film será focalizado as 8:30."⁸⁷

"Eis o dilema...? Presta ou não presta? Os que não viram poderão certificar-se terça-feira no Popular".⁸⁸

Em 1926 Groff faria ainda dois filmes: **Manobras Militares e Actualidades Paranaenses nº 7**, dos quais não há referências sobre exhibições fora do Estado.

Manobras Militares estreou em 14 de abril no Cine Theatro Palácio, sendo, segundo a imprensa, um excelente meio de propaganda do Exército. Mostrando as principais fases das manobras do exército paranaense realizadas em Carambeí e Roseira, localidades próximas de Ponta Grossa. Realizado em duas partes, foi lançado em seção dedicada ao comandante militar do Exército, General Nepomuceno da Costa. Com apresentação musical oferecida pelo tenente Napoleão Fontoura, a estréia contou também com o conjunto musical do 15º Batalhão de Caçadores do Exército. Nesta primeira exibição foram apresentados também aspectos da Ferrovia Curitiba-Paranaguá, na qual, segundo os jornais, seria incluída numa nova cópia de Iguassú e Guayra para exibição no Rio e São Paulo.

⁸⁷ O DIA, Curitiba, 2 mar.1926, p.

⁸⁸ O DIA, Curitiba, 2 mar.1926, p.

O anúncio do filme destacava **Manobras Militares** como filme que aliava à sua parte recreativa um excelente meio de propaganda do nosso exército.

Actualidades Paranaenses nº 7 tinha duas partes com 800 metros e foi anunciado durante uma semana como "o melhor filme do mez". Foi exibido pela primeira vez, no dia 15 de novembro de 1926, no Cine Mignon. Foi também apresentado no Palácio e no Popular.

Anunciado como o 8º filme de Groff, naquele ano era citado também como o único a ser filmado no Paraná. Pela imprensa (anúncios e notas), foram encontradas três e não oito produções de Groff. Provavelmente se tratavam de trechos dos filmes exibidos com mais de um nome:

"Actualidades Paranaenses - Amanhã será exibido no Mignon a última produção da Groff Film - Actualidades Paranaenses nº 7. A referida pellicula além de trazer completa reportagem dos assumptos paranaenses apresenta também a recente excursão da "Bandeira de nossa Terra" e "Posse do Dr. Adolfo Konder" em Santa Catarina. A parte instructiva é variadíssima apresentando bellos trechos da Marinha, Vila Velha e Guarakesaba. Amanhã, a única fábrica paranaense de filmes alcançará mais um successo alliáz merecido pois já é a oitava produção da Groff Film no curto espaço de um ano."⁸⁹

Considerado um filme-reportagem, eram estes os seus quadros:

1. Visita do Sr. Doutor Washington Luiz ao Pr.
2. Bandeiras da nossa Terra
3. Posse do Sr. Doutor Adolpho Konder
4. Banhistas da Ilha do Mel

⁸⁹O DIA, Curitiba, 14 nov.1926, p.4.

5. O dia da caridade
6. Homenagem do comércio de Ponta Grossa ao Sr. David Carneiro
7. Inauguração do Leprosário S.Roque
8. Vila Velha
9. Guarakesaba
10. Fortaleza da Barra
11. Ilha do Mel
12. Ponte Hercílio Luz

O nome de João Baptista Groff só voltaria a aparecer nos jornais em 1930, quando da exibição de seu filme mais importante "Pátria Redimida".

Um filme comentado pelo jornal O Dia apresentava as características da produção de Groff, sem, no entanto, citar seu nome:

"A fita do Paraná na Exposição do Café - São Paulo 9 (O Dia) - O Diário da Noite publicou em sua edição de hoje: O Estado do Paraná, na exposição revelou-se como sendo uma das mais progressistas das nossas unidades federativas, acompanhando sua administração com zelo e cuidado, os surtos da produção agrícola e industrial orientando e ensinando os productores com interações oportunas e hábeis e amparando seus esforços. No film hontem exhibido sobre cousas do Paraná a que assistimos em Companhia do Cel. Sócrates Alvin do Ministério do Café, não se levando em conta os elegios exagerados do governo daquele Estado que o pagou nota-se em favor que o Paraná trabalha efficientemente para a grandeza do Brazil."⁹⁰

⁹⁰O DIA, Curitiba, 10 nov.1927, p.1 Jean-Claude Bernardet cita o filme Exposição Comemorativa ao Centenário do Café, produzido por Guarany Films e lançado no cine Santa Helena em 19.11.1927. Talvez seja o filme a que se refere o artigo de O DIA, não havendo dados concretos para esta afirmação. (BERNARDET, Jean-Claude. Filmografia...).

Poucos filmes brasileiros foram feitos durante o ano de 1927 sendo o mais destacado "A Filha do Advogado", ficção produzida pela Auroral Films de Pernambuco. O Filme só seria exibido em 17 de abril de 1928.*

A filmagem de assuntos paranaenses no ano de 1928 e 1929 foi feita pela empresa carioca Botelho Films. Entre suas realizações estão "Neves Brasileiras" e "O que é o Paraná". O primeiro estreou em 25 de setembro de 1928 e vinha precedido de anúncios que citavam seu sucesso nos cinemas do circuito Serrador no Rio e em São Paulo. O filme mostrava o dia em que nevou em Curitiba, com suas casas e ruas cobertas de neve além de pessoas nas ruas brincando com a neve.

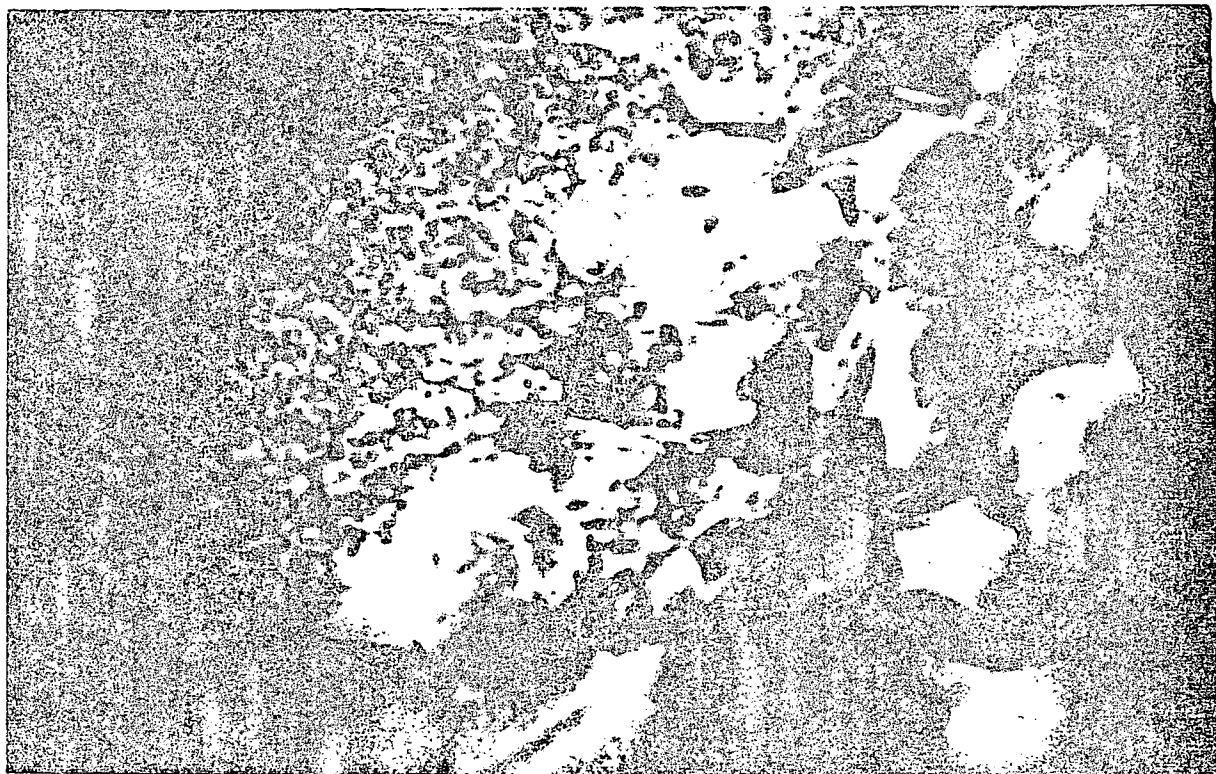
"(...) Trata-se de um film que se recomenda, além de sua extraordinária originalidade, por sua nitidez e feitura bem cuidados o seu sucesso entre nós será dos mais grandiosos como o tem sido em todas as partes onde tem sido exibido, pois diversas cópias da magnífica reportagem percorreu o Brasil mostrando o admirável espetáculo - Curitiba transformada em uma nova Sibéria".⁹¹

No ano seguinte, a Botelho Film realizou O que é o Paraná? destinado à exibição no País e no exterior, que estreou em 23 de fevereiro no Cine República. Anunciado com destaque o filme foi, no entanto, motivo de comentário em O DIA:

"O Paraná através da Botelho Film Limitada - Um reparo - Não houve por aí quem não tecesse louvores à Botelho Film Limi-

*Conforme BERNARDET, Jean Claude. Filmografia... A Filha do Advogado foi lançado no República em 07.10.1927, em Curitiba.

⁹¹O DIA, Curitiba, 27 set.1929, p.3.



"PÁTRIA REDIMIDA"

J.B. GROFF

tada pelo que se viu do Paraná através da fita grandiosa, destinada a ser exibida em Sevilha. Muitos, muitíssimos tem sido os aspectos paranaenses filmados por várias empresas e mesmo pela Botelho Film Limitada. Nenhum desses films porém, pode comparar-se ao que foi exibido no dia 25 do mês passado. Podia ter sido melhor, mas isso não quer dizer que o filme não tenha sido bom. É o melhor até hoje apresentado.

Si não prestasse, si não tivesse agradado ao público, como de facto agradou, teríamos a coragem que nunca nos faltou de dizermos a verdade.

Em outras ocasiões, mesmo referente à Botelho temos dito alto e bom som que os seus filmes não prestam, que não souberam escolher os aspectos, as paisagens, os temas. Desta vez não. Os aspectos, as paisagens, os temas, o operador soube escolher dando perfeitamente uma idéia do que seja nossa terra. Uma coisa todavia, observamos que passou despercebida para a Botelho e que ela bem deveria ter assignalado. É que a Botelho deveria ter assignalado este detalhe: Em Curytiba não há mendigos pelas praças, pelas ruas. É este um caso digno de nota, porque não há no Brasil outra capital ou cidade em taes condições.

E por isso devemo-lo exclusivamente à Sociedade de Socorro aos Necessitados o mais alto expoente philantrópico paranaense. A Botelho Film Limitada prestaria um relevante serviço à nossa terra assignalando esse facto."⁹²

Além dos filmes de Botelho, não foram encontradas referências a produções paranaenses até 1930, quando João Batista Groff realizou *Pátria Redimida*. Registrando o movimento das tropas dos diversos regimentos reunidos na cidade, e toda a movimentação que acontecia na cidade em função da Revolução de 30, Groff pretendia provavelmente obter sucesso e lucro com um filme, que teria possibilidade de dis-

⁹²O DIA, Curitiba, 19 mar.1928, p.1.



"CINE JORNAL Nº 2" (MATERIAL DIVERSO)

J.B. GROFF

tribuição a nível nacional. Para realizá-lo, divulgou seu intento e pediu apoio da população para a obtenção de filmes virgens:

"Um film cinematographico sobre a Revolução. O conhecido operador cinematographico J.B.Groff está confeccionando um film da Revolução no Paraná. (...)O referido operador necessita de films virgens negativos e quem possuir poderá oferecel-o à Carlos Gomes, 18 redação da "Ilustração Paranaense".⁹³

Além das filmagens locais, Groff resolveu seguir as tropas. Para isso, comprou uma farda e obteve a autorização do Estado Maior das Forças Revolucionárias e da 5ª Região Militar. O resultado da ousadia do realizador foi um importante documentos sobre a Revolução de 30. Hoje, este documento fílmico encontra-se depositado no acervo da Cinemateca do Museu Guido Viaro em Curitiba, pela qual foi recuperado.

Em outros estados o trabalho de Groff foi também registrado durante sua realização:

"Quando Groff procurava filmar o avanço da infantaria pernambucana, passou uma febrezinha dos diabos. Rastejando surge Groff e sua máquina na mão. Um soldado do norte, vendo aquele paisana com um negócio comprido e barulhento fez um aceno para que nosso herói avançasse. O Groff, que não estava nos autos, pediu-lhe: Continue atirando que daqui apanho tudo. O moço nada entendeu e visou com um F.M.E. O collega atirando-se num fosso, levantou um braço para que seu aparelho fosse visto e gritou: Não atire patrício, que estou tirando fita... Quando Groff foi atendido o voluntário da milícia de Pernambuco desculpou-se:

⁹³DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 13 out.1930, p.04.

Vote! Pensei que Vossa Senhoria tinha uma granada."⁹⁴

Pátria Redimida foi realizado em cinco partes, e mudo. Suas legendas foram confeccionadas pelo jornalista Alfredo Barros Cassal, do jornal *Diário da Tarde* e são em número de 100, descrevendo todos os aspectos da revolução. Para a abertura do filme, Groff encomendou ao escultor paranaense João Turim uma estátua de gesso que representava a pátria guardada por um soldado revolucionário. Com estréia no dia 07 de dezembro de 1930, *Pátria Redimida* alcançou o sucesso esperado por Groff não apenas em Curitiba, mas também nos outros estados onde foi exibido:

"No Theatro Palácio foi exibido, sob os melhores auspícios o film da revolução intitulado *Pátria Redimida*, que é sem favor, a melhor pellicula cinematographica produzida no Paraná, pelo conhecido cinegraphista J.B.Groff.

(...)Todas as legendas expressivas e synthéticas, são de autoria do jornalista Barros Cassal, nosso colega de imprensa."⁹⁵

Após sua exibição em Curitiba, *Pátria Redimida* foi lançada em várias cidades, São Paulo (onde permaneceu em cartaz de 25 de fevereiro a 01 de março de 1931), Porto Alegre, Santa Maria, Passo Fundo, Pelotas, entre outras cidades gaúchas (em janeiro de 1931), Recife, (em junho de 1931) e Rio de Janeiro (dezembro de 1930).

Groff acompanhou o lançamento do filme, e em todas as cidades por onde passava o sucesso era o mesmo:

⁹⁴KANO, Clara & ALVETTI, Celina. p.22.

⁹⁵KANO, Clara & ALVETTI, Celina. p.22.

"Pátria Redimida, o film da Groff Film de Curytiba, que a Cia Brasil Cinematographica apresentou hontem, no Glória, não tem somente o predicado de ser um film do momento, o film que mostra aspectos intelligentemente colhidos, em flagrantes extraordinariamente felizes, os episódios mais impressionantes marcados pela revolução, mas tem o predicado de ser um film nacional que honra a indústria ainda incipiente entre nós. O agrado que Pátria Redimida está marcando no Glória e marcará por toda a semana, é uma prova de que os films-reportagens, quando bem feitos são tão consagrados pelo nosso público como muitos films de estrellas favoritas."⁹⁶

"Se há um film que se possa considerar como a mais perfeita documentação do movimento do dia 03 de outubro é com certeza Pátria Redimida, a bella produção da Groff Film, que o Guarany apresentará aos seus frequentadores."⁹⁷

"O Royal exhibe um film nacional, de bastante actualidade de assumpto interessante, curioso e inédito. Pátria Redimida que tem photographia impecável da Groff Film de Curytiba, technica admirável e reúne os melhores flagrantes da campanha revolucionária."⁹⁸

Conservado por Groff em sua casa durante muitos anos, Pátria Redimida foi doado à Cinemateca do Museu Guido Viaro em Curitiba, em 1974, junto com o acervo que restou dos filmes de Groff. Parte havia se perdido no incêndio da Cinemateca Brasileira, em São Paulo, no ano de 1957, e parte num incêndio na própria casa do realizador, em 1968. Com

⁹⁶O JORNAL, Rio de Janeiro, 6 jan.1931. p.3. apud KANO, Clara & ALVETTI, Celina. p.29.

⁹⁷CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 14 jan.1931. p.4 apud KANO, Clara & ALVETTI, Celina. p.29.

⁹⁸O JORNAL, Recife, 23 jun.1931. p.3. apud KANO, Clara & ALVETTI, Celina. p.35.

o acervo doado pela família, vieram dois trechos de filme que, somados a um rolo doado pelo Cineasta Silvio Back em 1975, formaram três partes do filme. Em maio de 1975, um doador anônimo entregou à Cinemateca uma cópia com quatro partes. Estas doações permitiram a recuperação do filme pela Cinemateca, com 92 legendas, oito a menos que o original.

Transcrevemos em seguida as legenda citadas no anúncio de estréia do filme.⁹⁹ Para em seguida, compará-las com as do filme recuperado. No anúncio são citadas 36 legendas. No filme recuperado pela Cinemateca, foram encontradas 92 legendas. Num comparativo das citações do anúncio do jornal e da transcrição das legendas do próprio filme, constata-se que algumas estão incompletas no jornal, outras são a junção de duas legendas separadas:

"Theatro Palácio - Domingo, 07 - Um programa monstro. 3 filmes - Entre os quaes Pátria Redimida - O film completo da Revolução em 5 partes - cheias de palpitante interesse. Para que o público tenha uma idéia do valor deste film damos aqui os títulos principaes que o mesmo apresenta:

- 1-Este é o film "indígena" operado por gente nossa no "front" das tropas revolucionárias do Sul, na hora das arrancadas libertadoras. É a única película executada nas zonas de combate durante a acção formidável que abateu as tropas do Catete fiéis a oligarquia de Washington Luiz.
- 2-03 de outubro. O Estado Maior da Revolução Nacional irradia para todos os pontos da convergência revolucionária a senha estabelecida: "Bento Gonçalves"
- 3-Bello Horizonte, Porto Alegre, João Pessoa encabeçam o movimento.
- 4-05 de outubro - a arrancada gloriosa do Paraná.
- 5-O general Plínio Tourinho, um dos chefes do movimento.

⁹⁹O DIA, Curitiba, 5,6,7 dez.1930, p.8.

- 6-O 9º RA Montada, a primeira força que se rebelou em Curytiba.
- 7-O Capitão Amorety lendo o manifesto que revolucionou a guarnição do Paraná.
- 8-O manifesto do Paraná, lido pelo general Mario Tourinho.
- 9-O glorioso "Batalhão João Pessoa" embarca para o front.
- 10-Pouco depois da Revolução, um exército de 150.000 homens.
- 11-As forças gauchas em Curytiba.
- 12-Curytiba recebe um contingente de fuzileiros navaes feito prisioneiros.
- 13-Estado Maior da 5ª Região, General Plínio Tourinho conserta um plano.
- 14-Posse do Governo Provisório do Paraná
- 15-Curytiba ovaciona o grande presidente.
- 16-O imponente desfile pela Rua XV
- 17-No Palácio Rio Branco, o povo aclama o Presidente Getúlio Vargas
- 18-A mulher paranaense toma parte saliente do movimento. Organiza o "Café João Pessoa" e o "Chimarrão Getúlio Vargas"
- 19-O Presidente Getúlio Vargas percorre as ruas de Curytiba.
- 20-O coronel Miranda que revoltou o 13 RJ de Ponta Grossa
- 21-Vae ter início o combate. Fogo! Viva a revolução!
- 22-O 5º Grupo de Artilharia montada segue para o front. A rajada das metralhas.
- 23-Foram renhidos os combates de Catiguá, Morungava e Ribeira.
- 24-O Batalhão Flores da Cunha. Quartel General do Miguel Costa em Jaguariaíba.
- 25-O general Miguel da Costa Comandante das forças que atacaram Itararé
- 26-Avançar! É o combate renhido que se trava.
- 27-O bravo caudilho Cel. João Francisco
- 28-Aviões no espaço? Serão revolucionários?
- 29-Entram em ação as granadas de mão. A bravura dos soldados do sul
- 30-Mascaras contra gases asfixiantes Itararé, o marco da victoria
- 31-Trincheiras legalistas em Itararé. A estação de Itararé ocupada pelos revolucionários. O Estado Maior de Baptista Luzardo. Os bravos capitães Alexino e Amorety.

32-A officialidade do 159 BC e o Capitão Catã Menna Barreto.

33-Rumo ao Catete

34-O palácio das Águias, recebe o triunfador Oswaldo Aranha, o símbolo da Revolução.

35-O Forte de Copacabana. Visita ao túmulo de João Pessoa.

36-João Pessoa, a alma mater da redenção da Pátria

O film apresenta dezenas de outros quadros, todos do mais palpitante interesse, que deixamos de nomear, para não tirar ao público o prazer da surpresa!... É a nota de grande sensação da presente semana."¹⁰⁰

¹⁰⁰O DIA, Curitiba, 5,6,7 dez.1930. p.8.

PÁTRIA REDIMIDA

Original em 35mm P/B 5 partes

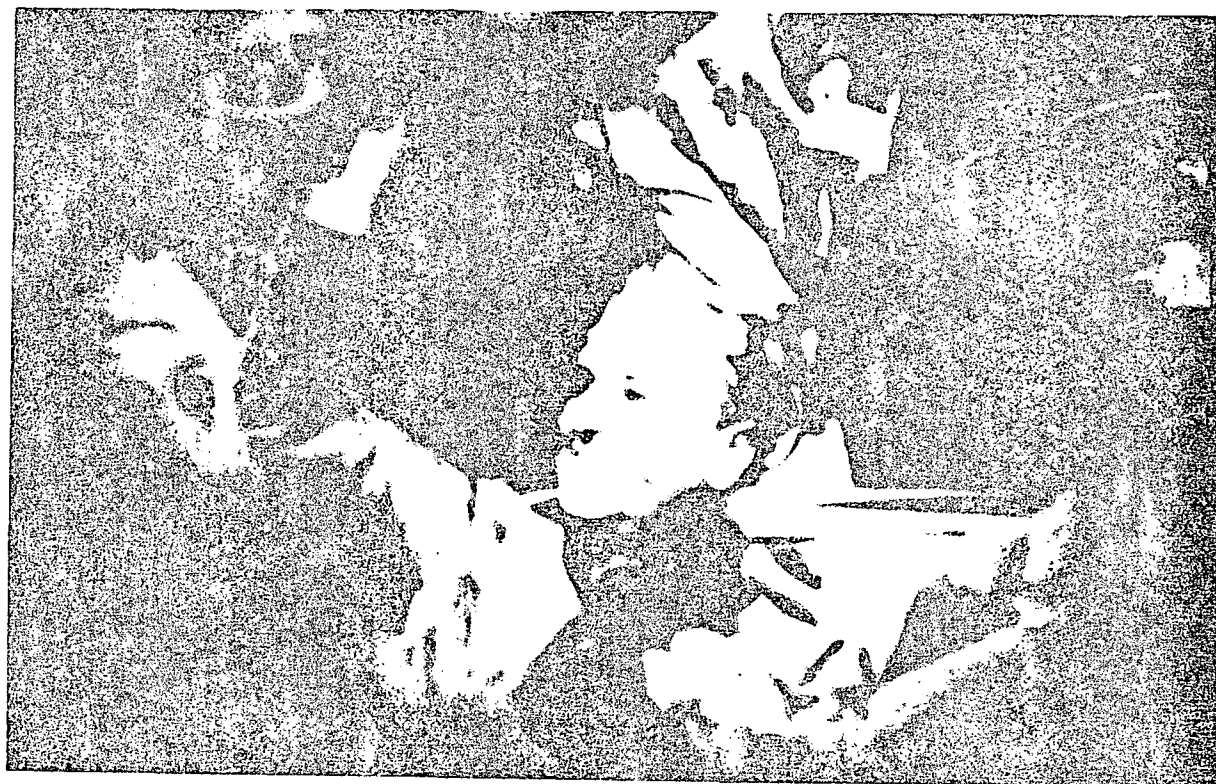
Cópia em 16mm. Acervo da Cinemateca do Museu Guido Viaro

Lançamento: Theatro Palácio (07.12.1930)

LEGENDAS

Rolo 1 -

1. Brasil, país moderno e detector de uma raça definida, constroe hoje solução na equação social gloriosa, os alicerces de uma República nova que se edificará num ambiente criado pela vitória da revolução nacional.
2. Esse é o film jornal indígena operado por gente nossa no front das tropas revolucionárias. Esta pellicula foi executada nas zonas de combate durante a ação formidável que abateu as tropas do Cattete fiéis à oligarquia de Washington Luiz.
3. Autorizado pelo Estado Maior da 5ª Região e também pelo Estado Maior da Revolução, chefiado pelo illustre militar general Gões Monteiro, realiza um film "clou" da cinematographia brasileira, constituindo ótimo e insofismável subsídio para a história da Pátria.
4. Photographias: J.B. Groff e W. Fischer
Legenda: A.Barros Cassal
5. 3 de outubro: O Estado maior da Revolução sediado em Porto Alegre irradiou para os pontos de convergência revolucionária a senha estabelecida: Bento Gonçalves.
6. A capital riograndense, Bello Horizonte e João Pessoa encabeçam o movimento que, quase simultaneamente, se alastra por todo o país, formando três frentes - a do sul, a do centro e a do norte.



"PÁTRIA REDIMIDA"

J.B. GROFF

7. O desenvolvimento da revolução.
8. 5 de outubro, o Paraná com a mais ampla arrancada cívica de sua história toma parte no movimento, depondo Affonso Camargo e enviando suas aguerridas tropas para a vanguarda.
9. O 9º Regimento de Artilharia Montada, a primeira força que rebelou-se em Curitiba.
10. Um documento histórico - o capitão Amorety - lendo um manifesto que revolucionou a guarnição do Paraná.
11. O General Plínio Tourinho, um dos chefes do movimento no Paraná.
12. Manifesto ao povo do Paraná, lido pelo General Plínio Tourinho.
13. A posse do governo provisório do Paraná.
14. O illustre General Mario Tourinho, actual interventor no Paraná.
15. Dois valores da revolução em actividade na São Paulo - Rio Grande.
16. O glorioso Batalhão João Pessoa embarca para o litoral e vae construir a invicta vanguarda do setor leste, forçando a tomada de Santos.
17. Adeus!
18. Todos elles partem para front com pena dos que ficam e os comboios se sucedem continuamente, conduzindo tropas rumo a Itararé.
19. Tropas Gauchas, em pleno renascimento neo-farroupilha, atravessam o Paraná e se dirigem para os setores de Itararé e Ribeira, conduzidos pelo anseio heróico de salvar a República.
20. O mais pequeno herói gaúcho, de 12 anos, que esteve no front.

Rolo 2 -

21. São tantos os comboios que as caixas d'água quase morrem de sede.
22. Não querem embarcar. Estão emperrados. Devem ser membros do P.R.P.
23. Curytiba recebe um contingente de fuzileiros navaes, os primeiros prisioneiros da campanha libertadora.
24. Um deles declara a um jornalista que "não pensei que a coisa fosse tão dura, não..."
25. O General Miranda que agiu para a sublevação do 13º R.I. e o comandante da praça de Ponta Grossa.
26. O general Elisiário Paim e seu Estado Maior.
27. O Comandante da 5ª região, General Plínio Tourinho, conserta um plano de ação.
28. Estão se dando bem aqui em Curytiba, porque encontram chimarrão em toda parte - são as forças gaúchas.
29. Aproxima-se a vitória - o presidente Getúlio Vargas deixa Porto Alegre e vai para o front.
30. O discurso de saudações aos paranaenses do gaúcho Maciel Junior, que fala em nome do presidente Getúlio Vargas.
31. O imponente Big Parade, pela rua XV de novembro o pulmão da moderna metrópole.
32. Getúlio Vargas externa o programa da revolução.
33. Ascendemos à revolução contra a tirania e não tomemos o espírito da maldade, truculência ou ódio. A hora reconstrutora nos impõe, serena e imparcial, tomada de contas aos fraudulentos da fortuna nacional. A vitória nos acena e perto está.
34. Em direto contato com o povo, o presidente Getúlio Vargas percorre as ruas como bom democrata que é.

35. Escoteiros Curytibanos estendem homenagens ao generallíssimo.
36. A mulher paranaense também toma parte destacada no movimento cívico - duas de suas organizações o Café João Pessoa e o Chimarrão Getúlio Vargas, são visitados pelo illustre estadista.
37. Embarca para Santa Catarina o capitão Arnaldo Macedo onde toma posse provisória do governo.

Rolo 3 -

38. Sentido! É o Batalhão Flores da Cunha.
39. General Flores da Cunha e seu comando.
40. Perfillem-se. O Estado Maior das Forças Nacionais com seu illustre Chefe General Góes Monteiro.
41. Suas botas vão ficar como espelho, sr. tenente.
42. Vae ter início o combate: É um heróico contingente revolucionário que vae rechazar as cattetistas.
43. Fogo! Viva a Revolução Nacional!
44. Avançar! É o combate renhido que se trava.
45. Pop, Pop, Pop, rajadas de metralhadoras.
46. As tropas da victoria tomam terreno.
47. Entram em ação também as granadas de mão.
48. Estação de Jaguariaíva, quartel general de Miguel Costa
49. O General Miguel Costa, comandante em chefe das forças que atacará Itararé.
50. O Estado Maior do Coronel Baptista Luzardo.
51. Baptista Luzardo: O Glorioso tribuno e guerreiro.
52. Asas no espaço.
Serão revolucionários?

Não, são revolucionários.

Até o momento de poderem aderir.

53. Máscaras contra gases asfixiantes usadas pelas forças paranaenses na vanguarda. Ação beligerante no setor de Itararé.
54. Paz.
55. Viva o Brasil Redimido!
56. Paz - que a 24 de outubro canta a heróica da nacionalidade.
57. Itararé - a história irá assinalar como o marco da vitória.
58. O lança-minas a terrível arma de guerra.
59. Gloriosa tropa de vanguarda! 3º Batalhão de P.C. o primeiro batalhão que entrou em Itararé.
60. Trincheiras construídas por legalistas na resistência de Itararé.
61. Exércitos desmantelados ante a invasão dos vanguardeiros da nacionalidade.
62. Locomotivas que os legalistas fizeram tombar em Itararé.
63. Itararé no dia da grande vitória das armas revolucionárias.
64. Victória das forças bandeirantes em Itararé - mulheres entregam flores e bandeiras às primeiras forças revolucionárias que penetram em território paulista.

Rolo 4 -

64. Estes venceriam os cowboys americanos - é um cossaco, o outro é guasca... e os dois são brasileiros.
65. Acampamento das tropas feito pelos vasos de guerra legalistas nos arredores de Florianópolis.
66. Não há tempo de escanhoar e a freguesia não exige loções - é o barbeiro de campanha.

67. Capitão Barbosa Lima, comandantes da Praça de Itararé depois da vitória.
68. General João Alberto chega a Itararé sob aclamações.
69. Chegada do 15º Batalhão de Combate comandado pelo Capitão Menna Barreto.
70. Este é o mito gaúcho da arrancada invicta: Adalberto Correa.
71. Assis Chateaubriand, que teve pela imprensa atuação saliente em prol da cruzada redentora, em palestra com um político em Itararé.
72. Um dos bravos, Capitão Alexino Amorety, 13º Batalhão de Combate e 9º Regimento ocuparam Itararé.
73. A cidade de Itararé recepciona com demonstração de entusiasmo cívico o presidente Getúlio Vargas.
74. Rumo ao Catete.
75. Aliam-se glorificamente o triunfador clichê de entusiasmo pela sacrossanta causa brasileira.
76. Um contingente do 15º B.C. guardando o Consulado Inglês em São Paulo.
Adivinhe quem está lá dentro?
É o seu Julinho.
77. Getúlio Vargas é eleito pelo povo generalíssimo da revolução libertadora da Pátria.
78. A cidade vai receber o triunfador, síntese do patriotismo brasileiro.
79. Ouviram do Ipiranga as margens plácidas.
80. Getúlio Vargas saúda o povo carioca no dia da posse.
81. Empenho pelo povo e para o povo as rédeas da máxima orientação do país.
82. Simões Lopes, glorioso batalhador cívico da política riograndense.

83. A volta dos líderes da revolução.
84. O trabalho do grande João Pessoa. É o filho do heroe que vão ver.
85. Oswaldo Aranha, homem-símbolo da grande arrancada cívica e Baptista Luzardo.
86. O homem-tempestade, que a gente tinha a impressão que percorria o Norte dentro de um enorme projétil - Juarez Távora.
87. Forte de Copacabana, onde este preso o ex-presidente da República.
88. Capitão Pradel, comandante do Forte.
89. Getúlio Vargas, sua senhora e Oswaldo Aranha cultuam a memória do heroe da Paraíba.
90. Sobre este túmulo vae se erguer o pedestal de uma nova República. Oswaldo Aranha.
91. Para perpetuar o heróismo do filho da Paraíba, os estados brasileiros prestam sua homenagem.
92. João Pessoa - alma mater da redenção da Pátria.

Obs.: No filme as legendas não estão numeradas.

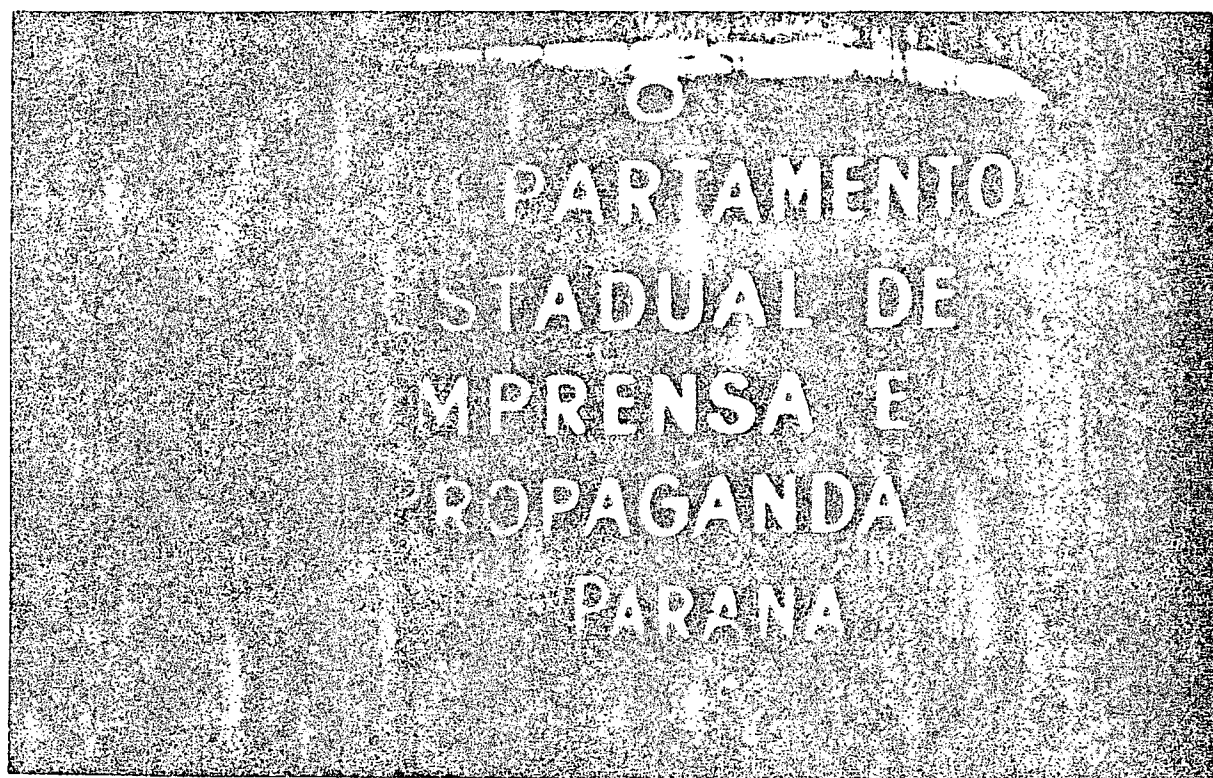
Comparando o anúncio do jornal e as legendas do filme, verifica-se que não constam do filme as seguintes legendas:

- 1 - Pouco depois da Revolução, um exército de mais de 150.000 homens. (legenda 10)*
- 2 - As forças gaúchas em Curytiba (legenda 11).
- 3 - Posse do Governo Provisório do Paraná (Legenda 14).
- 4 - Curytiba ovaciona o grande presidente (Legenda 15).
- 5 - No Palácio Rio Branco, o povo aclama o Presidente Getúlio Vargas. (legenda 17).
- 6 - O Presidente Getúlio Vargas percorre as ruas de Curytiba (legenda 19).
- 7 - O Coronel Miranda que revoltou o 15 RJ de Ponta Grossa (legenda 20).
- 8 - Foram renhidos os combates de Catiguã, Morungava e Ribeira. (legenda 23).
- 9 - O bravo caudilho Gen. João Francisco (legenda 27).
- 10- A oficialidade do 15º BC e o Capitão Catã Menna Barreto. (legenda 32).

Depois do sucesso alcançado por *Pátria Redimida*, Groff tentaria repeti-lo com *Revolução de 32*, que não obteve êxito.

Sua produção foi se escasseando, e nos anos 40 trabalhou para o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Estado Novo - DEIP -, registrando as realizações do governo do interventor Manoel Ribas. Parte do material foi re-

* A numeração entre parentêses corresponde às legendas do anúncio do jornal.



"CINE JORNAL Nº 2" (MATERIAL DIVERSO)

J.B. GROFF

cuperado pela Cinemateca do Museu Guido Viaro e está descrito a seguir, junto com a produção do cineasta que foi recuperada por aquele órgão. Além do seu trabalho para o DEIP, não há notícias de outras filmagens. Um dos motivos do fim de sua carreira cinematográfica teria sido a acusação de simpatizante do Eixo durante a 2ª Guerra.

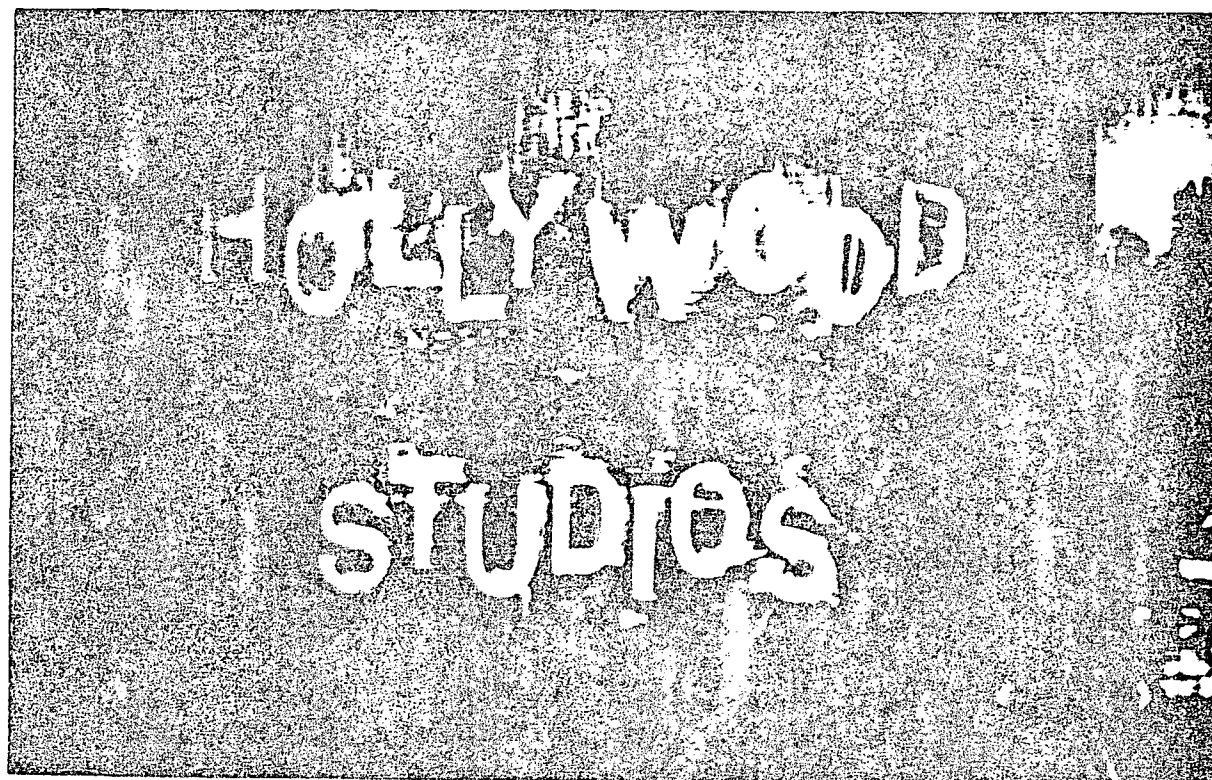
Embora tenha abandonado a realização cinematográfica, não deixou o cinema. Comprou o Cine América, do qual foi proprietário durante dez anos. Durante os últimos anos de sua vida, Groff dedicou-se à pintura. Faleceu a 28 junho de 1970, aos 72 anos.

Além de *Pátria Redimida*, foram recuperados e preservados outros filmes relacionados no Anexo 2.

3.2.3. Arthur Rogge, O Sonho da Industrialização

Dentre os pioneiros do cinema paranaense, Arthur Rogge foi o que tentou dar um salto do cinema artesanal para a indústria cinematográfica. Fascinado pelo cinema desde criança, Rogge viajou por conta própria a Hollywood onde comprou equipamentos modernos (uma câmara Bell Howell, modelo 1928, uma Eyemo automática, lentes, equipamentos para copiagem e iluminação) com a finalidade de montar uma indústria cinematográfica em Curitiba. De volta dos Estados Unidos comprou um terreno na estrada que liga Curitiba a Paranaguá visando construir ali um estúdio para locações cinematográficas.

Em Hollywood, Rogge realizou seu primeiro filme, *Hollywood Studios*, em 1928, revelando em Curitiba, no seu próprio estúdio. O filme possui uma montagem ágil e truca-gem perfeita, recurso difícil de ser realizado na época.



"HOLLYWOOD STUDIOS"

ARTHUR ROGGE

Mostra aspectos dos estúdios norte-americanos e da vida dos grandes artistas.

O filme, cuja segunda parte está descrita a seguir, faz parte do acervo da Cinemateca do Museu Guido Viaro. Não foram encontrados dados na imprensa sobre o seu lançamento em Curitiba, que teria sido no Cine Glória no final dos anos vinte, com distribuição para o interior.¹⁰¹

Rogge fez ainda mais um filme, lançado em 09 de julho de 1929 no Theatro Palácio: O Regresso de Miss Paraná à sua Terra Natal, anunciado como seu primeiro filme e do qual não existe cópia conhecida.

"Rogge Produção - No Palácio e Popular - Trabalho admirável que enche de orgulho o nosso Estado onde já se faz um filme que pela nitidez absoluta da photographia, técnica admirável, perfeito trabalho de laboratório, nada fica a dever ao que de melhor nesse genero há.

O regresso de Miss Paraná à sua terra natal. O desembarque de Miss Paraná na cidade de Paranaguá - O Grande Baile do Clube Literário - Visita à Ilha de Cottinga - O espetáculo do Cine Mignon em homenagem à Didi Caillet - Visitas as obras do Porto - Visitas à Escola Normal e outras cinegraphias tomadas em Parana-guá e o embarque de Miss Paraná com destino à Curitiba.

Em Morretes, as homenagens do Povo e autoridades à bella expressão da graça da mulher paranaense e outros aspectos. - A chegada de Didi Caillet à Curitiba, à noite. - A saudação do Dr. Samuel Cezar O prestito nas ruas Rio Branco e 15 de Novembro.

Visitas da casa de residência da família Caillet.

As luzes.

As corridas do prado do Jockey Club em

¹⁰¹HARBACK, Estevão R.V. Em Hollywood o 1º filme do Paraná, Gazeta do Povo, Curitiba, 11 jun.1976.

homenagem à Miss Paraná vendo-se todo o movimento do principal páreo.
O festival do Country Club.
Os lindos fogos de artifício.
No passeio Público flagrantes de Didi Caillet e sua baratinha".¹⁰²

No mesmo dia, outra nota comentava o esforço de Rogge na realização do filme e suas intenções num trabalho voltado à industrialização do cinema no Estado. Referindo-se à viagem de Rogge aos Estados Unidos, cita também a feitura de aparelhos cinematográficos por ele mesmo, provavelmente referindo-se ao tempo que Rogge teria levado para montar e instalar toda a aparelhagem necessária à filmagem, revelação de negativo e copiagem. Na descrição dos quadros do filme sobre a chegada de Didi Caillet, verifica-se que Rogge realizou tomadas noturnas (A chegada de Didi Caillet à Curitiba à noite, as luzes, os lindos fogos de artifício), fato novo nas filmagens na época, que eram realizadas durante o dia e geralmente em exteriores, uma vez que eram raros os refletores para iluminação de cinema:

"Hoje Curitiba assistirá à apresentação do primeiro film feito inteiramente em nossa cidade, sem precisar, como antigamente, ser revelado nos laboratórios de São Paulo ou Rio, onde o serviço deixa muito a desejar.

Apresenta esse trabalho que pela sua primorosa feitura envaidece o Paraná e honra seu productor onde quer que seja exhibido, a Rogge Produção e Organização Cinematográfica chefiada pelo senhor Arthur Rogge.

Os incrédulos ou pessimistas, bem assim como todos aqueles que creem com fé no evento victorioso da indústria do film no Paraná, toda a gente enfim, deve assistir esse trabalho fructo do esforço

¹⁰²O DIA, Curitiba, 9 jun.1929. p.3.

e da inteligência ao serviço de uma vontade forte.

O sr. Arthur Rogge, apresentando um film nítido, de optima photographia que é "O Regresso de Miss Paraná à sua Terra Natal" põe a prova a sua capacidade technica e seus conhecimentos na arte para a qual desde muito tempo, quando era menino ainda se sentiu fascinado.

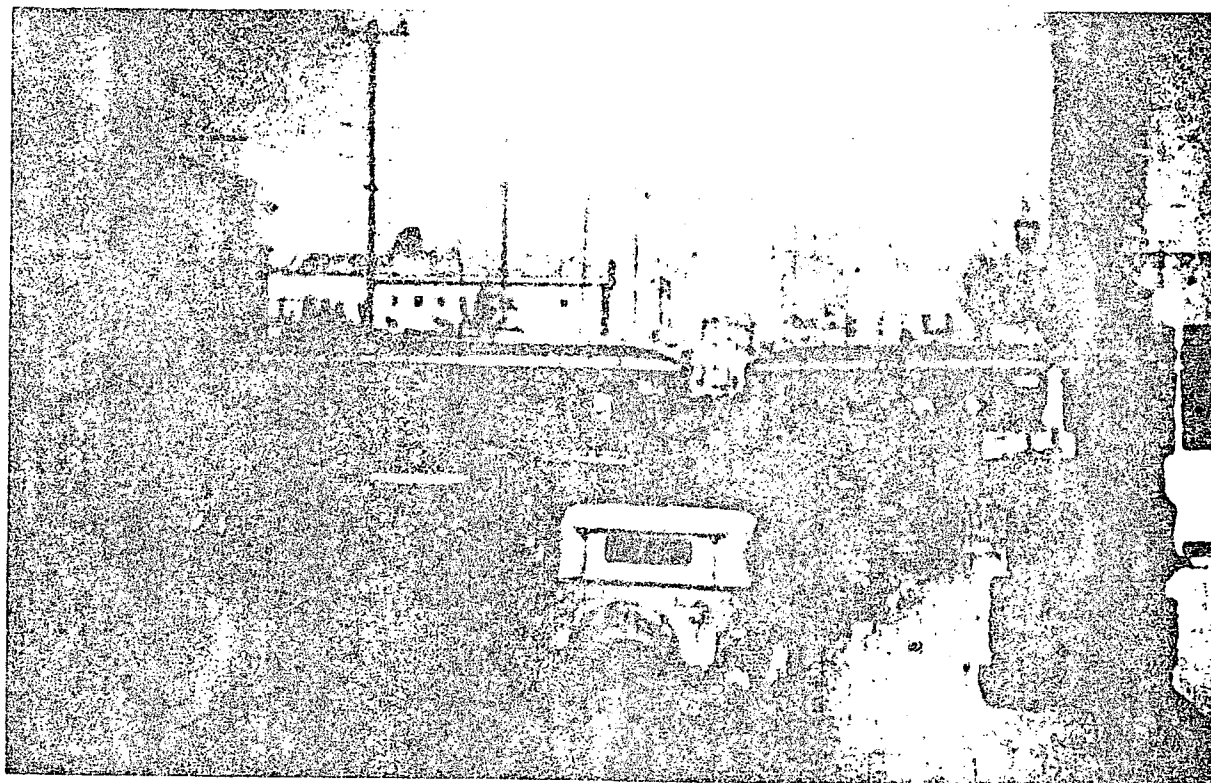
Mas antes de fazer o seu primeiro trablho, o sr. Athur Rogge foi aos Estados Unidos, centro da irradiação mundial da arte do celluloides, estudou, observou, adquiriu os aparelhos mais modernos e se dispoz a trabalhar e vencer. Chegando à Curytiba, de regresso da América do Norte ainda se dedicou algum tempo à feitura de aparelhos cinematographicos de sua invenção e então, mas só então, começou a trabalhar em films. O primeiro trabalho, que hoje veremos no Palácio e no Popular é a demonstração eloquente de que muito podemos esperar da Rogge Produccões que nos apresenta uma reportagem tão nítida, ou mais ainda do que as bem trabalhadas que os Estados Unidos nos enviam através dos seus lindos jornaes.

Dentro em pouco a Rogge Produccões vae nos dar a apreciar films de enredo".¹⁰³

O outro filme de Arthur Rogge, Hollywood Studios, citado pelo anúncio só seria exibido em janeiro de 1930, nos cines Glória e América, anunciado como seu segundo filme, "uma reportagem palpitante de interesse da vida da capital do cinema e suas estrellas e seus costumes todo especiais".¹⁰⁴ Os anúncios relativos ao lançamento do filme salientam as possibilidades do cinema paranaense e as intenções de Rogge de produzir filmes falados. Embora de excelente qualidade, o equipamento que havia adquirido nos Estados Unidos não permitia a realização de filmes sonoros. O alto investimento exigido para este tipo de filmes tiraria muitos realizadores

¹⁰³O DIA, Curitiba, 9 jun.1929. p.6.

¹⁰⁴A TARDE, Curitiba, 29 jan.1930. p.6.



"HOLLYWOOD STUDIOS"

ARTHUR ROGGE

do mercado brasileiro. No Paraná, Rogge não resistiu à entrada do mercado dos processos Movieton (som ótico na película) e Vitaphone (som sincronizado por disco), que rapidamente tiraram o público do filme mudo.

Sua intenção de fazer filmes falados, conforme o anúncio abaixo, ficou apenas nas declarações à imprensa:

"HOLLYWOOD STUDIOS - Rogge Produções apresentará hoje à noite no Glória a bem feita reportagem dos studios norte americanos filmada pelo senhor Arthur Rogge na terra do film e revelada em Curitiba pelo mesmo productor. Trata-se de uma pellicula destinada ao mais franco exito onde quer que seja exhibida. Os grandes studios, as vivendas das estrellas e astros de Hollywood, Los Angeles com suas lindas ruas e seus esplendidos panoramas tudo isso nós veremos neste film que é a mais eloquente prova do esforço e competência do productor paranaense."¹⁰⁵

"Anúncio da Empreza Cinematographica e Theatral A. Mattos Azeredo.
Cines Glória e América - Às 7:30

"Rogge Produccção apresenta HOLLYWOOD STUDIOS

O leitor nunca foi à capital das estrellas?

Pois então veja a poesia da Califórnia, a fascinação de Hollywood comodamente sentado em uma cadeira dos seus cinemas predilectos.

Magnifica reportagem dos studios norte americanos filmada nos Estados Unidos e revelada nos laboratórios da Rogge Produccção desta capital o que demonstra as possibilidades de produzirmos bons films no Paraná".¹⁰⁶

Coluna - No Palco e no Ecran

"Hollywood Studios - o segundo film da Rogge Produccções

Amanhã o Glória apresentará o interessante film Hollywood Studios, excellen-

¹⁰⁵O DIA, Curitiba, 9 jun.1929. p.4.

¹⁰⁶O DIA, Curitiba, 9 jun.1929. p.4.

te reportagem dos studios norte americanos obtida nos Estados Unidos pelo nosso patrício Arthur Rogge e revelada em Curitiba.

Hollywood Studios é portanto um film paranaense que revela, pelo cuidado e capricho com que foi confeccionado a possibilidade de fazermos films dignos de ser admirados em qualquer parte do mundo. Como bem se depreende pelo título Hollywood Studios é uma reportagem dos studios norte americanos.

Não deixem de ver este film todos os que gostam de cinema e de tudo que se relaciona com a mais moderna de todas as artes. Depois deste film de Rogge Produções somente tratará de fazer cinema falado.¹⁰⁷

Assim, um ano após planejar o lançamento de uma empresa cinematográfica em moldes industriais, Arthur Rogge vê seu sonho frustrado, com o cinema mudo condenado à morte.

Além dos dois filmes já citados não foram encontradas referências sobre produções de Rogge. Sua empresa, Rogge produções, ainda apareceria na imprensa, como em outubro de 1930, numa nota sobre o lançamento do filme do realizador gaúcho Eduardo Abelim, *Pelo Brasil Redimido*, sobre a revolução de 30 que afirmava que "o filme foi revelado nos estúdios da Rogge Produções".¹⁰⁸

No início da década de 40 Rogge vendeu seu equipamento para a Atlântida Cinematográfica do Rio de Janeiro, pondo fim à primeira tentativa de industrializar o cinema no Paraná.

¹⁰⁷A TARDE, Curitiba, 28 jan.1930. p.6.

¹⁰⁸O DIA, Curitiba, 25-7 out.1930. p.4.

IV - CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Em Curitiba, o cinema se instalou rapidamente.

Das exhibições em parques e teatros à criação de salas específicas foi atraindo um público cada vez maior que incorporou a novidade a seu cotidiano. Esta perspectiva de um público crescente motivou os primeiros realizadores a trocarem suas máquinas fotográficas pela câmara cinematográfica, registrando a vida da cidade e, muitas vezes, o próprio público que assistia a seus filmes. Isto não levou, no entanto, ao investimento no cinema enquanto indústria, sendo o primeiro período do cinema em Curitiba eminentemente artesanal, com o realizador produzindo, filmando, revelando e exibindo seu filme de temática documental. Nem Annibal Requião, nem João Baptista Groff demonstraram interesse em outros temas, voltados para o filme de enredo. Arthur Rogge, ao mesmo tempo que sonhava com uma indústria cinematográfica paranaense, planejava incursões no cinema de enredo. Entretanto, seus planos foram frustrados pelo advento do cinema sonoro e seu alto custo.

Requião e Groff, fotógrafos por profissão, fizeram da filmadora uma extensão de suas máquinas fotográficas, registrando o dia a dia da cidade, suas paisagens e festas. O gosto pelo oficial no registro de suas vistas "naturais" é patente, aliado ao interesse comercial que seus filmes poderiam ter. Na filmografia de Groff isto é explícito desde seus primeiros filmes, "Carnaval em Curitiba de 1926" é um

exemplo. Em Requião, embora implícito, é claro em filmes como *Passagem dos cavalheiros e senhoritas* que compõem a nossa sociedade chic pela rua XV de novembro.

Realizar filmes sob encomenda, de "cavação" como eram chamados, era uma postura comum aos primeiros realizadores brasileiros. As dificuldades na obtenção de recursos para a produção, realização e exibição de seus filmes era grande, o que levava os cineastas a aceitarem encomendas, mostrando obras, festas, solenidades, sempre do ponto de vista de quem solicitava o filme. Este tipo de trabalho, que, no caso do Paraná, foi uma opção profissional de seus realizadores, garantia a sobrevivência e a continuidade do trabalho e fornecia recursos para o realizador fazer seus filmes de ficção quando era o caso.

"A produção cinematográfica brasileira assenta-se num documentário exclusivamente ligado a uma elite mundana, financeira, política, militar, eclesiástica, de que os cineastas são dependentes", diz Jean Claude Bernardet e isso era regra também para o nosso cinema paranaense.

Outro aspecto a ser considerado era o interesse local dos filmes naturais. Uma parada militar em Curitiba, por exemplo, interessava ao público de outro estado como mera curiosidade e, para ser exibida, disputava espaço com o mesmo tipo de filme feito na localidade e ainda com o filme estrangeiro, de qualidade técnica superior e com um esquema de distribuição que garantia sua exibição em qualquer cinema. Já em seu local de origem, este tipo de imagem tinha público certo. Aos curitibanos, a visão de *Desfilada do Regimento de Segurança pela Rua XV* interessava muito, na medida em que estavam familiarizados com o assunto, às vezes tinham assistido a filmagem e, portanto, iam ao cinema para verem a si mesmos.

Este cinema documental, ou natural, como era chamado, foi o que sustentou o cinema brasileiro no início do século e, no caso de Curitiba, representou a totalidade da

produção até 1930.

Esta estruturação do cinema paranense, diferente dos moldes de Rio de Janeiro e São Paulo, foi opcional, pois enquanto no Rio de Janeiro, já em 1908, se fazia o primeiro filme de ficção brasileiro (*Nho Anastácio chegou de Viagem*), que iniciaria uma fértil produção de filmes de enredo que só começaria a decair em 1912, no Paraná, houve unicamente a intenção de se fazer filme de enredo, anunciada em 1929 por Arthur Rogge e que não chegou a se concretizar.

Assim, nossos primeiros cineastas, inclusive Arthur Rogge, dedicaram-se a documentar o cotidiano, realizando filmes de encomenda que garantiam a continuidade de sua produção e, muitas vezes, trabalhos no futuro. É o caso de *Pátria Redimida* que garantiu a Groff sua função de cinegrafista do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda - DEIP - do Estado Novo de Vargas, na década seguinte.

Este trabalho tentou cumprir seus objetivos recuperando dados de um momento da história do cinema do Estado, demonstrando as características comuns dos três pioneiros do cinema paranaense, sua opção por uma estrutura própria de trabalho que, moldada a nível local, garantia a continuidade do trabalho e sua regularidade. A existência dos filmes de encomenda influenciou, sem dúvida, a filmografia de cada realizador, que procurava fazer os filmes de acordo com o interesse dos patrocinadores, deixando registrado um aspecto da realidade vista a partir da ótica de quem contratava o filme. Talvez isto explique a ausência total de temas mais voltados ao popular, como reivindicações trabalhistas, questões dos imigrantes ou a própria Guerra do Contestado.

É importante salientar que essa dissertação se preocupou com o filme em si, o produto de sua elaboração, deixando em aberto a questão da relação entre o espectador de cinema e o produto a ele destinado, assunto de importância fundamental para pesquisas futuras.

Procurou-se resgatar aspectos da história recente, utilizando uma fonte que não deve ser desprezada. O cinema, além de importante meio de comunicação, expressão e espetáculo, tem um papel fundamental como fonte da história. Seja documentário, seja ficção, fornece elementos no que concerne à história do gosto, da civilização material, do vestuário, da paisagem urbana, da arquitetura, etc., permitindo visualizar as formas como determinada época representava situações, opiniões, modos e mitos.

A história do cinema pode constituir uma fonte de pesquisa privilegiada do imaginário coletivo, e o imaginário é a história, tanto como a própria história, como afirma Marc Ferro. O cinema permite, com sua magia, ampliar os horizontes do historiador, associando o filme ao mundo que o produziu. Com o uso desta fonte, essa dissertação procurou ampliar o horizonte de pesquisa e preencher uma das lacunas da historiografia paranaense no que se refere à história de seu cinema.

V ANEXOS

ANEXO 1

ACESSÓRIOS E PRECURSORES DO CINEMATOGRAFO

É muito interessante conhecer a enorme quantidade de acessórios e precursores do cinematógrafo, os quais George Patonniée, em suas "Origens da Cinematografia", apresenta na seguinte lista:

1833 - Plateau: Fantascópio ou Fenakisticópio, desenhos manuais.

Stampfer: Discos estroboscópicos, desenhos manuais.

1834 - Horner: Dedalum, desenhos manuais

1839 - Plateau: Anortoscópio, desenhos manuais

1851 - Duboscq: Estereofantascópio, primeira aplicação da fotografia.

1852 - Claudet: Fenakisticópio estereoscópico, desenhos fotográficos.

Wheatstone: Fenakisticópio estereoscópico, desenhos fotográficos.

1853 - Seguin: Vistas animadas obtidas pela fotografia.

Uchatius: Fenakisticópio de projeção, desenhos manuais.

1857 - Duboscq: Fenakisticópio de projeção, desenhos manuais

1860 - Desvignes: Modelo parecido com zoótropo, desenhos fotográficos

Czugafewicz: Fenakisticópio estereoscópico, desenhos fotográficos.

1861 - Shaw: Fenakisticópio estereoscópico, desenhos fotográficos.

- Dumont: Fenakisticópio estereoscópico, desenhos fotográficos
- Sellers: Fenakisticópio estereoscópico, desenhos fotográficos
- 1864 - Ducos de Hauron: Acessórios de bandas, desenhos fotográficos.
- 1867 - Cook e Bonelli: Fenakisticópio estereoscópico, desenhos fotográficos
- Humbert de Molard: Fenakisticópio estereoscópico, desenhos fotográficos.
- Lincoln: Zoétropo ou Zoótrofo, desenhos manuais.
- 1868 - Linnett: Kinéografo, desenhos manuais
- Langlois e Augier: Kinescópio, desenhos manuais
- 1869 - Brow: Projeções animadas, desenhos manuais.
- Clerk Maxwell: Projeções animadas, desenhos manuais
- 1870 - Bourbouze e Heyl: Projeções animadas e desenhos obtidos de fotografias.
- 1871 - Ross: Projeções animadas, desenhos manuais
- 1874 - Jansen: Revólver fotográfico, desenhos fotográficos
- 1876 - Donisthorpe: Aparelho para emprego de imagens sobre bandas.
- 1877 - Reynaud: Praxinoscópio, zoótrofo aperfeiçoado.
- 1878 - Muybridge: Conjunto de aparelhos para a tomada de vistas
- 1880 - Reynaud: Praxinoscópio-teatro e de projeção
- 1882 - Muybridge: Síntese do movimento no zoótrofo.
- Marey: Fusil fotográfico
- Molteni: Cooretoscópio, desenhos animados.
- 1883 - Anschutz: Experiências parecidas com as de Muybridge
- Londe: Cronofotógrafo, com objetivas múltiplas.

- 1885 - Anschutz: Síntese do movimento.
- 1888 - Marey: Cronofotógrafo, com banda ou fita.
Potter: Lanterna mágica, com banda ou fita.
Leprince: Aparelho com filme e múltiplas objetivas
- 1892 - Reynaud: Teatro ótico
- 1889 - Friese - Greene e Evans: Tomadas de vistas estereoscópicas e projeções
Muybridge: Zoopraxinoscópio
- 1890 - Barley: Cronofotógrafo
Donisthorpe e Croft: Projeções de imagens sobre filmes.
General Severt: Estudos da velocidade dos projéteis pela cronofotografia.
- 1891 - Anschutz: Electrotakiskópio
Edison: Cinetógrafo
Démény: Fonoscópio
- 1892 - Londe: Cronofotógrafo Elétrico
Bouly: Patente de um aparelho chamado cinematógrafo.
- 1893 - Marey: Aparelho para projetar fotografias animadas.
Edison: Cinetoscópio.
Démény: Aparelho para projetar fotografias animadas
Friese-Greene: Aparelho para projetar fotografias animadas.
- 1894 - Jenkins: Fantoscópio para projetar fotografias animadas
Gosart: Cronofotógrafo.
Skladanowski: Projeções animadas
- 1895 - Irmãos Lumière - Cinematógrafo.

ANEXO 2

FICHAS FILMOGRÁFICAS

ANNIBAL REQUIÃO

JOÃO BAPTISTA GROFF

ARTHUR ROGGE

As cópias dos filmes descritos
neste Anexo pertencem ao Acervo
da Cinemateca do Museu Guido
Viaro em Curitiba.

FILMES DE ANNIBAL REQUIÃO

1 - CARNAVAL EM CURITIBA

Original em 35mm. 16 quadros.

Contratipo e redução em 16mm. na Cinemateca do Museu Guido Viaro.

Metragem - 74 metros - duração 7 minutos

Provavelmente é fragmento do filme.

Data de realização: 1910 (provável)

Conteúdo:

1. Cenas de rua, rua Quinze de Novembro.

A câmara parada registra a passagem de uma carruagem, com cocheiro e passageiros.

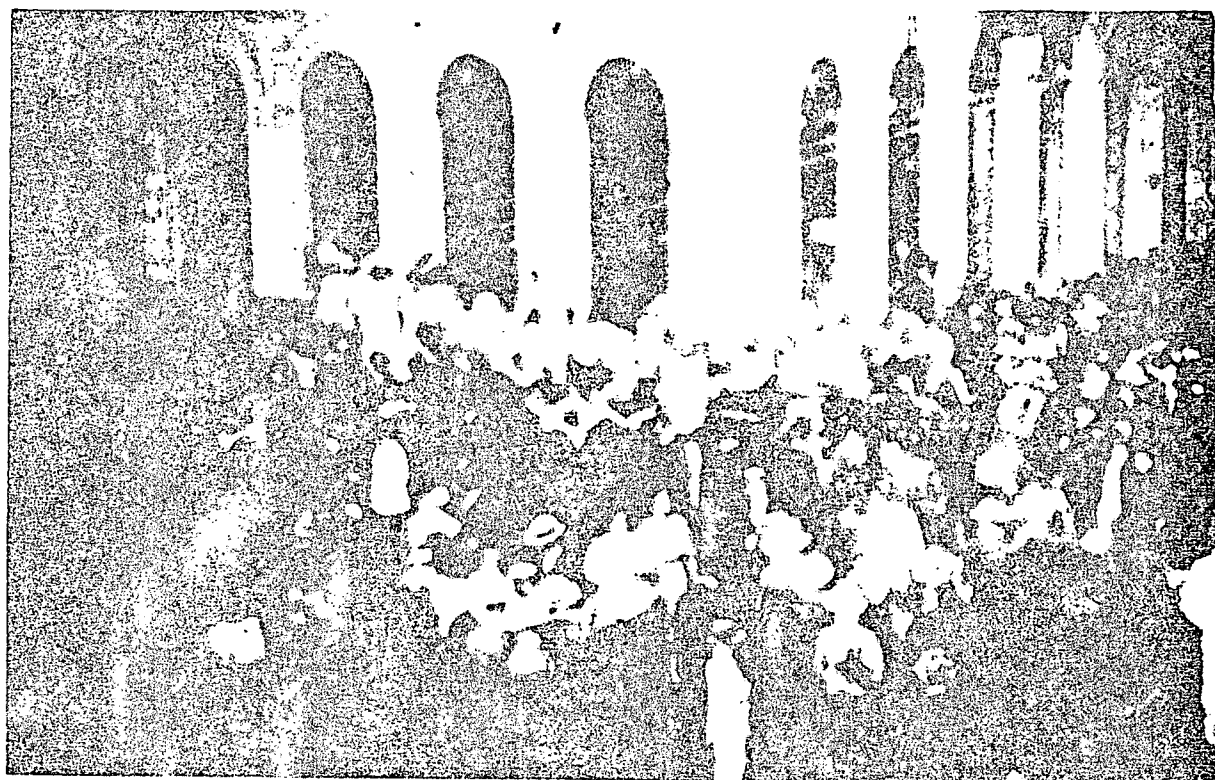
2. De outro ângulo da rua, a câmara registra carros passando e pessoas fantasiadas andando pela rua. Mostra também gente fantasiada nos carros, jogando serpentina nos pedestres.

3. A câmara, fixa, continua mostrando pessoas e carros, gente fantasiada e/ou com máscaras.

Os carros, carruagens ou pedestres passam pela câmara, a maioria olha diretamente para a objetiva.

4. Do alto do prédio, provavelmente na rua Quinze de Novembro, esquina com a rua Monsenhor Celso, a câmara, fixa, dá um panorama de pessoas e carros na rua.

5. A câmara mostra pessoas na sacada de um prédio, a maioria mulheres, que olham o movimento na rua Quinze.



"CARNAVAL EM CURITIBA"

ANNIBAL REQUIÃO

6. **Letreiro: IIª Série**
Dia 26 de janeiro
(O letreiro é desenhado e ornamentado com flores).
7. **Letreiro: O Sr. Fido Fontana acompanhado do Senhor Ildefonso Serro Azul no seu luxuoso automóvel Benz 45 H.P.**
(O letreiro, a exemplo do anterior, é ornamentado com flores)
8. Cenas de rua, mostrando pessoas caminhando, trilhos de bonde e um bonde passando ao fundo da cena.
9. **Letreiro: Aspectos do curso carnavalesco**
(como os anteriores, ornamentado com flores)
10. Cenas de rua, pessoas passando, carros, carruagens. Bonde visto de frente com a placa "estação", atrás do qual segue uma banda de música.
11. Cenas de rua filmadas do alto de um prédio, mostram sacadas de prédios na rua Quinze, pessoas na calçada bonde passando.
12. Câmara mostra gente na rua que olha para a objetiva.
13. **Letreiro: IIª Série**
Dia 26 de janeiro
Mesma legenda anterior
14. Repetição de imagens de pessoas andando pela rua Quinze, carros e carruagens passando.
15. **Letreiro: Iª Série**
19 de janeiro
(letreiro com flores desenhadas).
16. Pessoas na rua, paradas, carruagens passando.

2 - PANORAMA DE CURITIBA

Original em 35mm. 16 quadros.

Contratipo e redução em 16 mm na Cinemateca do Museu Guido Viaro.

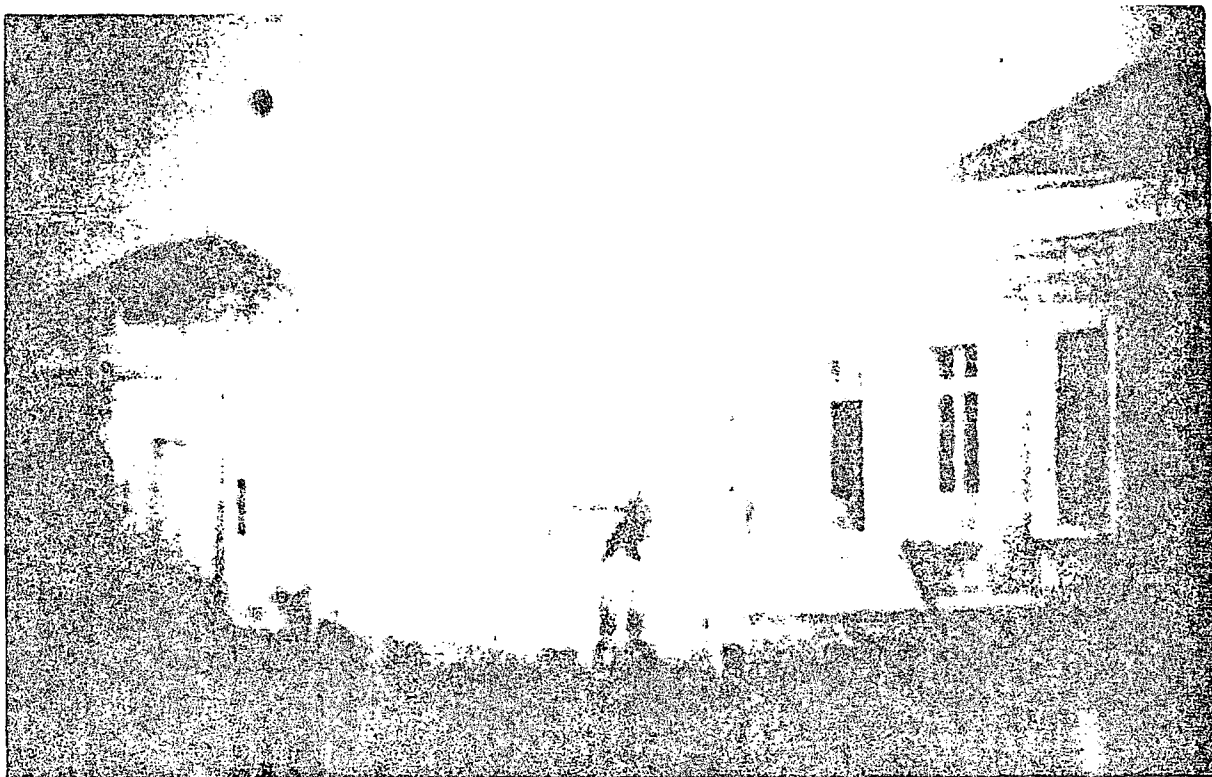
Métragem: 72m

Duração: 6 minutos

Data provável de realização: 1912.

Conteúdo:

1. **Letreiro:** Panorama de Curytiba.
(desenhado e com a assinatura de Annibal)
2. Vista do centro de Curytiba, mostrando os detalhes das casas, a Catedral Metropolitana.
O plano de filmagem dos telhados é repetido duas vezes de dois ângulos diferentes, sempre com a câmara fixa.
3. **Letreiro:** Palácio do Congresso
(desenhado e com a assinatura de Annibal)
4. Vista externa do Palácio do Congresso
5. **Letreiro:** Rua José Bonifácio
(mesmo tipo de desenho e assinatura)
6. Vista da Rua José Bonifácio, com pessoas andando, um homem passa a cavalo e um bonde puxado a burro passa ao fundo.
7. **Letreiro:** Praça Dr. João Cândido
Gymnasio Paranaense
(desenho e assinatura)
8. Exterior do prédio do Ginásio Paranaense e da praça em frente.
9. Vista de fachada de loja, do Hotel Roma, da Estação Ferroviária e da Praça João Cândido.



"PANORAMA DE CURITIBA"

ANNIBAL REQUIÃO

10. Letreiro: Praça Tiradentes

(desenho e assinatura como os anteriores)

11. Vista da praça, prédios e pessoas andando na rua.

12. Letreiro: Cinegrafista Carlos Braga

Obs.: Este último letreiro, referindo-se a um cinegrafista, pode significar que Requião dirigiu o filme, não fazendo o trabalho de cinegrafista, como era usual nos trabalhos da época em que o realizador fazia toda a produção.

3 - FATOS HISTÓRICOS DO TIRO DE GUERRA 19 RIO BRANCO¹⁰⁹

Original em 35mm. 16 quadros.

Contratipo depositado na Cinemateca Brasileira (S.Paulo)

metragem: 180 metros duração: 8 minutos

Data provável: 1910/1912

Conteúdo:

1. Chegada a Curitiba do Tiro de Guerra 19 Rio Branco após ter conquistado no Rio de Janeiro, em 07 de setembro de 1910, o primeiro lugar entre todos os tiros de guerra do Brasil .
2. Desfile de soldados, revistas as Tropas, apresentação de armas.
3. O Coronel João Gualberto faz a entrega da Bandeira Nacional ao comandante do destróier Paraná.
4. O destróier no cais.
5. Interior do destróier (1911).
6. Funerais do Coronel João Gualberto em 1912.

¹⁰⁹ EMBRAFILME. Cinema Brasileiro (1º Fascículo) Rio de Janeiro, 1984, p.61.

7. Cortejo fúnebre ladeado por multidão.

nota: Partes do material que compõe este filme foram exibidas separadamente, em combinação com outros materiais.

FILMES DE JOÃO BATISTA GROFF

1. RUA XV

16mm - 24 quadros P/B - mudo - duração: 1 minuto

Ano de produção: década de 20.

Legenda: A rua XV de novembro onde se concentra o movimento da urbs curytibana.

Obs. Foi encontrado apenas um fragmento do filme.

2. CURYTIBA ANTIGA

16mm. - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 1 minuto e 44 segundos.

Ano de produção: década de 20.

Legendas: AS ESCOLAS NORMAES

Escola Normal Secundária de Curytiba

O BAIRRO DE BACACHERI

A AVENIDA COMENDADOR ARAÚJO

Explendida via de comunicação do elegante Batel

O Palácio do Governo.

Obs. Fragmentos do filme.

3. Iguassu e Guayra

16mm. - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 7 minutos

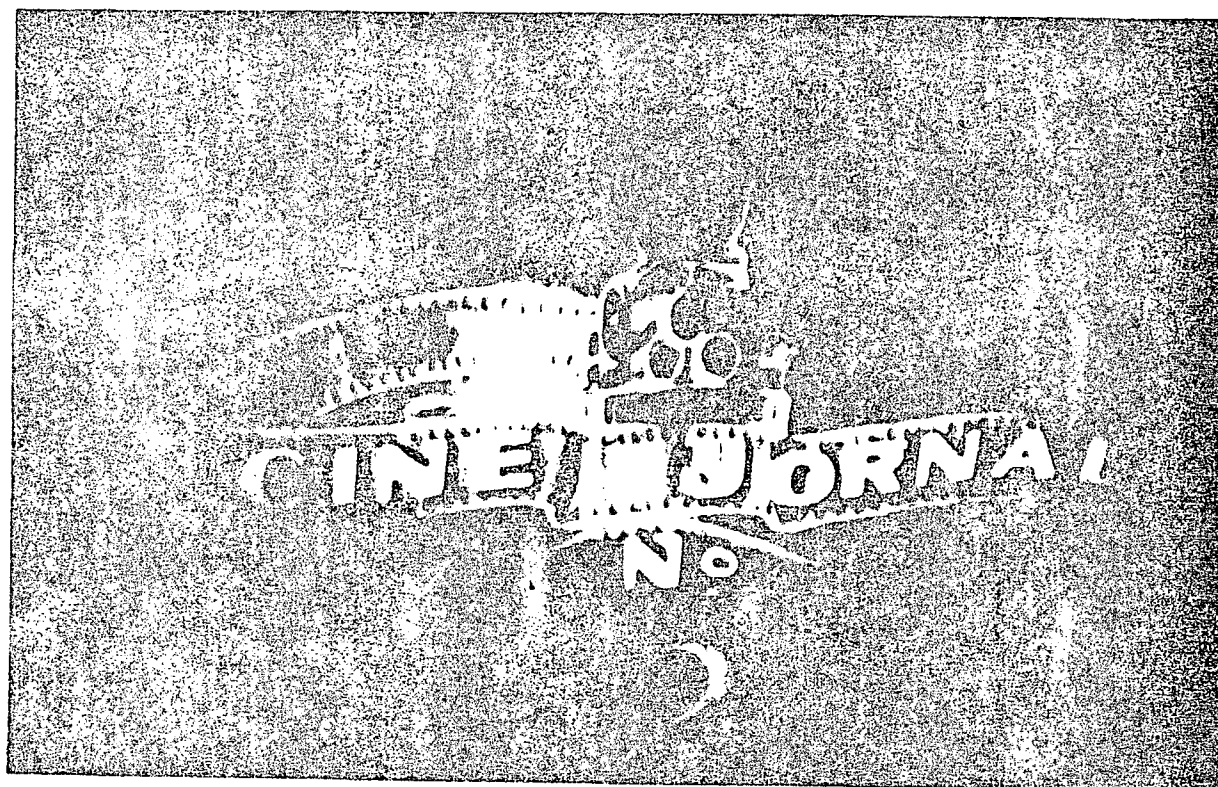
Ano de produção: 1926

Legendas: 1 - Característica é a sua urbanização que a torna a mais europeia cidade brasileira.

- 2 - Pelo seu clima, Morize destacou-a dentre as 12 mais conceituadas cidades do paiz.
- 3 - Dentro do bulício dos bairros commerciaes em purissimo estilo gotico desenha-se o perfil imponente de sua catedral.
- 4 - Nas últimas ogivas de suas torres, a 45 metros de altura, o observador domina a cidade.
- 5 - Atravessando bellissimas paysagens a estrada para Foz do Iguassu desenvolve-se numa extensão de 600 quilometros desde o seu inicio em Curytiba.
- 6 - A margem da estrada surgem pitorescas fazendolas de criação onde o gado nédio demonstra a exhuberância dos pastos.
- 7 - Previdência de uma balsa para a travessia do rio cavernoso permite continuação da viagem ao longo do Yguassu.
- 8 - A monotonia do sertão é quebrada pelo rangido prolongado dos modernizados carretões de bois, lentos mais seguros.
- 9 - Dos Estados da Federação o Paraná é um dos melhores collocados na escala de distribuição dos índices de potência hydraulica, pela importância e grandiosidade dos saltos e cascatas que em grande número cortam a tranquillidade do curso de seus rios gigantescos.
- 10 - Nos rios Paranapanema, Ribeira, ...batão, Ivahy, Yguassu e Paraná, encontram-se as mais bellas e poderosas quedas dagua do Estado, que a indescritivel belleza natural alliam a mas poderosa força hydraullica accumulada.

- 11 - Entre os rios de maior potência hydraulica sobressaem o Yguassu e Paraná verdadeiros gigantes fluviais que banham o Estado.
- 12 - Rio Yguassu tem as suas cabeceiras nas vizinhanças de Curytiba capital do Estado do Paraná e um dos principaes centros de commercio e industria do paiz.
- 13 - (...) *seu início o Yguassu já apresenta o salto cayacanga situado entre as cidades de Lapa e Palmeira, a 63 quilometros da capital.
- 14 - Seus afluentes são igualmente (...) de queda d'água - o rio Jordão principal de sua margem direita, forma nas proximidades de Guarapuava o salto das Marrecas, cuja força hydraulica é aproveitada para fornecer energia à cidade.
- 15 → A 50 quilometros de Guarapuava o bello salto das Curucarás intercepta a correnteza fácil do Rio Jordão dando-nos um novo aspecto de belleza.
- 16 - As águas precipitam-se em altura de (...) metros em magestosa columnas (...) liquido espumante por onde o rio foge de seu leito primitivo.
- 17 - (...) aberto numa amplitude de 150 metros, para tombar ao fundo do abysmo, abruptamente.
- 18 - Salto maravilhoso vae retornando longinquo à proporção que se avança rumo ao Rio Paraná, em busca dos saltos do Yguassu e Guayra.

*Na transcrição das legendas a marcação (...) empregada indica falha na legenda, provavelmente na copiagem e/ou devido a problemas na recuperação do filme que causaram as referidas falhas.



"CINE JORNAL Nº 2" (MATERIAL DIVERSO)

J.B. GROFF

Obs. Entre legendas 3 e 4: Imagens da Catedral de Curitiba.
 Entre legendas 4 e 5: Imagens de Curitiba, casas, etc.
 Entre legendas 6 e 7: Imagens de rio e pinheiros.
 Entre legendas 8 e 9: Imagens de uma balsa
 Entre legendas 14 e 15: Imagens do Rio Jordão.
 Entre legendas 15 e 16: Imagens do Salto Curucara.
 Entre legendas 16 e 17: Imagens de saltos.

Após a legenda 18, há imagens de saltos, às quais segue-se um fotograma com a seguinte legenda, que acreditamos deve ter sido incluída por engano: BOTELHO FILMS - (...) chutes de Guayra également appêles des sept cascades. Seguem-se imagens de saltos, de pessoas olhando as cataratas do Iguassú, de dois homens olhando as cataratas, de uma das pontes sobre Sete Quedas, de pessoas atravessando uma das pontes sobre Sete Quedas.

As quatro primeiras legendas estão dentro de quadro emoldurado com assinatura Groff Film; as demais têm apenas o texto sem o quadro.

4 - REVOLUÇÃO DE 32

16mm - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 26 minutos
 Ano de realização: 1932.

Legendas: REVOLUÇÃO DE 1932
 de João Baptista Groff
 Groff-Jornal nº 90

Legendas: 1 - Esta é a única película executada durante a ação do exército Sul que operou contra os Constitucionalistas de São Paulo e Mato Grosso. A filmagem foi autorizada pelo Estado Maior e pelo Comando Supremo das Tropas-General Waldomiro Lima.

2 - Em 9 de julho de 1932 teve início em São

Paulo o movimento revolucionário constitucionalista.

- 3 - Afim de combatê-lo o governo provisório organizou três frentes: Norte, Leste e Sul.
- 4 - O General Waldomiro Lima comandante em chefe das tropas do setor Sul.
- 5 - O Estado Maior sob a chefia do Cap. Dimas de Menezes.
- 6 - O Q.G. da 5ª Região Militar em operação no Front.
- 7 - Major Simões Lopes Filho.
- 8 - Coronel Marinho Chefe do Serviço Sanitário do Setor Sul.
- 9 - Itararé - considerada inespugnável foi a primeira cidade paulista que caiu em poder dos federais.
- 10 - As trincheiras que defendiam Itararé.
- 11 - A estação ferroviária no dia da ocupação.
- 12 - Os federaes continuam avançando, passam Faxina e localizam-se em Buri.
- 13 - Buri diariamente é bombardeada pela aviação paulista, que faz enormes estragos.
- 14 - P.C. do 3º Grupo de Artilharia Pesada.
- 15 - A Coluna Plaisant que opera na ala direita, apodera-se de Ribeira.
- 16 - A célebre ponte sobre o rio Ribeira ligeiramente danificada.
- 17 - Apiaí foi ocupada depois de um combate que durou 24 horas.

- 18 - Em Apiaí os Constitucionalistas deixam grande cópia de material bélico e de transporte.
- 19 - Coronel Plaisant fazendo observações na vanguarda.
- 20 - Em Capinzal as colunas Plaisant e Boanerges se unem. E tomam Guapiara.
- 21 - Trincheiras que defendem Guapiara.
- 22 - Deixamos os nossos soldados a 10 km de Guapiara, quando escalonados, avançavam sobre Capão Bonito.
- 23 - Os dois combatentes, durante vinte dias, reforçaram suas linhas, delinearam seus planos para em 15 de agosto iniciarem o grande combate decisivo.
- 24 - A hora H no dia 15 de agosto.
- 26 - O General Waldomiro Lima está a postos no seu P.C. na vanguarda.
- 27 - Nota do editor: Este General esteve sempre em contato com as vanguardas das tropas que comandou.
- 28 - O combate se generaliza numa frente de 12 quilômetros.
- 29 - Os paulistas resistem leoninamente, mas ante o ímpeto dos federais cedem terreno.
- 30 - Coronel Caminha - comandante da Polícia Catarinense.
- 31 - P.C. dos Constitucionalistas bombardeado pela Artilharia federal.
- 32 - A ofensiva continua ininterruptamente.
- 33 - A artilharia governista toma nova posição e metralha o adversário a descoberto.

- 34 - O destacamento Sayão toma Aracassú, retirando-se os paulistas para a outra banda do Paranapanema.
- 35 - O 1º Batalhão Ferroviário reconstrói a linha.
- 36 - As forças federais forçam Capão Bonito que é ocupada em 2 de Setembro.
- 37 - Efeitos do único bombardeio aéreo levado a efeito pelos paulistas em Capão Bonito.
- 38 - O 5º Grupo de Artilharia de Montanha em marcha para o "front".
- 39 - Os combatentes tomam posições nas proximidades do rio das Almas.
- 40 - A coluna é dividida em três destacamentos sob o comando dos coronéis Dorneles, Plaisant e Boanerges.
- 41 - O Coronel Dorneles que comandou o flanco esquerdo.
- 42 - A voz dos potentes 105 do 3º G.A.P. Margem direita do Paranapanema, numa extensão de mais de 400 kilometros.
- 43 - Dezenas de kilometros de trincheiras foram construídas com arte militar.
- 44 - Com um magnífico plano de envolvimento, os federais desbordam pela extrema direita e transpõem o Vão dos Romanos no Paranapanema.
- 45 - O 9º R.C.I. atravessando o Paranapanema.
- 46 - Em seguida conquistam a primeira ponte, que é imediatamente reconstruída.
- 47 - O 5º R.A.M. em ação.



"CINE JORNAL Nº 2" (MATERIAL DIVERSO)

J.B. GROFF

48 - A ponte ferroviária sobre o rio Paranapanema.

49 - E quando os dois exércitos iniciavam a batalha do Paranapanema, que seria decisiva, vem o término da luta, registrada a 3 de outubro.

GROFF Film

Há ainda, legendas dos trechos da Revolução de 30:

- ADEUS!

- Eles partem para o "front" com pena dos que ficam e os comboios se sucedem continuamente, conduzindo tropas rumo Itararé.

- Tropas gaúchas, em pleno, renascimento neofarroupilha, atravessam o Paraná e se dirigem para os setores de Itararé e Ribeira, conduzidos pelo anseio heróico de salvar a República.

5 - AS GRANDES REALIZAÇÕES DO SENHOR MANOEL RIBAS NO GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ (Viação Rumo ao Norte do Paraná)

16mm. - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 10 minutos

Ano de realização: 1942

Conteúdo:

Documentário sobre a inauguração da rodovia que liga Curitiba ao Norte do Estado - Jacarezinho -

Presença do Governador e sua comitiva.

Apresenta um panorama de Curitiba, mapa de Curitiba ao norte do Estado.

Descerramento de placa comemorativa.

Ginásio Londrinense.

6 - AS GRANDES REALIZAÇÕES DO SNR. MANOEL RIBAS NO GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ - Ponta Grossa - Lapa.

16mm - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 12 minutos

Ano de realização: 1942

- Legendas:
- 1 - A área calçada da cidade excedeu os confins urbanos, na administração do Sr. Albari Guimarães.
 - 2 - Praça Barão do Rio Branco, com sua bela fonte luminosa e o auditório Carlos Gomes.
 - 3 - Os Governos da União e do Estado, tem dotado Ponta Grossa de estabelecimentos de grande importância, destacando-se entre eles, a Fazenda Modelo, Estação Experimental de trigo.
 - 4 - Edifícios dos Correios e Telégrafos, do Quartel do 13 R.I., Ginásio, Grupos Escolares, Escola de Trabalhadores Rurais, Escola Normal, Caixa Econômica e muitos outros.
 - 5 - A Pecuária foi que deu origem a todas as cidades e vilas dos Campos Geraes do Paraná.
 - 6 - Atravessando esses campos, do Itararé ao Iguassú, no ano de 1820, Saint-Hilaire, notável naturalista francês, denominou-os "O Paraíso do Brasil", classificando as suas fazendas entre as melhores de S.Paulo.
 - 7 - Com a criação da Província, as atividades rurais foram dando lugar a outras mais sedutoras. A indústria pastoril entra em franca decadência. Os rebanhos que chegaram a contar mais de um milhão de cabeças ficaram reduzidos a menos de 300 mil.



"CINE JORNAL Nº 2" (MATERIAL DIVERSO)

J.B. GROFF

- 8 - Os poderes públicos empregam todos os seus esforços para sanar o mal, porém, sem exi-
to. Na administração do sr. Manoel Ribas,
a pecuária começa a desenvolver-se, em
virtude das iniciativas práticas e eficien-
tes.
 - 9 - Na administração de Manoel Ribas, eram fun-
dadas diversas Estações de Monta, visando
o Estado melhorar e adaptar o tipo de pa-
drão adequado ao nosso ambiente mesológico.
 - 10 - O Governo Estadual cede ao Exército Nacio-
nal a granja Tidíquera para funcionar uma
Estação de Monta especializada em animais
de tração pesada.
 - 11 - Para maior incentivo entre os criadores de
todas as regiões, instalou o Governo do
Estado, na cidade de Ponta Grossa, um con-
junto de pavilhões para servirem de Exposi-
ção anuais e desfile de rebanhos seleciona-
dos.
- 7 - AS GRANDES REALIZAÇÕES DO SNR. MANOEL RIBAS NO GOVERNO
DO ESTADO DO PARANÁ (material diverso)
- 16mm. - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 8 minutos
- Ano de produção: 1942
- Conteúdo:**
Documentário sobre a construção da rodovia que liga
Curitiba ao norte do Paraná.
- Legendas:** 1 - Estradas de rodagem
- 2 - Pontes Provisórias sobre os rios Assungui
e Ribeira.
- 3 - Alguns trechos nos campos de Castro.

- 4 - Vencendo o traçado da serra do Pirai.
- 5 - Em Caetê atravessa uma grande extensão coberta de pinheirais
- 6 - Nas famosas glebas de terra roxa do Paraná.
- 7 - De Jataí até Porto Alvorada no Rio Parana-panema.
- 8 - Trechos de Cachoeirinha a Wenceslau Bráz.
- 9 - De Wenceslau Bráz até Jacarezinho a rodovia corta extensos cafezais cuja produção é superior a 150 arrobas por mil pés.
- 10 - Essa importante rodovia que está sendo revestida a pedregulho, penetra nos mais longínquos recantos do norte do Estado.

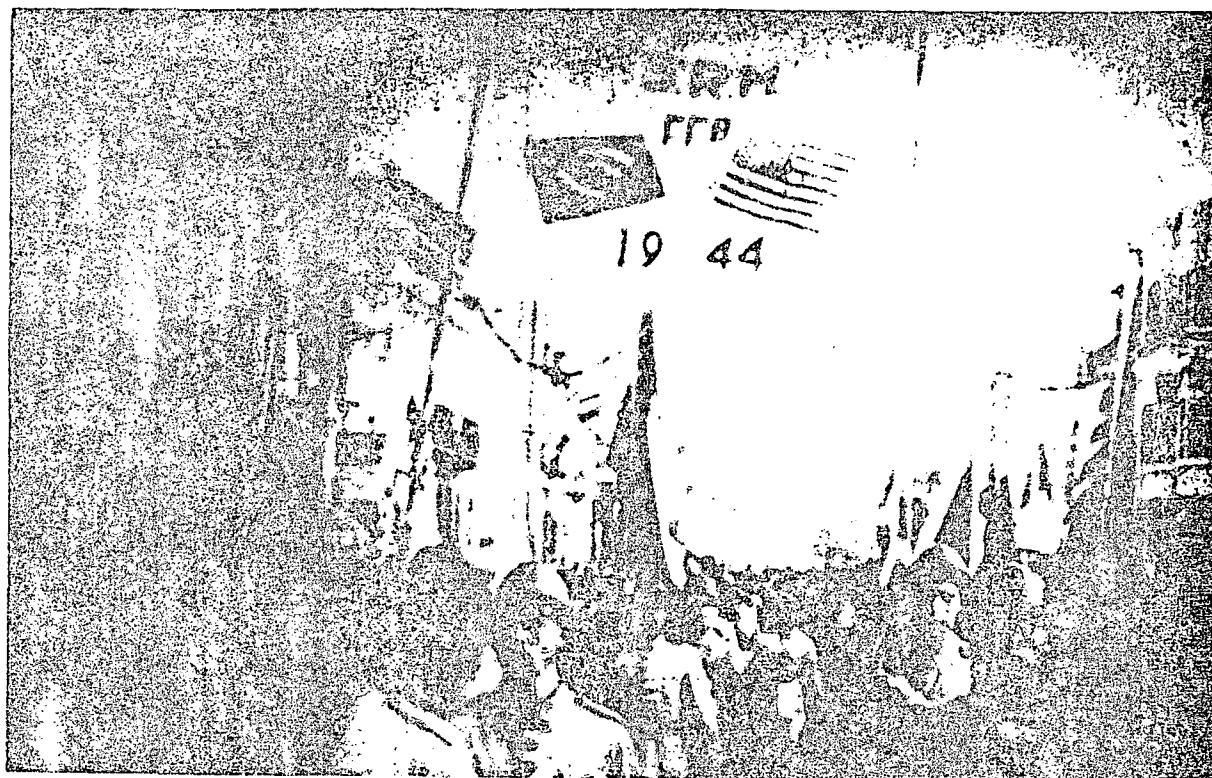
8 - AS GRANDES REALIZAÇÕES DO SNR. MANOEL RIBAS NO GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ (material diverso nº 2)

16mm. - 24 quadros - mudo - P/B - duração: 32 minutos

Ano de realização: 1944

Conteúdo:

- II Exposição Paranaense de Animais e Produtos Derivados (abertura - M.Ribas)
- Estrada da Graciosa.
- Litoral (praias, porto de Paranaguá e Antonina).
- Agricultura: lavrando a terra (arado-tração animal), semeando e colheita de algodão e laranjas.
- Zeppelin (rua XV).
- Desfiles: escolares (rua XV e litoral-maioria de origem japonesa) e militares.
- Curitiba: centro-bondes, UFPr, Catedral, Prefeitura



"CINE JORNAL Nº 2" (MATERIAL DIVERSO)

J.B. GROFF

Municipal, Câmara de Vereadores, Praça Carlos Gomes, Passeio Público, Correio.

- Governador Manoel Ribas discursando em Curitiba (rua XV) e litoral.

9 - AS GRANDES REALIZAÇÕES DO SNR. MANOEL RIBAS NO GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ (material diverso nº 3)

16mm. - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 30 minutos

Ano de realização: 1942

Conteúdo:

- Desfile e apresentação de ginástica de estudantes
- Rumo ao norte do Paraná (panorâmica de Curitiba, mapa de animação representando as cidades interligadas pela Estrada que liga Curitiba ao norte do Paraná-Piraí-Jacarezinho; Curitiba-Piraí-Londrina inauguração da estrada pelo Gov. Manoel Ribas; engenheiros e comitiva travessia em balsa; a estrada e inauguração em outras cidades, almoço da comitiva; Ginásio Londrinense).
- Abertura da 1ª Exposição Agropecuária Industrial do Município de Castro - apresentação de cavalos, gado, suínos, aves. Carroça com coral em trajes típicos da Holanda. Apresentação do Coral, produtos da exposição.
- Desfile de estudantes.
- Abertura de Jogos esportivos com desfile de atletas.
- Clube de lazer.
- Discurso de Manoel Ribas e várias autoridades na Rua XV (sacada de prédio).
- Colheita e plantação de batatas.
- Litoral paranaense.
- Manifestação na rua XV com a presença de Manoel Ribas numa sacada.

- Arando a terra (tração animal)
- Litoral paranaense (canoas)
- Adubando a terra
- Manifestação na rua XV (continuação do item anterior sobre o assunto).

10 - AS GRANDES REALIZAÇÕES DO SNR. MANOEL RIBAS NO GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ (material diverso nº 4)

16mm - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 23 minutos

Ano de realização: década de 40

Conteúdo:

- Abertura de jogos esportivos, com concentração e desfile de estudantes.
- Fragmentos de discurso integralista.
- 1ª Exposição agropecuária e Industrial do Município de Castro (24.04.1939). Abertura com presença do gov. Manoel Ribas.
- Apresentação de cavalos, gado, suínos, aves.
- Coral em trajes típicos da Holanda, apresentação do coral.
- Produtos derivados da exposição.
- Desfile de estudantes, jovens e crianças.
- Apresentação de ginástica.
- Prova de atletismo.
- Litoral paranaense.
- Clube de lazer.
- Discurso do gov. Manoel Ribas da sacada de prédio na rua XV.
- Plantação de batatas (preparo da terra, arado e colheita).

- Litoral paranaense.
- fragmento de discurso integralista.

PÁTRIA REDIMIDA

Original em 35mm P/B 5 partes

Cópia em 16mm. Acervo da Cinemateca do Museu Guido Viaro

Lançamento: Theatro Palácio (07.12.1930)

LEGENDAS

Rolo 1 -

1. Brasil, país moderno e detector de uma raça definida, constroe hoje solução na equação social gloriosa, os alicerces de uma República nova que se edificará num ambiente criado pela vitória da revolução nacional.
2. Esse é o film jornal indígena operado por gente nossa no front das tropas revolucionárias. Esta pellicula foi executada nas zonas de combate durante a ação formidável que abateu as tropas do Cattete fiéis à oligarquia de Washington Luiz.
3. Autorizado pelo Estado Maior da 5ª Região e também pelo Estado Maior da Revolução, chefiado pelo illustre militar general Góes Monteiro, realiza um film "clou" da cinematographia brasileira, constituindo ótimo e insofismável subsídio para a história da Pátria.
4. Photographias: J.B. Groff e W. Fischer
Legenda: A.Barros Cassal
5. 3 de outubro: O Estado maior da Revolução sediado em Porto Alegre irradiou para os pontos de convergência revolucionária a senha estabelecida: Bento Gonçalves.
6. A capital riograndense, Bello Horizonte e João Pessoa encabeçam o movimento que, quase simultaneamente, se alastra por todo o país, formando três frentes - a do sul, a do centro e a do norte.

7. O desenvolvimento da revolução.
8. 5 de outubro, o Paraná com a mais ampla arrancada cívica de sua história toma parte no movimento, depondo Affonso Camargo e enviando suas aguerridas tropas para a vanguarda.
9. O 9º Regimento de Artilharia Montada, a primeira força que rebelou-se em Curitiba.
10. Um documento histórico - o capitão Amorety - lendo um manifesto que revolucionou a guarnição do Paraná.
11. O General Plínio Tourinho, um dos chefes do movimento no Paraná.
12. Manifesto ao povo do Paraná, lido pelo General Plínio Tourinho.
13. A posse do governo provisório do Paraná.
14. O illustre General Mario Tourinho, actual interventor no Paraná.
15. Dois valores da revolução em actividade na São Paulo - Rio Grande.
16. O glorioso Batalhão João Pessoa embarca para o litoral e vae construir a invicta vanguarda do setor leste, forçando a tomada de Santos.
17. Adeus!
18. Todos elles partem para front com pena dos que ficam e os comboios se sucedem continuamente, conduzindo tropas rumo a Itararé.
19. Tropas Gauchas, em pleno renascimento neo-farroupilha, atravessam o Paraná e se dirigem para os setores de Itararé e Ribeira, conduzidos pelo anseio heróico de salvar a República.
20. O mais pequeno herói gaúcho, de 12 anos, que esteve no front.

Rolo 2 -

21. São tantos os comboios que as caixas d'água quase morrem de sede.
22. Não querem embarcar. Estão emperrados. Devem ser membros do P.R.P.
23. Curytiba recebe um contingente de fuzileiros navaes, os primeiros prisioneiros da campanha libertadora.
24. Um deles declara a um jornalista que "não pensei que a coisa fosse tão dura, não..."
25. O General Miranda que agiu para a sublevação do 13º R.I. e o comandante da praça de Ponta Grossa.
26. O general Elisiário Paim e seu Estado Maior.
27. O Comandante da 5ª região, General Plínio Tourinho, conserta um plano de ação.
28. Estão se dando bem aqui em Curytiba, porque encontram chimarrão em toda parte - são as forças gaúchas.
29. Aproxima-se a vitória - o presidente Getúlio Vargas deixa Porto Alegre e vai para o front.
30. O discurso de saudações aos paranaenses do gaúcho Maciel Junior, que fala em nome do presidente Getúlio Vargas.
31. O imponente Big Parade, pela rua XV de novembro o pulmão da moderna metrópole.
32. Getúlio Vargas externa o programa da revolução.
33. Ascendemos à revolução contra a tirania e não tomemos o espírito da maldade, truculência ou ódio. A hora reconstitutiva nos impõe, serena e imparcial, tomada de contas aos fraudulentos da fortuna nacional. A vitória nos acena e perto está.
34. Em direto contato com o povo, o presidente Getúlio Vargas percorre as ruas como bom democrata que é.

35. Escoteiros Curytibanos estendem homenagens ao generallíssimo.
36. A mulher paranaense também toma parte destacada no movimento cívico - duas de suas organizações o Café João Pessoa e o Chimarrão Getúlio Vargas, são visitados pelo illustre estadista.
37. Embarca para Santa Catarina o capitão Arnaldo Macedo onde toma posse provisória do governo.

Rolo 3 -

38. Sentido! É o Batalhão Flores da Cunha.
39. General Flores da Cunha e seu comando.
40. Perfilem-se. O Estado Maior das Forças Nacionais com seu illustre Chefe General Góes Monteiro.
41. Suas botas vão ficar como espelho, sr. tenente.
42. Vae ter início o combate: É um heróico contingente revolucionário que vae rechazar as cattetistas.
43. Fogo! Viva a Revolução Nacional!
44. Avançar! É o combate renhido que se trava.
45. Pop, Pop, Pop, rajadas de metralhadoras.
46. As tropas da victoria tomam terreno.
47. Entram em ação também as granadas de mão.
48. Estação de Jaguariaíva, quartel general de Miguel Costa
49. O General Miguel Costa, comandante em chefe das forças que atacará Itararé.
50. O Estado Maior do Coronel Baptista Luzardo.
51. Baptista Luzardo: O Glorioso tribuno e guerreiro.
52. Asas no espaço.
Serão revolucionários?

Não, são revolucionários.

Até o momento de poderem aderir.

53. Máscaras contra gases asfixiantes usadas pelas forças paranaenses na vanguarda. Ação beligerante no setor de Itararé.
54. Paz.
55. Viva o Brasil Redimido!
56. Paz - que a 24 de outubro canta a heróica da nacionalidade.
57. Itararé - a história irá assinalar como o marco da vitória.
58. O lança-minas a terrível arma de guerra.
59. Gloriosa tropa de vanguarda! 3º Batalhão de P.C. o primeiro batalhão que entrou em Itararé.
60. Trincheiras construídas por legalistas na resistência de Itararé.
61. Exércitos desmantelados ante a invasão dos vanguardeiros da nacionalidade.
62. Locomotivas que os legalistas fizeram tombar em Itararé.
63. Itararé no dia da grande vitória das armas revolucionárias.
64. Vitória das forças bandeirantes em Itararé - mulheres entregam flores e bandeiras às primeiras forças revolucionárias que penetram em território paulista.

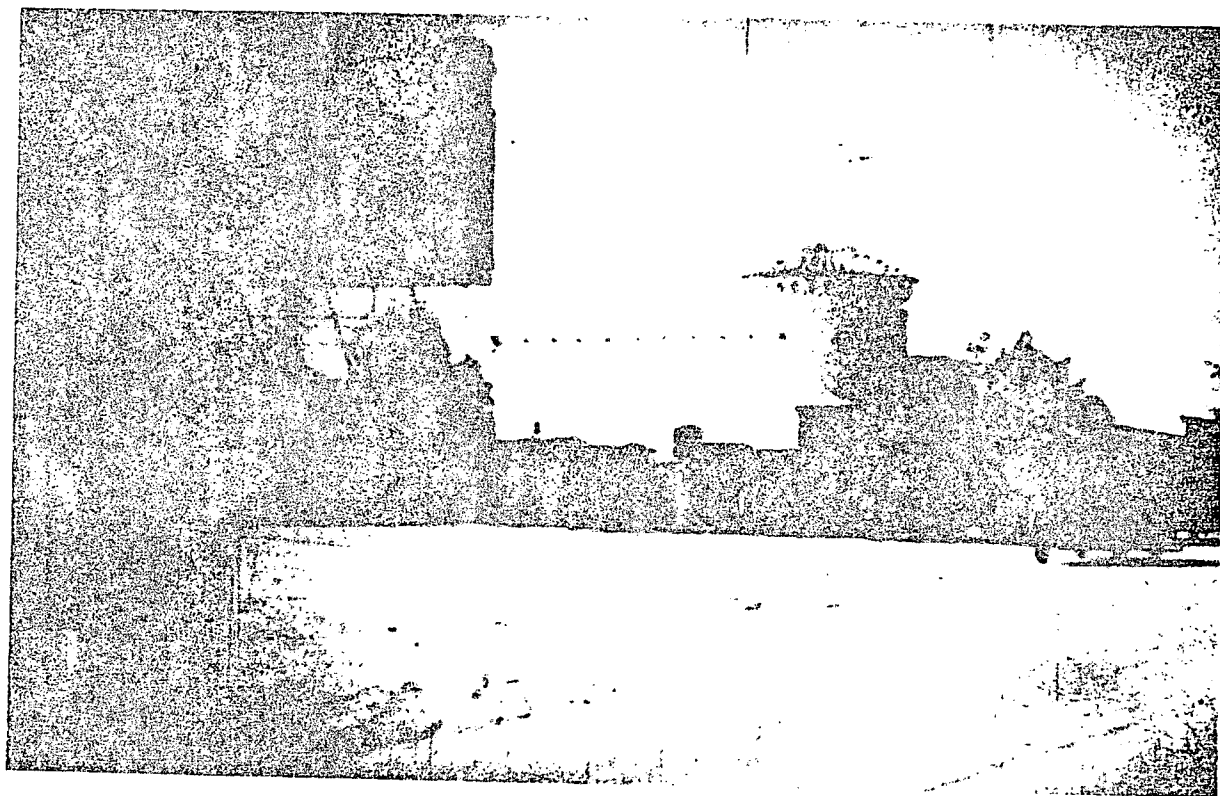
Rolo 4 -

64. Estes venceriam os cowboys americanos - é um cossaco, o outro é guasca... e os dois são brasileiros.
65. Acampamento das tropas feito pelos vasos de guerra legalistas nos arredores de Florianópolis.
66. Não há tempo de escanhoar e a freguesia não exige loções - é o barbeiro de campanha.

67. Capitão Barbosa Lima, comandantes da Praça de Itararé depois da vitória.
68. General João Alberto chega a Itararé sob aclamações.
69. Chegada do 15º Batalhão de Combate comandado pelo Capitão Menna Barreto.
70. Este é o mito gaúcho da arrancada invicta: Adalberto Correa.
71. Assis Chateaubriand, que teve pela imprensa atuação saliente em prol da cruzada redentora, em palestra com um político em Itararé.
72. Um dos bravos, Capitão Alexino Amorety, 13º Batalhão de Combate e 9º Regimento ocuparam Itararé.
73. A cidade de Itararé recepciona com demonstração de entusiasmo cívico o presidente Getúlio Vargas.
74. Rumo ao Catete.
75. Aliam-se glorificamente o triumphador clichê de entusiasmo pela sacrossanta causa brasileira.
76. Um contingente do 15º B.C. guardando o Consulado Inglês em São Paulo.
Adivinhe quem está lá dentro?
É o seu Julinho.
77. Getúlio Vargas é eleito pelo povo generalíssimo da revolução libertadora da Pátria.
78. A cidade vai receber o triumphador, síntese do patriotismo brasileiro.
79. Ouviram do Ipiranga as margens plácidas.
80. Getúlio Vargas saúda o povo carioca no dia da posse.
81. Empenho pelo povo e para o povo as rédeas da máxima orientação do país.
82. Simões Lopes, glorioso batalhador cívico da política riograndense.

83. A volta dos líderes da revolução.
84. O trabalho do grande João Pessoa. É o filho do heroe que vão ver.
85. Oswaldo Aranha, homem-símbolo da grande arrancada cívica e Baptista Luzardo.
86. O homem-tempestade, que a gente tinha a impressão que percorria o Norte dentro de um enorme projétil - Juarez Távora.
87. Forte de Copacabana, onde este preso o ex-presidente da República.
88. Capitão Pradel, comandante do Forte.
89. Getúlio Vargas, sua senhora e Oswaldo Aranha cultuam a memória do heroe da Paraíba.
90. Sobre este túmulo vae se erguer o pedestal de uma nova República. Oswaldo Aranha.
91. Para perpetuar o heroísmo do filho da Paraíba, os estados brasileiros prestam sua homenagem.
92. João Pessoa - alma mater da redenção da Pátria.

Obs.: No filme as legendas não estão numeradas.



"HOLLYWOOD STUDIOS"

ARTHUR ROGGE

FILME DE ARTHUR ROGGE

HOLLYWOOD STUDIOS - 2 partes

16mm - 24 quadros - P/B - mudo - duração: 9 minutos.

Ano de realização: 1929.

Local de produção: Estados Unidos

Legendas: 1 - SEWARD STREET

2 - NINE STREET

3 - NORMANDIE AVENUE

4 - JUNE STREET

5 - HAHUENGA

6 - WERMONT BOULEVARD

7 - WESTERN AVENUE

8 - WILLIAM FOX STUDIOS

9 - BEN BARTD

10 - OLIVE BORDEN

11 - George O'Brien no seu trening diário, no
Athletic Club

12 - George O'Brien é um actor e um atleta; como
ator é admirado em todo o mundo, como atleta
não pode dispensar o uso do matte do Paraná.

13 - OS VENCEDORES DO CONCURSO PHOTOGENICO DA FOX

13a- DO BRASIL

13b- OLYMPIO GUILHERME

14 - LIA TORA

15 - DA HESPANHA

15a- ANTONIO CUMELLAS



"HOLLYWOOD STUDIOS"

ARTHUR ROGGE

E MARIA CASAJUANA

- 16 - Antonio Cumellas foi endereçado para Hollywood,
mas talvez vá parar no Alligator Farm...
- 17 - DA ITALIA
- 17a- ALBERTO RABAGLIATI
- 18 - MARCELA BATELINE
- 19 - L.S. Marinho e Senhora, representante da "Cine
Arte" em Hollywood.
- 20 - Paulo Portanova, artista brasileiro, natural
de São Paulo e que apareceu em diversos films
inclusive "A Arca de Noé".
- 21 - CHARLIE CHAPLIN STUDIO.
- 22 - BUSTER KEATON STUDIO
- 23 - CALIFORNIA STUDIO
- 24 - BEACHWOOD STREET
- 25 - CHADWICK STUDIO
- 26 - COLUMBIA STUDIO
- 27 - OS "EXTRAS" NA PORTA DO STUDIO, ESPERANDO
UMA OPPORTUNIDADE PARA DEFENDER O PICADINHO.
- 28 - JEANNE NAVELLE STUDIO
- 29 - Cinema School
Escola de Cinema
- 30 - U.M. Dailey Studio
- 31 - Universal Studios

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGEL, Henri. Estética do cinema. S.Paulo, Cultrix, 1957, 95p.
2. AMENGUAL, Berthélemy. Chaves do cinema. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971, 173p.
3. ARAÚJO, Vicente de Paula. Salões, Circos e Cinema em S.Paulo. S. Paulo, Perspectivas, 1981, 353p.
4. _____. A bela época do cinema brasileiro. S.Paulo, Perspectiva, 1976, 418p.
5. ARMES, Roy. Panorama histórico del cine. Madrid, Editorial Fundamentos, 1974, 274p.
6. BACK, Silvio. Cinema Paranaense? Texto do arquivo da Cinemateca do Museu Guido Viaro, Curitiba, Pr. Reprodução de artigo publicado na revista Panorama de Curitiba, 1968.
7. BALHANA, Altiva Pilatti et alli. História do Paraná. Curitiba, Grafipar, 1969, volume 1, 277p.
8. BARRO, Máximo. A primeira sessão de cinema em S.Paulo. S.Paulo, Ed. do autor, 120p.
9. BAZIN, André. Que és el cine? Madri, Ed. Rialp, 1966.
10. BERNARDET, Jean Claude. Brasil em tempo de cinema. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, 190p.
11. _____. Filmografia do cinema brasileiro 1900-1935: Jornal O Estado de S.Paulo. S.Paulo, Secretaria da Cultura/Comissão de cinema, 1979.
12. _____. O que é cinema. S.Paulo, Brasiliense, 1981, 117p.
13. _____. Cinema brasileiro, propostas para uma história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, 103p.
14. _____. A guerra camponesa no Contestado. S.Paulo, Global, 1979, 128p.

15. BERNARDET, Jean Claude e GALVÃO, Maria Rita. Cinema, o nacional e o popular na cultura brasileira. S.Paulo, Brasiliense/Embrafilme, 1983, 266p.
16. BOLETIM da Prefeitura Municipal de Curitiba - artigo: Cinelândia Curitibana.
17. CABRAL, Oswaldo. Memórias I. Nossa Senhora do Desterro.
18. CALIL, Carlos Augusto, org. Cinemateca imaginária: cinema e memória. Rio de Janeiro, Embrafilme, 1981, 160p.
19. CANEVACCI, Massimo. Antropologia do cinema. S.Paulo, Brasiliense, 1984, 176p.
20. CAPUZZO, Heitor. Cinema e aventura do sonho. S.Paulo, Cia. Edit. Nacional, 1986, 117p.
21. COSTA, Antonio. Compreender o cinema. Rio de Janeiro, Globo, 1987, 271p.
22. COSTA, Selda Vale. Filmes brasileiros exibidos em Manaus - Amazonas 1907-1912. Arquivos da autora. Pesquisa não publicada.
23. COSTA, Selda Vale e LOBO, Narciso Julio Freire. Hoje tem Guarany. S.Paulo, Ed. dos autores, 1983, 196p.
24. COUTINHO, Evaldo. A imagem autônoma: ensaio de teoria do cinema. Recife, Ed. Universitária/Universidade Federal de Pernambuco, 1972, 299p.
25. DELEUZE, Gilles. Cinema, a imagem em movimento. S.Paulo, Brasiliense, 1985, 266p.
26. ERNST, Wolfgang. Cinema and historical discourse In: Journal of contemporary history. Londres, 1983, vol.18, n.3, p.397.
27. GALDINO, Márcio da Rocha. Minas Gerais, ensaio de filmografia. Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1983, 430p.
28. GALVÃO, Maria Rita Eliezer. Crônica do cinema paulistano. S.Paulo, Ática, 1975, 333p.
29. GOMES, Paulo Emilio Salles. Cinema Trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Embrafilme/Paz e Terra, 1980, 87p.
30. _____. Crítica de Cinema no Suplemento Literário. Volume 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra/Embrafilme, 1981, 502p.
31. _____. Crítica de cinema no Suplemento Literário. Volume 2. Paz e Terra/Embrafilme, Rio de Janeiro, 1982, 482p.

32. GOMES, Paulo Emilio Salles. Paulo Emilio, um intelectual na linha de frente. Coletânea de Textos organizada por CALIL, Carlos Augusto Machado. Rio de Janeiro/S.Paulo. Embrafilme/Brasiliense, 1986, 401p.
33. HARBACK, Estevão R.V. Em Hollywood, 1º filme do Paraná artigo no jornal Gazeta do Povo, Curitiba, Pr. 11.07 de 1976.
34. HENNEBELLE, Guy. Os cinemas nacionais contra Hollywood. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, 247p.
35. HISTÓRIA. Questões e Debates. Revista da Associação Paranaense de História. Curitiba, Paraná.
36. HISTÓRIA e Historiografia. Contribuições ao debate. Revista do Programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de S.Paulo. Junho/1985.
37. ISMAEL, J.C, Cinema e Circunstância. São Paulo, S.Paulo Editora S/A. 1965, 145p.
38. FAVRE, Lucien. Histoire sociale du temps presents: les journalistes In: Annales d'histoire economique et sociale. Paris, 1930, p.129.
39. FERRO, Marc. L'histoire sous surveillance Science et concience de l'histoire. Paris, Calmain - Levy, 1985.
40. _____. Film as un agent. Product and source of history. In: Journal of contemporary history. Londres, Sage Publications, vol. 18, n.3, 1983, p.357.
41. _____. Le film, une contre analyse de la societé? In: Annales, Paris, 1973, nº1, p.109.
42. _____. Societé du XX siècle et histoire cinematografique In: Annales, Paris, 23ºanné, 1968, p.581.
43. GARÇON, François. Cinema et histoire: les trois discours du Juif Suss In: Annales, Paris, 34º anné, nº4, 1979, p.694.
44. GUIA DE FILMES. Produzidos no Brasil entre 1897-1910. Primeiro Fascículo da Série Filmografia Brasileira organizada por QUEIROZ, Eliana. Publicação EMBRAFILME, Rio de Janeiro, 1984, 82p.
45. GUIA DE FILMES. Produzidos no Brasil entre 1911 e 1920. Segundo Fascículo da série Filmografia Brasileira, organizada por QUEIROZ, Eliana. Publicação EMBRAFILME, Rio de Janeiro, 1985, 94p.
46. GUIA DE FILMES. Produzidos no Brasil entre 1921-1925. Terceiro Fascículo da série Filmografia brasileira, organizada por QUEIROZ, Eliana. Publicação EMBRAFILME, Rio de Janeiro, 1987, 105p.
47. JEANNE, René e FORD, Charles. História Ilustrada del cine. Volume 1, El cine mudo (1895-1930), Madrid, Alianza Editorial, 1981, 343p.

48. _____. História Ilustrada del cine. Volume 2, El cine sonoro (1927-1945), Madrid, Aliança Editorial, 1981, 354p.
49. KANO, Clara e ALVETTI, Celina. Pátria Redimida um filme revolucionário In: Cinema Brasileiro 8 estudos. EMBRAFILME/FUNARTE, 1980 232p.
50. LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. História: novos objetos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, 238p.
51. METZ, Christian. A significação do cinema. S. Paulo, Perspectiva, 1972, 295p.
52. MORIN, Edgar. O cinema ou o homem imaginário. Lisboa, Moraes Editores, 1980, 203p.
53. NASCIMENTO, Hêlio. Cinema brasileiro. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1972, 120p.
54. NASCIMENTO, Noel. A revolução brasileira e lutas sociais no Paraná. Curitiba, Ed. Beija Flor, 1983, 121p.
55. NAUDIN, Ana Maria. Cine y teatro. Barcelona, Editorial Sopena, 1969, 605p.
56. PESQUISA: Chegada do cinema ao nordeste e à Amazônia. Arquivos da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
57. PFEIL, Antonio de Jesus. Referências sobre as primeiras exibições e filmagens no Rio Grande do Sul. Canoas, Arquivo do autor, 1975.
58. PITHON, Remy. Le film comme document historique et sociologique. Quelques réflexions methodologiques et critiques.
59. PARANAGUÁ, Paulo Antonio, organizador. Le cinema bresilien. Paris, Centre Georges Pompidou, 1987, 323p.
60. ROMAGUERA, Joaquim e RIAMBAU, Esteve. La história y el cine. Barcelona, Editorial Fontamara, 1983, 254p.
61. SABOIA, América da Costa. Curitiba da minha saudade. 1904-1914. Curitiba, Ed. da autora, 1978, 93p.
62. SADOUL, Georges. História do cinema mundial I. Lisboa, Livros Horizonte, 1983.
63. _____. História do cinema mundial II. Lisboa, Livros Horizontes, 1983.
64. _____. História do cinema mundial III. Lisboa. Livros Horizontes, 1983.
65. SOUZA, Carlos Roberto. A fascinante aventura do cinema brasileiro. S. Paulo, Cinemateca Brasileira, 1981, 106p.
66. SORLIN, Pierre. Annalyse du film, annalyse des societê (comentários sobre o livro de Mar Ferro) In: Annâles, Paris, 1978, nº4, p.137.
67. STECZ, Solange e KARAM, Elizabeth. Com Annibal Requião nasce o cinema no Paraná. In: Cinema brasileiro 8 estudos. EMBRAFILME/FUNARTE, 1980, Rio de Janeiro, 230p.

68. STECZ, Solange. Referências sobre exibições e filmagens cinematográficas em Curitiba 1892-1907. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1976. 19p.
69. STECZ, Solange. Referências sobre exibições e filmagens cinematográficas em Curitiba 1908-1930. Pesquisa não publicada, realizada para a Cinemateca do Museu Guido Viaro, Curitiba, Pr. arquivos da autora.
70. SKLAR, Robert. A história social do cinema americano. S.Paulo, Cultrix, 1978.
71. TADDEI, Nazareno. Leitura estrutural do filme. S.Paulo, Ed. Loyola 1981, 118p.
72. TUDOR, Andrew. Cine y comunicacion Social. Barcelona, Editorial Gustavo Gilli, 1975, 288p.
73. VIANNY, Alex. Introdução ao cinema brasileiro. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1959.
74. XAVIER, Ismail. Sétima arte um culto moderno. S.Paulo, Perspectiva, 1978, 275p.
75. _____. A experiência do cinema (org). Rio de Janeiro, Graal/EMBRAFILME, 1983, 475p.
76. _____. O discurso cinematográfico. A opacidade e a transparência. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, 151p.
77. XAVIER, Valêncio. Cinema paranaense. Artigo publicado na revista Referência em Planejamento, Curitiba, 1981, p.11-20.
78. WASCHOWICZ, Ruy. História do Paraná. Curitiba, Ed. dos Professores, 1967.
79. WOLLEN, Peter. Signos e Significação no cinema. Lisboa, Livros Horizonte, 1979, 175p.